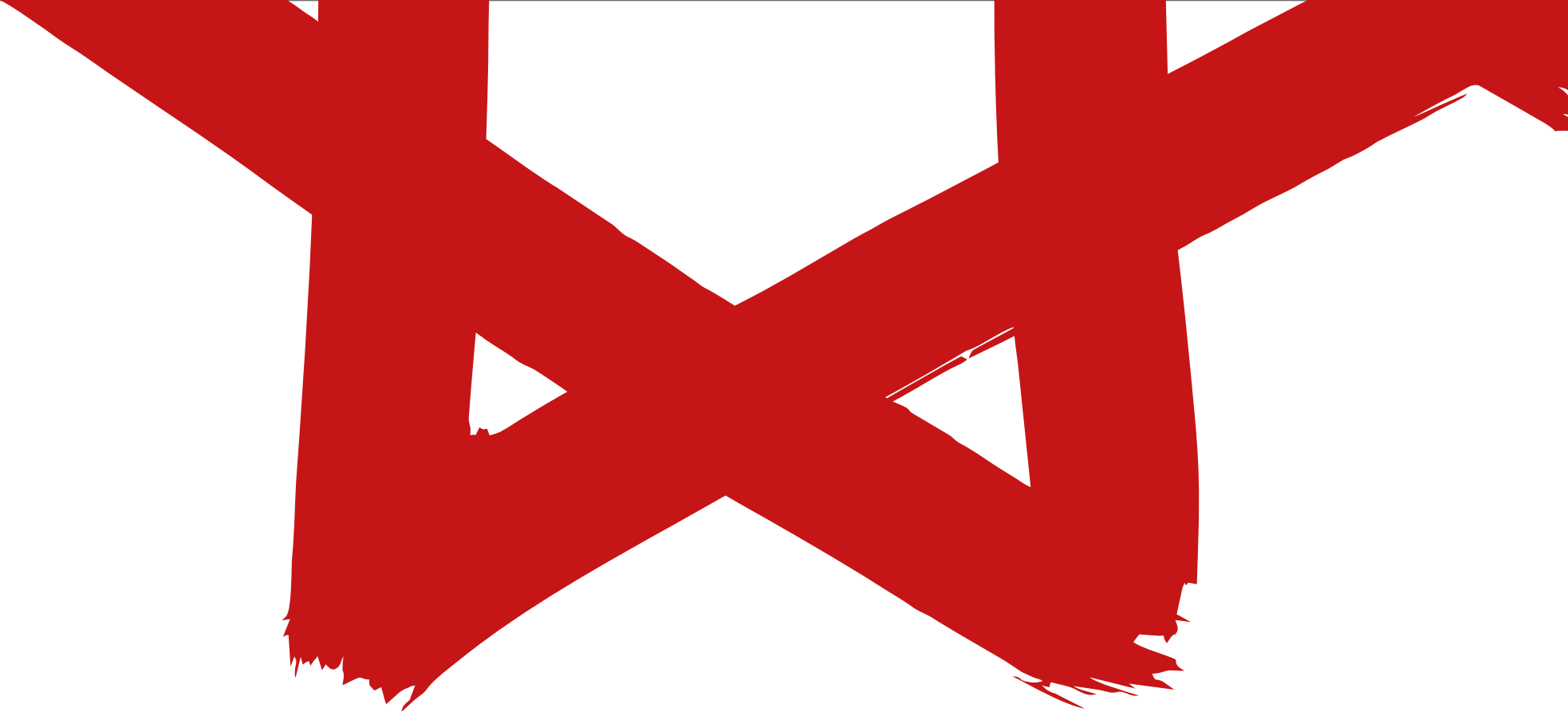
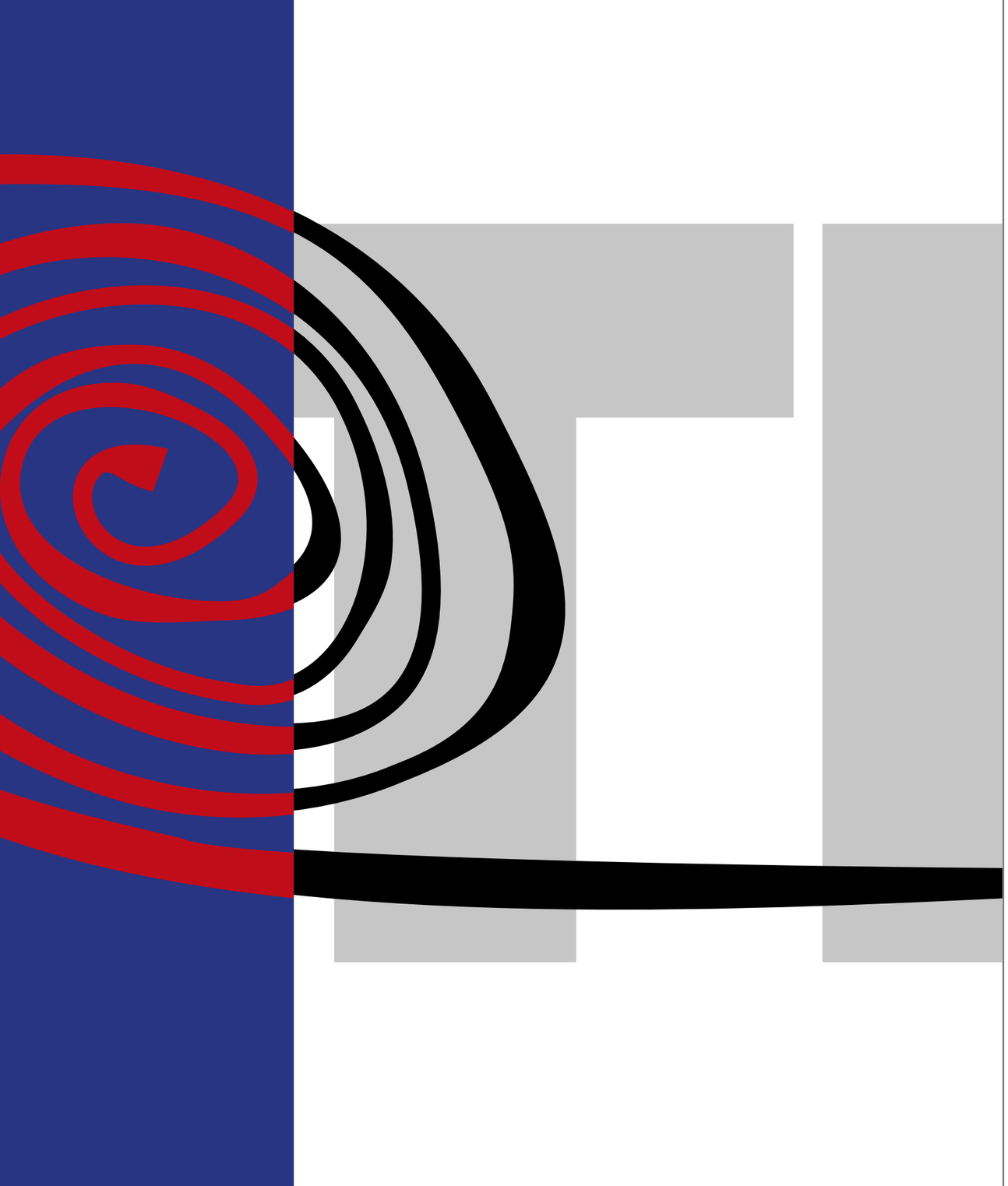


TERREIRO DO PAI MANECO

UMBANDA PÉS NO CHÃO



Sociedade Espiritualista Edmundo Rodrigues Ferro

TERREIRO DO PAI MANECO:

UMBANDA PÉS NO CHÃO

CURITIBA
2019

M538u Mendes, Maria Cristina.

Terreiro do Pai Maneco: Umbanda pés no chão / Maria Cristina Mendes, Laércio Ricardo Mattana Carollo et. al. Curitiba: edição do autor,2019. 182p.

ISBN: 978 -85-917702-1-2

1.Cultura. 2.Umbanda. 3.Religião.

CDD:306
CDU:299

Prefácio

Nós umbandistas somos livres: não temos uma Bíblia ou um livro sagrado. Nossa religião, portanto, não é codificada. Cada casa tem seus dogmas e se existe diversidade, somos repletos dela.

Uma casa de Umbanda, porém, tem seus princípios e sua filosofia. Regras, sim. Quem não gosta delas deve procurar outra religião. É antiético fazer parte de um Terreiro e praticar rituais que não condizem com o que aquele Terreiro prega.

Ao longo de trinta anos, o Terreiro do Pai Maneco foi naturalmente se moldando até chegar ao conteúdo da atual publicação. Algumas regras são espirituais e outras materiais, todas criadas com o intuito de que os médiuns da casa falem a mesma língua. Não temos segredos, falamos e praticamos nosso credo abertamente, sem nunca fazermos as tais mirongas de Terreiro a portas fechadas.

O conteúdo do livro foi organizado através de consultas as nossas próprias fontes, já que este é um material destinado para aqueles que seguem nossa filosofia. O livro é dirigido aos praticantes da Umbanda Pés no Chão, ensinada por Pai Fernando, sob a inspiração do grande Pai Maneco.

Considero importante enfatizar ainda que a escrita foi realizada por diversas mãos, tendo começado pelo Grupo de Estudos, através de questionários, observações, práticas mediúnicas e reuniões. Depois de muitas revisões, convidei algumas pessoas para lerem e darem palpites. Estas pessoas uniram-se à equipe inicial, num trabalho cujo resultado é colocado a público.

Desejo que tenham uma boa leitura e que, de alguma maneira esta publicação possa contribuir para o desenvolvimento mediúnico de vocês.

Saravá!

Lucilia Guimarães
Dirigente Geral do Terreiro do Pai Maneco

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

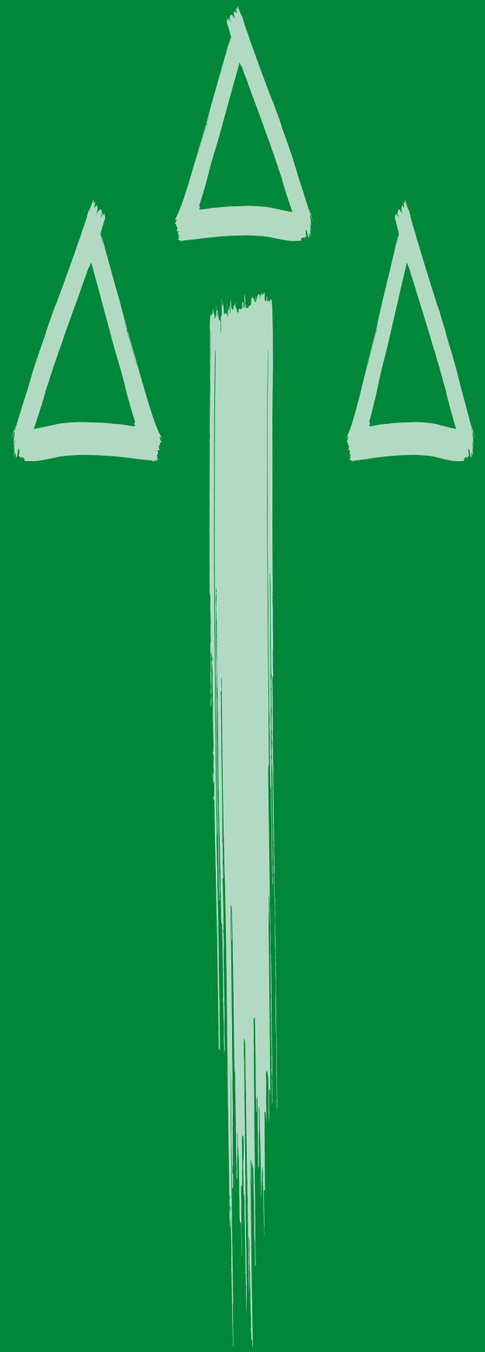
ORGANIZAÇÃO

Carolina de Castro Wanderley
Laércio Ricardo Mattana Carollo
Lucilia Mello Guimarães
Maria Cristina Mendes

Para Pai Fernando, com amor.

[...] quero lembrar que os detalhes se iniciam com os bons pensamentos, nos banhos de ervas, na concentração para o trabalho, na isenção de comer carne no dia da gira, o não uso de roupas e de sapatos que neutralizem a energia, a alegria no coração, o respeito pelos seus irmãos de corrente, o respeito pelos seus irmãos que não são da corrente e o respeito por todos aqueles que estão em volta de vocês.

Caboclo Akuan



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 14

INTRODUÇÃO 16

1. UMBANDA: sincretismo e breve contextualização histórica 18

Sincretismo Religioso e étnico 20
Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade 24
Terreiro do Pai Maneco 28

2. ORIXÁ: emanação cósmica e incorporação mediúnica 30

Oxalá 34
Ogum 35
Iemanjá 36
Oxóssi 37
Oxum 38
Xangô 39
Iansã 40
Elementais 42

3. GUIAS ESPIRITUAIS: tripé da Umbanda e Linhas Neutras 44

Tripé de fundamentação da Umbanda 46
Caboclo 48
Preto Velho 54
Exu 56
Linhas Neutras 57
Baiano 58
Boiadeiro 59
Cigano 60
Erê 61
Marinheiro 63
Mendigo 64
Oriente 65

4. QUIMBANDA: desmistificando a ideia do mal 66

Exu 70
Pombagira 72
Omolu 74
Nanã-Boruquê 76
Quiumba e Trevoso 78

5. TERREIRO: firmeza e proteção 80

Assentamento e Firmeza: algumas distinções 82
Assentamento 84
Firmeza 85
Ponto riscado 86
Tronqueira 88
Congá 89
Roncó 92
Casa dos Exus 93
Jardim dos Orixás 94
Canteiro dos Exus 95
Engoma 96
Quartilhão 98
Guia 100

6. MÉDIUM: função e organização hierárquica 104

Dirigente Geral 108
Pai e Mãe de Santo 109
Pai Pequeno e Mãe Pequena 110
Capitão e Capitã 111
Ogan 112
Samba 113
Cambone 114
Assistência 116

7. TRABALHO: giras e rituais 118

Gira 120
Giras de Desenvolvimento, de Animais e Festivas 124
Ritos Específicos 126
Jogo de Obi 127
Cruzamento 130
Amaci 131
Maçarocada 133
Obrigação 134
Batismo 136
Casamento 138
Velório 140
Desenergização 142
Amalá 144

8. TRABALHO: elementos e atitudes 146

Ervas 150
Banho de ervas 154
Defumação 155
Ponto cantado 156
Pemba 160
Ponteiro 161
Vela 162
Fumo 163
Álcool 164
Pólvora 165
Chacras 166
Vestuário 168
Cumprimentos e Posturas 170
Elementos permitidos e proibidos 173

CONSIDERAÇÕES FINAIS 176

REFERÊNCIAS 178

EQUIPE EDITORIAL 183

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

Apresentação

O Grupo de Estudos foi criado com o intuito de pesquisar e desenvolver os temas de interesse do Terreiro do Pai Maneco e apresentá-los à Diretoria Espiritual, para que esta pudesse analisá-los, adequá-los e, finalmente, divulgá-los à sua coletividade.

Como a Umbanda é uma religião relativamente nova e sem uma codificação, existem diversos entendimentos e modos de praticá-la, nenhum errado porque não há um só parâmetro. O Terreiro do Pai Maneco pratica a Umbanda da mesma forma há mais de trinta anos e com a mesma filosofia: Umbanda Pés no Chão, difundida pelo saudoso Pai Fernando de Ogum.

Neste período o Terreiro do Pai Maneco amealhou muitos adeptos passando de vinte para mais de dois mil médiuns; de uma gira semanal para mais de dez giras semanais; de um Pai de Santo para mais de dez.

Embora todos os médiuns e os Pais e as Mães de Santo sigam a mesma orientação, a multiplicidade de interpretações e de ritos gera confusões sobre qual seria a melhor maneira de praticar a Umbanda ou discussões do porquê de tal coisa.

Em meados de 2016, a Mãe Lucilia de Iemanjá solicitou ao Grupo de Estudos que, dentro dos ensinamentos do Terreiro do Pai Maneco (livros de Pai Fernando, blog, palestras, jornais e outras divulgações), filtrasse e apresentasse uma minuta de texto mais dinâmica e atual sobre a Umbanda praticada no Terreiro.

Ao longo de mais de dois anos nos reunimos e sintetizamos as informações; evidentemente que o texto causou polêmicas, porque com o passar dos anos, as visões dos diversos Pais e Mães de Santos e os próprios rituais sofreram modificações. Porém, era um dos objetivos de Mãe Lucilia de Iemanjá, criar a discussão para uniformizar o ritual. Discutido e apreciado pela hierarquia, finalmente, o texto foi concluído e agora é apresentado de forma tangível como a orientação da Umbanda que praticamos.

Laércio Ricardo Mattana Carollo
Coordenador do Grupo de Estudos TPM

Introdução

[1] [...] A Umbanda é paz e amor [...].

Aliar prática umbandista e conhecimento teórico é uma das questões, que, certamente, ocupa boa parte de nossas reflexões. Este livro, uma tentativa de minorar o hiato entre teoria e prática, é o resultado da compilação de informações básicas sobre a Umbanda praticada no Terreiro do Pai Maneco.

A pesquisa foi inicialmente desenvolvida pelo Grupo de Estudos do Terreiro e gerou polêmicas ao levantar questões controversas, incitando enriquecedoras discussões.

O resultado de tais discussões, de saída, justifica o esforço para chegarmos a um consenso acerca do conteúdo da publicação. A elaboração do livro traz a oportunidade de revermos conceitos e repensarmos questões sobre a Umbanda, numa espécie de revisão das diretrizes adotadas nos trinta anos de existência do Terreiro.

A Umbanda é uma religião com pouco mais de cem anos e sua doutrina possui variações nas diversas casas onde é praticada. Esta multiplicidade de ritos e diferenças de cultos é característica das antigas comunidades tribais, as quais mantinham pequenos grupos com tradições específicas. O caráter antropológico das giras, contudo, é uma das lacunas textuais, que assim como outras tantas, se justificam pela abordagem introdutória ao tema.

Fundado por Pai Fernando, filho de Ogum, os filhos do Terreiro do Pai Maneco praticam o respeito mútuo, a caridade e o amor fraterno como formas de evolução humana. Acreditamos na reencarnação e na possibilidade de comunicação com os mortos. Pregamos uma Umbanda "pés no chão", simples e sem mistificações.

No **primeiro capítulo** discorremos sobre o sincretismo étnico e religioso e fazemos uma breve contextualização histórica da Umbanda, tratando de modo sucinto o surgimento da Tenda Nossa Senhora da Piedade (Rio de Janeiro, 1908) e a história do Terreiro do Pai Maneco (Curitiba, 1987).

No **segundo capítulo** explicamos o que é um Orixá, incluindo sua origem cósmica e a incorporação de entidades. Explicitamos características dos sete Orixás cultuados no Terreiro do Pai Maneco e encerramos com alguns esclarecimentos acerca dos seres elementais.

[1] As epígrafes são trechos de pontos cantados, disponíveis no site do Terreiro e no livro O Canto e os Orixás (MENDES, 2014). As exceções estão devidamente identificadas.

No **terceiro capítulo**, discorremos sobre o tripé de fundamentação da Umbanda: Caboclo, Preto Velho e Exu, definindo também características das Linhas Neutras: Boiadeiro, Baiano, Cigano, Erê, Marinheiro, Mendigo e Oriente.

No **quarto capítulo** elucidamos características da Quimbanda, trazendo explicações sobre Exu, Pombagira, Omulu, Nanã Buruquê, Quiumba e Trevoso. Por ser o aspecto mais controverso da Umbanda, seu equivalente especular e fonte de equilíbrio, procuramos esclarecer e desmistificar a persona do Exu e seu equivalente feminino, a Pombagira, colocando-os como espíritos que obedecem ao comando do Preto Velho e do Caboclo.

No **quinto capítulo** explicitamos as Firmezas do Terreiro, identificando locais ou objetos sagrados do ritual, tais como ponto riscado, Tronqueira, Congá, Roncó, Quartilhão e outros, incluindo o uso das guias, espécies de colares consagrados que são utilizados pelos médiuns. Estes elementos estabelecem pontos de força energéticos, os quais devem ser familiares aos adeptos da casa.

No **sexto capítulo** especificamos a composição hierárquica dos médiuns do Terreiro, com o intuito de assinalar o valor de cada filho, pois independentemente da função exercida, cada membro do Terreiro, como Pai Maneco gostava de mencionar, "é uma pérola no grande colar espiritual da casa." Muito embora as responsabilidades de cada um sejam distintas, os trabalhos funcionam justamente em função da contribuição energética de cada pessoa que desempenha sua função com atenção, dedicação e concentração.

No **sétimo capítulo** evidenciamos as características da gira, mencionando ainda os trabalhos festivos e rituais específicos, tais como jogo do Obi, Amaci e Obrigação. É o capítulo mais extenso por abranger, além dos trabalhos semanalmente realizados, questões concernentes à jornada do médium na Umbanda.

No **oitavo e último capítulo** discorremos sobre os demais elementos importantes para as giras, especificando as características das ervas usadas pelas entidades. Enfatizamos o valor agregador dos pontos cantados pela corrente, correlacionamos o conceito de chacra ao passe mediúnico e explicamos, ainda, o uso do álcool, do fumo, da pemba e da pólvora. Encerramos o capítulo com orientações sobre o vestuário adequado para os médiuns e indicamos os cumprimentos mais usuais utilizados por médiuns e espíritos no Terreiro do Pai Maneco.

Nossas fontes são as publicações anteriores e o site do Terreiro do Pai Maneco, o blog de Pai Fernando, bem como os jornais publicados em anos anteriores. No meio do caminho, são acrescentados depoimentos de entidades incorporadas pelo Pai Fernando, evidenciando a riqueza de material disponível para estudo.

Ressaltamos, uma vez mais, que cada Terreiro de Umbanda tem diretrizes específicas. Não queremos impor nosso modo de trabalhar a religiosidade, procuramos simplesmente atender ao pedido dos filhos da casa, desejosos de compreender um pouco mais sobre a nossa filosofia.

1. UMBANDA:

sincretismo e breve contextualização histórica

Quando os caboclos trazem as folhas da Jurema
E os Pretos Velhos trazem arruda e guiné
Eles vêm trabalhar na Lei da Umbanda
Tem licença de Aruanda
Para salvar a quem tem fé [...].

Iniciar a abordagem de determinado tema com a definição etimológica é um expediente dos mais comuns na construção de textos. Contudo, devido à multiplicidade de entendimentos sobre a Umbanda, consideramos necessário partir da origem da palavra rumo a seus possíveis significados.

O quimbundo, origem da palavra Umbanda, é a língua dos bantos de Angola; os dicionários e sites de pesquisa informam que o termo u'mana surge da união do "u", que é um prefixo para designar a abstração, e "mana", que significa regra ou norma. Conforme percebemos, trata-se de um conjunto de preceitos ou procedimentos sobre o abstrato, ou seja, um manejo do abstrato, do desconhecido. Portanto, cabe perfeitamente entender a palavra Umbanda como o meio de contato com a dimensão transcendente da existência. Alguns Terreiros de Umbanda, contudo, fixam a origem do termo no sânscrito aum-bandha; cujo significado seria o limite no ilimitado. A palavra Umbanda seria, portanto, um termo místico, litúrgico e sagrado, vibrando em sintonia com primitivos alfabetos.

Em ambos os casos, do quimbundo de Angola ao sânscrito ancestral, o significado acaba por coincidir, ao tratar de algo que transcende as limitações do usualmente conhecido. Religião criada no Brasil e propagada pelos espíritos, a Umbanda, coerentemente com os significados anteriormente atribuídos ao termo, trata do contato com aquilo que está além dos limites, com o que vai além do racional.

As pesquisas sobre a Umbanda têm crescido significativamente nos últimos anos. Alguns trabalhos tentam conectar a extensa rede de Terreiros do Brasil e do exterior na tentativa de evidenciar uma mesma raiz; outros pontuam o caráter complexo da religião, cujos Terreiros parecem surgir tanto por desígnio espiritual quanto por vontade terrena.

Algumas pesquisas, por sua vez, partem de conteúdos umbandistas para estabelecer relações interdisciplinares com a cultura, a educação ou a sociologia, evidenciando a relevância dos estudos umbandistas.

Para nós, dois trechos da história interessam neste momento: a criação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, que marca o início da Umbanda, no Rio de janeiro e o Terreiro do Pai Maneco, em Curitiba, para cujos filhos o livro é elaborado. No entanto, antes de abordarmos o aspecto histórico da Umbanda, consideramos importante trazer algumas características do sincretismo que permeia nossa religião.

SINCRETISMO RELIGIOSO E ÉTNICO

[...] Oxóssi Orixá das matas
É o mesmo São Sebastião
Iemanjá é a Nossa Senhora da Conceição [...].

O sincretismo remete a discussões acerca da inter-relação entre diversos aspectos humanos, ou seja, a temas que percorrem caminhos híbridos, mestiços, ou contaminados. Faz parte do campo de pesquisa que, concernente a aspectos socioculturais, enriquece a história e as narrativas contemporâneas. Implica, ainda, o afastamento do conceito de essência, na evidência de crescente manifestação integradora da humanidade.

Termo complexo e controverso, o sincretismo nos é familiar na observação das relações estabelecidas entre Orixás africanos e santos católicos. Pois tanto as imagens quanto as histórias das vidas dos santos, foram apropriadas por africanos escravizados, os quais, para escapar do castigo, cultuavam seus Orixás nos simulacros católicos. Por mais combatidas que tais analogias possam ser em determinados grupos afro-brasileiros, consideramos importante a possibilidade de associação de uma força cósmica, o Orixá, a uma personalidade cultuada no catolicismo. A primeira relação sincrética seria, portanto, a de cultos africanos e catolicismo, transmutada na forma do trabalho espiritual dos Pretos Velhos e Pretas Velhas.

A segunda evidência sincrética também se relaciona à abordagem histórica. Sabemos que os escravos, quando conseguiam fugir, acabavam se encontrando com os índios, em relações cujos estudos jamais se esgotam, seja na formação de quilombos ou na miscigenação racial. O toque dos atabaques e a pajelança, que muitas vezes presenciamos no Terreiro, representam o contato com forças telúricas ameríndias: num solo anteriormente habitado por indígenas esta é a força nativa, conhecedora das plantas e de suas respectivas curas. A figura do Caboclo é a representação desta função sincrética.

O terceiro aspecto que caracteriza o sincretismo reside no fato de a Umbanda ser uma religião que oportuniza a manifestação de espíritos (por conceber possível e real o contato com o mundo espiritual), e ainda permitir que tais espíritos o façam com as marcas de suas encarnações anteriores. A relação estabelecida com o Espiritismo de Allan Kardec é evidente, tanto na manifestação de entidades, quanto na possibilidade de interlocução com o mundo espiritual. As características da mediunidade, ou melhor, do processo de desenvolvimento mediúnico, são tratadas na Umbanda de forma similar aos ensinamentos de Allan Kardec e de médiuns consagrados como Chico Xavier, exemplos de abnegação e de vida dedicada à caridade espiritual.

O terceiro aspecto sincrético da Umbanda residiria, portanto, na relação entre a manifestação dos Orixás, que são energias cósmicas, e espíritos de desencarnados que se comunicariam nos moldes das manifestações francesas desenvolvidas do século XIX.

De modo distinto da doutrina kardecista, contudo, os rituais não são realizados ao redor de uma mesa e a música é sempre presente, fazendo com que, diferentemente da introspecção que caracteriza a comunicação tradicional do espiritismo, as giras de Umbanda sejam mais alegres e dinâmicas. Ao ter como princípio motivador a existência e a possibilidade de contato com entes já falecidos, a Umbanda possibilita que um grande grupo de desencarnados possa falar aos que participam dos trabalhos.

Podemos dizer que a Umbanda é uma religião que acaba por resumir o sincretismo étnico do Brasil: negros, índios e brancos, além de outros grupos diversos, com seus hábitos, culturas, virtudes e dificuldades, se reúnem diante da oportunidade de aprendizagem e evolução espiritual. Na medida em que tais culturas se relacionam no bojo de uma religião, no que denominamos sincretismo étnico, este amálgama também sincretiza as visões religiosas, dando origem ao sincretismo religioso.

Neste sentido, a Umbanda tem o tempero do culto aos Orixás ou divindades ancestrais dos negros trazidos da África e um universo religioso herdado dos índios que habitavam essas terras, com suas crenças, curas e rezas.

Finalmente, possui o arcabouço religioso católico dos brancos que dominaram pela força os dois povos anteriores e a eles impingiram os nomes e as representações dos santos católicos. A matriz multifacetada da Umbanda lhe permitiu, com o passar dos anos e com o desenvolvimento de maiores estudos, a compreensão e a aplicação de conceitos orientais como chacra, pertencente às culturas orientais.

Além disso, a Umbanda foi fundada em uma sessão kardecista e ela tem reminiscências disso, percebidas na inegável assimilação de alguns preceitos e no modo de manifestação dos espíritos. A raiz cristã também fica marcada com a escolha da denominação do primeiro templo umbandista: Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em homenagem a Virgem Maria, por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e pela orientação de seguir os evangelhos.

Concluímos, portanto, que ao não seguir um código fixo, ao não possuir um órgão cartorial único, ou um líder espiritual único, a Umbanda traduz a sua mais elevada virtude: atender ao que a entidade fundadora da religião determinou, acolhendo espíritos de sabedoria das mais diversas origens e com eles aprendendo e acrescendo seu conhecimento, atendendo espíritos e a eles orientando, evoluindo sempre na caridade e na fé.

TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Vovó cochila seu cachimbo cai no chão
é no sopro da fumaça que seus inimigos vão.

Nos anos 1990, Mãe Lucilia e Pai Éder realizaram uma intensa pesquisa sobre as origens da Umbanda, a qual inclui viagens de campo e entrevistas. O resultado de tal trabalho pode ser encontrado na íntegra no site do Terreiro do Pai Maneco. Por ora, consideramos necessário e suficiente compilar o texto base, transcrevendo fragmentos da investigação histórica.

A Umbanda é fundada no dia 15 de novembro de 1908, por Zélio Fernandino de Moraes (1891-1975). Com dezessete anos de idade, ao se preparar para ingressar nas Forças Armadas, Zélio começa a falar de modo suave e diferente do usual. Descartadas as doenças físicas, é exorcizado por um padre, sem obter resultado.

Acometido por uma estranha paralisia, depois de certo tempo declara-se curado e levanta. Ao ser levado pela mãe a uma benzedeira, presencia a manifestação de um Preto Velho, o Tio Antonio, que lhe fala de mediunidade e caridade. Levado por um amigo de seu pai à Federação Espírita de Niterói tem atitudes que geram estranhamento: vai até o jardim, apanha uma rosa branca, colocando-a na mesa onde acontecia o trabalho (GARCIA e GUIMARÃES).

Gerada a confusão, a entidade questiona se a repulsa em relação a determinados espíritos seria devida a questões raciais ou sociais. Um médium vidente pergunta por que o espírito de um padre jesuíta, que emana luz, se preocuparia com espíritos culturalmente atrasados. A resposta do espírito é a seguinte:

> *Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim. (MO RAES, apud LONGAS e GUIMARÃES, s/d, s/p).*

Posteriores investigações concluíram que o padre Jesuíta seria Gabriel Malagrida (Milão, 1689 – Lisboa, 1761) e que o espírito de fala mansa que quase fez Zélio de Moraes parecer insano se denomina Pai Antônio, o Preto Velho que pede cachimbo, guia e emana humildade. No dia seguinte à primeira manifestação em Niterói, no município de São Gonçalo, o Caboclo das Sete Encruzilhadas assim inicia o culto:

> *Aqui inicia-se um novo culto em que os espíritos de pretos velhos africanos, que haviam sido escravos [...] e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como mestre supremo Cristo. (MORAES, apud LONGAS e GUIMARÃES, s/d, s/p).*

A entidade ainda determina o uso do branco nas vestimentas ritualísticas, a gratuidade dos atendimentos e o impedimento de sacrifício animal. Oxalá, Iemanjá, Ogum, Iansã, Xangô, Oxossi e Exu são as linhas de culto ditadas pelo Caboclo. O ritual não utiliza atabaques ou outros objetos como adereços e instrumentos musicais; o uso de guias é determinado com a manifestação da entidade.

O grupo que funda a Umbanda se denomina Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e tem por meta acolher encarnados e desencarnados. Dez anos depois de formada a corrente astral da Umbanda, sete outras Tendas Espíritas são fundadas: Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge e São Jerônimo.

A partir das sete Tendas iniciais, Zélio de Moraes, vê surgir mais de dez mil casas onde se pratica a Umbanda. Trabalha na Tenda Nossa Senhora da Piedade por cinquenta e cinco anos, até entregar a direção para as filhas Zélia e Zilméia. Mais tarde funda, com a esposa, a Cabana do Pai Antônio, no distrito de Boca do Mato (hoje um bairro da cidade fluminense de Cachoeiras de Macacu), onde trabalha até quando sua saúde permite. Desencarna em 1975; a última dos quatro filhos, Zilméia, vem a falecer em 2010.

Conforme observamos, a Umbanda tem início com o objetivo de permitir a incorporação de espíritos de negros, indígenas e outras minorias, as quais não tinham o direito de voz nas sessões kardecistas.

Retomamos, finalmente, a determinação já anteriormente transcrita do Caboclo das Sete Encruzilhadas no primeiro culto por ele conduzido, que acaba por definir a religião que estava sendo criada: “todas as entidades serão ouvidas, e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai” ((MORAES, apud LONGAS e GUIMARÃES, s/d, s/p).

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

TERREIRO DO PAI MANECO

[...] Essa corrente é de ferro é de aço
Com alma e coração. [...].

Fundado em 1987, por Fernando Macedo Guimarães (1937/ 2012), o Terreiro do Pai Maneco tem sua gira inaugural na casa de uma médium, permanece por mais de dez anos na Faculdade Espírita e em 1999 inaugura sua sede própria. Até 2012 a direção geral é de Pai Fernando, cargo ocupado desde então por sua filha, Lucilia Guimarães.

Adepto da prática kardecista desde a idade de vinte anos, ao visitar um Terreiro de Umbanda, cerca de vinte e cinco anos depois de ter iniciado o estudo espírita, o advogado Fernando Guimarães se encanta com a musicalidade da gira e adota a nova religião. Frequenta a Tenda Espírita São Sebastião por mais de dez anos, até o desencarne do dirigente Edmundo Rodrigues Ferro, que passara a ser, além de Pai de Santo, um estimado amigo. Pai Pequeno na Tenda São Sebastião, Pai Fernando foi cruzado Pai de Santo por Pai Luiz de Ogum, já com o objetivo de iniciar um novo grupo de trabalhos mediúnicos.

A antológica primeira gira acontece na garagem (e aqui há certa controvérsia se poderia ter sido no salão de festas) da casa da prima Gilda Máximo, que é a madrinha oficial do Terreiro e até a presente data, uma assídua participante dos trabalhos. Além da própria Gilda, os médiuns que estavam na primeira gira e permanecem no Terreiro são Lucilia Guimarães, José Carlos Bittencourt e Roberto Guimarães.

Graças à familiaridade com a doutrina kardecista e devido à estreita amizade com a equipe das Faculdades Integradas Espírita, tais como os professores Octávio Ulysséa e José Maria, Pai Fernando foi convidado a desenvolver o trabalho mediúnico em um dos salões que integram o complexo estudantil. Os anos na sede da Faculdade Espírita estruturam a doutrina da casa e são permeados pela visita constante de alunos e professores pesquisadores, cujos estudos contribuem para um melhor entendimento da religião. Com o aumento do número de médiuns, o espaço ficou pequeno e, a partir de um sonho de Yedda Guimarães, esposa de Pai Fernando, nos meses de dezembro de 1998 e janeiro de1999 é construída a nova sede.

Em dois de fevereiro é inaugurado o salão principal do complexo da Santa Cândida, cujo projeto arquitetônico assinado por Gustavo Guimarães, segue as diretrizes sonhadas: o Terreiro é redondo, com telhado aparente e toras de madeira garantindo a sustentação. No terreno que pertencia à Sede dos Amigos dos Cães Pastores Alemães, situado ao lado dos cemitérios Israelita e da Santa Cândida, o som dos atabaques e os ruídos dos automóveis não causariam distúrbios e inconvenientes, já que os trabalhos, que iniciam às 20 horas podem se estender, no máximo, até a meia noite. O tamanho do terreno, possibilitaria, ainda, a implementação de novos espaços destinados ao culto umbandista.

As transformações não param de acontecer e constantemente procuramos adaptar o Terreiro às novas necessidades, tais como o aproveitamento de dois anexos, um para a realização de giras simultâneas com distintos dirigentes e outro para a realização de eventos culturais, dentre os quais destacamos os ensaios dos Brincantes Sete Ponteiras do Mar, do grupo de Berimbau, de eventos culturais e educativos.

Por ocasião dos trinta anos de existência do Terreiro do Pai Maneco, Mãe Lucilia, jornalista e fotógrafa, enfatiza: “a gente tenta fazer com que a cultura entre cada vez mais dentro dos médiuns, isso porque a gente quer dar informação junto com a religião. Formação em todos os sentidos” (GUIMARÃES, s/d, s/p).

Além da própria estrutura do Terreiro, é importante pontuar que, no que tange à propagação da religião, inúmeras pessoas se tornaram Pais e Mães de Santos de acordo com a nossa doutrina, abrindo novas casas não apenas no Paraná, mas também em outros estados e países.

Muito embora a questão cultural não seja a abordagem que estrutura o livro de introdução ao Terreiro do Pai Maneco, é fundamental concluir esta breve história, enfatizando o comprometimento com a comunidade e a cultura locais, os quais acontecem em atividades socioculturais promotoras e dignificadoras da Umbanda.

2. ORIXÁ:

emanação cósmica e incorporação mediúnica

O termo Orixá é utilizado para designar vibrações cósmicas ou forças arquetípicas, cujas manifestações podem ser percebidas em acontecimentos terrenos. A magia operada por esta espécie de energia primordial lança mão de quatro elementos, fundamentais em diversas cosmogonias: a água, o fogo, a terra e o ar. Potências sagradas que emanam da criação divina, a origem lorubá do termo identifica a possibilidade de atuação da divindade na vida dos adeptos: Ori significa cabeça, enquanto xá representa a divindade; são palavras que podem traduzir a divindade que rege a cabeça de cada filho ou filha.

Tal nomenclatura, de acordo com pesquisas históricas e socioculturais, foi trazida para o Brasil por africanos escravizados e é comumente associada ao conjunto dos deuses cultuados por povos de diversas regiões da África, fato que, de saída, complexifica qualquer possibilidade de unificação de significados, promovendo uma espécie de pluralidade de identidades, permeadas pelas mais diversas mitologias. Ser a Luz do Senhor ou o Mensageiro de Deus é o principal atributo de um Orixá.

No cotidiano dos trabalhos de Umbanda, contudo, a palavra deixa de remeter ao caráter abstrato que envolve o conceito de vibração cósmica e passa a ser utilizada para designar entidades, espíritos que se manifestam nos trabalhos mediúnicos. A força de tais entidades, os guias espirituais, a qual gera um aprendizado constante a cada nova gira, é importante frisar, provém da emanação divina, ou seja, da emanação provinda do Orixá Ancestral ou Cósmico, mais bem compreendido por nossos guias do que por nós. Um Orixá seria, na acepção do senso comum, a força espiritual capaz de nos guiar na senda da verdade e da lei superior. A experiência da atuação desta força pode ser potencializada quando mantemos com ela uma espécie de diálogo, uma das razões de existência dos rituais umbandistas.

Cada uma das emanações cósmicas se divide em tipos específicos de vibração, apresentando particularidades e características próprias, identificadas através do uso de cores, de ervas, de minerais e de outros elementos específicos. São estes elementos que fundamentam os trabalhos da Umbanda, em consonância com as linhas vibratórias e de acordo com o propósito de cada trabalho, seja ele de cura, de proteção ou de outro tipo de ajuda que se faça necessária.

A escolha dos Orixás cultuados pode variar de acordo com cada Terreiro, pois cada casa costuma seguir origens distintas, de acordo com suas próprias tradições.

No Terreiro do Pai Maneco, cultuamos sete Orixás: **Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá, Oxum e Iansã.** Em uma abordagem contextualizadora, Pai Fernando explica que Zélio de Moraes reverencia Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá, Iansã e Exu; que Mata e Silva adota o culto a Oxalá, Ogum, Iemanjá, Oxóssi, Xangô, Yuri (linha do Oriente) e Yorimá (linha dos Pretos Velhos), no que é seguido por Rivas Neto e Edmundo Rodrigues Ferro. Estas definições aplicam-se apenas à Umbanda; os rituais de Candomblé, anteriores ao surgimento da nossa religião, trabalham com um número significativamente maior de Orixás, cujo teor é objeto de pesquisa não apenas na área da religião, como também na antropologia e na sociologia.

Pai Fernando justifica a sua opção por adotar o número de sete Orixás, ao afirmar que, mesmo sendo limitador, este número faz parte da Umbanda desde sua criação. Ao tratar da filosofia do Terreiro Pai Maneco e indicar os primeiros passos para o adepto da Umbanda, postula que os resultados dos trabalhos não sofrem perdas em função de tal limitação.

Então trabalhamos com Sete Linhas de Umbanda, nas quais as entidades se dividem em vários níveis de hierarquia espiritual, todas respondendo ao seu superior imediato. Abaixo dos Orixás estão os chefes de legiões e suas hierarquias, que incorporam de acordo com três roupagens astrais: Caboclos, Pretos Velhos e Exus; as linhas Neutras, que serão identificadas nos próximos tópicos, são subordinadas às sete linhas e aos chefes de legião.

Devidamente delimitado o número de Orixás que cultuamos, retornemos as suas atribuições, desde a característica de vibração cósmica até a atuação prática na vida cotidiana.

Cada ser humano carrega em si a força de todos os Orixás, mas um deles tem a propriedade de reger a vida de cada filho, conectando-a com as forças superiores na busca pela evolução espiritual. Tal Orixá costuma ser chamado de Pai ou Mãe de Cabeça e é responsável por características físicas, emocionais e espirituais da pessoa.

Quando indagado se nossos Guias espirituais também teriam um Orixá de Cabeça, Pai Fernando afirmou que sim, lembrando que o Pai Maneco, filho de Iemanjá, trabalha hoje na linha de Pretos Velhos e não na de Iemanjá. Ser filho de determinado Orixá, é importante lembrar, não significa a impossibilidade de trabalhar com as outras linhas; muito pelo contrário, pois trabalhar com as diversas linhas vibratórias, faz com que estejamos mais aptos a compreender não apenas nossas principais características, mas também conhecer mais sobre o outro.

Assim como o termo Orixá, as denominações de tais vibrações cósmicas também se originam no idioma Iorubá. Serão tratadas, a seguir, algumas características de cada Orixá cultuado no Terreiro do Pai Maneco, bem como peculiaridades de seus filhos e filhas.

OXALÁ

Oxalá meu Pai
Tem pena de mim tem dó
A volta do mundo é grande
O seu poder é maior.

Oxalá é o princípio da natureza e da criação, que atua em todos os elementos através dos demais Orixás, impossibilitado de se manifestar em forma de incorporação. A palavra significa “luz branca”, representando tudo o que existe no universo. Sua irradiação estimula a religiosidade, a bondade, a simplicidade, a pureza e a humildade. De acordo com Pai Fernando, o filho ou a filha de Oxalá é tranquilo e sereno: “gosta de transmitir seu gênio calmo, quer as coisas sem demonstrar, atingindo seus objetivos de forma bem natural. É teimoso. Na teimosia não gosta de impor suas ideias, mas não cede em seu ponto de vista” (GUIMARÃES, 2004, p.171).

Sincretizado na figura de Jesus Cristo, sua cor é o branco e seus símbolos são a estrela de cinco pontas, a cruz e a pomba branca. Por não ser um guia de incorporação, seus filhos são desenvolvidos pela vibração de outro Orixá. Tem como pontos de força: praias desertas, colinas descampadas, campos, parques, bosques, montanhas, mirantes, ou qualquer outro lugar da natureza que esteja limpo e agradável. Seus símbolos são a estrela de cinco pontas, a cruz e a pomba branca; sua saudação é Êpa-Babá, que significa “viva o pai”.

OGUM

Magia que faz o meu corpo tremer
Magia que chega em segredo sem a gente ver
É senhor Ogum
O rei da magia que vem nos socorrer.

O Orixá Ogum rege o elemento fogo, atuando nas demandas da fé, nas aflições, nas lutas e nas batalhas. Sua irradiação estimula a ordem, a energia, a atitude, a perseverança, a tenacidade e a capacidade de se reerguer. O termo tem origem em Ògún, senhor do ferro, da guerra, da agricultura e da tecnologia, mas pode também se referir ao Rio Ogun, que desemboca na lagoa de Lagos, na península de Benim.

Pai Fernando explica que o filho ou a filha de Ogum, costuma ser uma pessoa esguia, que mantém o cuidado com o corpo físico, muito embora possa ter aparência relaxada. Impaciente e inquieto, a seu respeito destaca:

> Está sempre em busca do que é considerado impossível. Ama o desafio. Não recusa a luta e quanto maior o obstáculo mais desperta a garra para ultrapassá-lo. Perseguem tenazmente um objetivo: quando o atingem, imediatamente o largam e partem em procura de outro. É insaciável em suas próprias conquistas (GUIMARÃES, 2004, p.172).

Com gênio forte, filho e filha de Ogum costuma proteger os mais fracos, pode ser bom líder e sabe tanto acatar como emitir ordens. Facilmente adaptável, pode ter uma franqueza exagerada e não admitir fraquezas.

No sincretismo com a Igreja Católica, Ogum é representado pela imagem de São Jorge, sua cor de referência é o vermelho e os símbolos são a espada, o escudo e a lança. Tem como pontos de força: campos, caminhos e encruzilhadas; sua saudação é Ogunhê, que significa “salve a força de Ogum”.

IEMANJÁ

Iemanjá é a rainha do mar [...].

A palavra Iemanjá, pode ser uma adaptação do termo Yèyé omo ejá, que é traduzido por “Mãe cujos filhos são peixes”, ou pode ter sua origem no termo Yemojá, em referência a um homônimo rio africano. Na Umbanda está também associada à mitologia indígena guarani, onde encontramos os termos Y-jara, onde Y significa água e jará, senhora; do tupi-guarani, a corruptela de ja nã Iná, pode ter originado o uso do termo Janaína, que significa “Rainha do Mar”. Vários epítetos oriundos de diversos cultos, tais como Iara, sereia ou Mãe d’Água, qualificam a origem do termo e justificam seu significado.

Para nós, o que importa é que na vibração cósmica, Iemanjá está relacionada ao elemento água, mais precisamente à água salgada. É a Orixá do mar e de toda cadeia de vida que nele habita. Sua irradiação emana o amor, a maternidade, a geração da vida, a fecundidade e as uniões, sendo responsável pela regência da harmonia nos lares.

Ao enfatizar a grande força de Iemanjá, Pai Fernando explica que seus filhos e filhas normalmente apresentam um tipo muito maternal, sendo excelentes conselheiros. Destaca ainda que os braços abertos para acolher e a porta da casa pronta para receber visitas caracterizam a presença da Orixá, conhecida como a “Grande Mãe”. Ao apontar o ciúme como maior defeito dos filhos de Iemanjá, enfatiza que este problema pode acontecer em função do desejo de proteger seus tutelados. É importante enfatizar que, quando o primeiro Orixá de um filho ou filha é feminino, o segundo Orixá, ou segundo santo, assume importância na definição das características. Ao tratar da dificuldade encontrada em lidar com a ofensa e a mentira, explica:

> É franco e não admite a mentira. Normalmente fica zangado quando ofendido e o que tem como ajuntó (o segundo santo masculino) o orixá Ogum, torna-se muito agressivo e radical. Diferente é quando o ajuntó é Oxóssi. Aí sim, é pessoa calma, tranquila, e sempre reage com muita tolerância (GUIMARÃES, 2004, p. 175).

No sincretismo com a Igreja Católica, Iemanjá é representada pela imagem de Nossa Senhora, a cor de referência é o azul claro e seus pontos de força são os oceanos, os mares e a água salgada. Seus símbolos são as ondas do mar, os peixes e demais objetos ligados ao mar. Sua saudação é Odoyá, que significa “salve a mãe das águas”.

OXÓSSI

A mata estava escura
Um anjo iluminou
No centro da mata virgem
Foi seu Oxóssi quem chegou [...]

O termo Oxóssi também tem origem no Iorubá osóòsi ou òsò wúsí, que é amplamente traduzido por caçador ou guardião das almas. Na vibração cósmica está relacionado aos elementos vegetais e possui as características de tais elementos. É o Orixá das matas e das florestas, das relações entre os reinos animal e vegetal. Sua irradiação desperta a fartura, o conhecimento, o descobrimento, a sabedoria e a cura. Conhecedor das ervas é o grande curador, a essência da vida.

Pai Fernando, ao enfatizar a calma, a constante preocupação e a tendência à solidão que caracteriza o filho ou a filha de Oxóssi, enfatiza:

> Incapaz de negar qualquer ajuda a alguém, sabe como poucos organizar o caminho para as soluções complicadas. Com respeito à sua própria organização familiar, é muito apegado às suas coisas e à sua família, à qual dedica atenção total no sentido de provê-la e encaminhá-la. Diante das dificuldades próprias é muito hesitante, mas acaba vencendo, sustentado pelo seu espírito alegre e otimista. É carente. Não assume os problemas dos outros, mas fica lado a lado ajudando-os. Ama a Liberdade e a Natureza. Não é ciumento e muito menos rancoroso. Quando atacado custa revidar. Tem um gosto refinado. Gosta das coisas boas, veste-se bem e cuidadosamente (GUIMARÃES, 2004, p. 173).

No sincretismo com a Igreja Católica, é representado por São Sebastião e a cor a ele atribuída é o verde. Tem como pontos de referência as matas e as florestas; arcos e flechas são seus símbolos e a saudação é Okê Arô, que significa “salve o caçador”.

OXUM

Oxum estava na beira do rio
Colhendo lírios para seu Congá [...].

O nome Oxum deriva do Rio Osun, que corre na Iorubalândia, região cultural africana que abrange parte da Nigéria, de Togo e de Benim, mais especificamente no trecho nigeriano de Ijexá e Ijebu.

Para nossos estudos, o que importa é compreender que, na vibração cósmica, Oxum se relaciona ao elemento água, mais precisamente à água doce. É a Orixá dos rios e das cachoeiras e sua irradiação emana o amor, a prosperidade, a beleza e as relações afetivas. É a força da vida, representada pelas águas límpidas e cristalinas, das quais dependemos para nossa nutrição e sobrevivência. É importante pontuar que as matas de Oxóssi não existiriam sem as águas de Oxum, as quais irrigam plantações e fornecem energia. De acordo com Pai Fernando:

> A Rainha da Água doce, dona dos rios e das cachoeiras, carrega todo o tipo de Iemanjá. A maternidade é sua grande força, tanto que quando uma mulher tem dificuldade para engravidar, é a Oxum que se pede ajuda (pelo Amalá). A diferença entre Iemanjá e Oxum é a vaidade. Filho de Oxum ama espelhos (a figura de Oxum carrega um espelho na mão), joias caras, ouro, é impecável no trajar e não se exibe publicamente sem primeiro cuidar da vestimenta. A mulher trata com zelo o seu cabelo e não descuida da pintura (GUIMARÃES, 2004, p. 175).

Sensível às emoções, chora com facilidade, muito embora evite chocar a opinião pública. A aparência sedutora esconde a vontade tenaz e o desejo de subir na vida. Podem ser prejudicadas pelo fato de serem muito ciumentas.

No sincretismo com a Igreja Católica, é representada pela imagem de Nossa Senhora da Conceição e sua cor é o amarelo. Seus pontos de força são os rios, as cachoeiras e a água doce. Seu símbolo é o coração e sua saudação é Aieiêo, que significa “salve a senhora das águas doces”.

XANGÔ

Lá em cima daquela pedreira
Tem um livro que é de Xangô.

O termo provém de Xa, que significa senhor, Angô, que é traduzido por fogo oculto e Gô que pode ser entendido como raio ou alma. Assim sendo, significaria “senhor do fogo oculto”. Na vibração cósmica está relacionado com os elementos ar e fogo, possuindo características únicas destes elementos. É o Orixá das pedreiras, das montanhas, dos trovões e dos vulcões. Sua irradiação desperta a justiça divina, o equilíbrio e a razão. Seus filhos e filhas costumam ser austeros, seguros e cheios de energia. Mesmo jovens podem apresentar fisionomia mais velha, sem deixar de parecerem belos ou alegres. São comedidos e incapazes de dar um passo maior que a perna, procurando chão firme e segurança. Mesmo tímido, consegue assumir o papel de mando. De acordo com Pai Fernando:

> É eterno conselheiro, e não gosta de ser contrariado, podendo facilmente sair da serenidade para a violência, mas tudo medido, calculado e esquematizado. Acalma-se com a mesma facilidade quando sua opinião é aceita. Não guarda rancor. A discrição faz de seus vestuários um modelo tradicional. Quando o filho de Xangô consegue equilibrar o seu senso de Justiça, transferindo o seu próprio julgamento para o Julgamento Divino, cuja sentença não nos é permitido conhecer, torna-se uma pessoa admirável. O medo de cometer injustiças muitas vezes retarda suas decisões, o que, ao contrário de prejudicá-lo, só lhe traz benefícios. O grande defeito dele é julgar os outros. Se aprender a dominar esta característica torna-se um legítimo representante do Homem Velho, Senhor da Justiça, Rei da Pedreira. Por falar em pedreira, adora colecionar pedras (GUIMARÃES, 2004, p. 174).

No sincretismo com a Igreja Católica, é representado pela imagem de São Jerônimo e a cor de referência é o marrom. Tem como pontos de força as pedras, as pedreiras e as montanhas. Seus símbolos são os machados e as montanhas. Sua saudação é Kaô Kabecilê, que significa “venham ver sua majestade”.

IANSÃ

[...] Vem ó vento e traz também
A paz e a esperança para quem não tem.

O termo provém do rio Oiá ou Oyá, sendo que o significado literal seria a mãe do céu rosado ou a mãe do entardecer. Na vibração cósmica, Iansã está relacionada ao elemento ar, mais precisamente ao vento, às tempestades e ao movimento. Sua irradiação emana a expansão, a rapidez, o direcionamento e o redirecionamento das pessoas.

Suas filhas são reconhecidas pelo temperamento explosivo, inquieto e extrovertido. Gostam de atrair atenção e impor sua vontade, tendo dificuldade em estabelecer diálogo, principalmente quando contrariadas. Pai Fernando explicita o contraste entre a alegria e a agressividade, que podem acontecer quase que simultaneamente, no filho de Iansã:

> Tem um prazer enorme em contrariar todo tipo de preconceito. Passa por cima de tudo que está fazendo na vida, quando fica tentado por uma aventura. Em seus gestos demonstra o momento que está passando, não conseguindo disfarçar a alegria ou a tristeza. Não tem medo de nada. Enfrenta qualquer situação de peito aberto. Ciumento, demonstra certo egoísmo porque não se importa com que os outros sofram pelo seu gênio reconhecidamente malhumorado. É leal e objetivo (GUIMARÃES, 2004, p. 176).

Por ter sua determinação comprometida pela impensada franqueza, pode ter dificuldades no convívio social, muito embora sua capacidade de encantar as pessoas seja imensa. Iansã é representada por Santa Bárbara no sincretismo com o catolicismo, sua cor é o amarelo queimado e seus pontos de força são ventos e tempestades. O símbolo é o raio e a saudação é Êparrey Oyá, que significa “salve a senhora dos ventos”.
Dados esclarecedores sobre os Orixás mencionados acima estão compilados no quadro abaixo, com o acréscimo das respectivas datas comemorativas:

ORIXÁ	SINCRETISMO	COR	ELEMENTO	PONTOS DE FORÇA	SAUDAÇÃO	DATA
Oxalá	Jesus Cristo	Branco	Todos	Praia, Colina, Campo Limpo	Êpa Babá	25/12
Ogum	São Jorge	Vermelho	Fogo	Campina, Encruzilhada	Ogunhê	23/4
Iemanjá	Nossa Senhora	Azul	Água Salgada	Praia, Mar	Odoiá	2/2
Oxóssi	São Sebastião	Verde	Mata	Mata, Floresta	Okê Arô	20/1
Oxum	Nossa Senhora da Conceição	Amarelo	Água Doce	Rio, Lago	Aieiê o	8/12
Xangô	São Jerônimo	Marrom	Pedra	Pedreira	Kaô Kabecilê	30/9
Iansã	Santa Bárbara	Laranja	Vento	Vento, Tempestade	Eparrey Oyá	4/12

ELEMENTAIS

[...] Salve a mãe sereia
Saravá as ondinas do mar [...].

Os trabalhos de magia realizados pelos Orixás contam com a participação dos elementais, seres ou espíritos da natureza, que nunca tiveram uma encarnação humana. Sua existência é permeada de mistérios, sendo que histórias das suas atividades estão presentes em narrativas das mais diversas civilizações. Cuidam com atenção de sua invisibilidade e, de acordo com a bibliografia a eles dedicada, só se deixam perceber por determinadas pessoas, de acordo com o grau de pureza das mesmas.

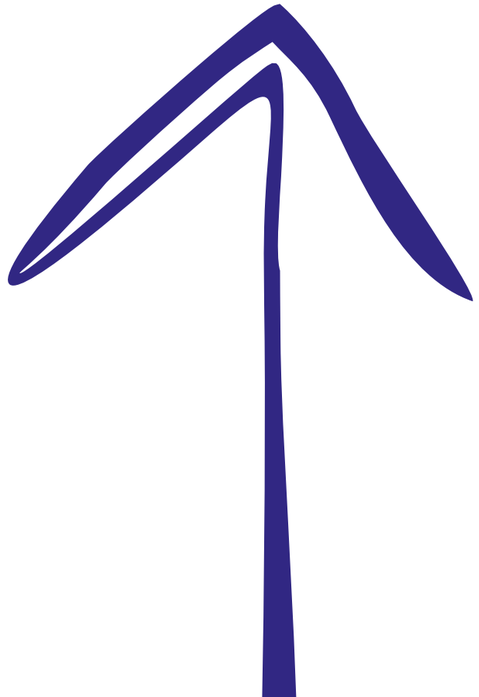
Vivem em uma espécie de mundo à parte de nossa civilização e são associados aos quatro elementos da natureza: o ar, a água, o fogo e a terra. É sabido que os indígenas, assim como outras civilizações mais ligadas aos elementos sagrados, não caçam, pescam ou colhem plantas sem antes invocar a presença dos espíritos responsáveis por tais elementos, o que nos leva a entender que, mesmo sem usar a terminologia aqui adotada, eles têm a consciência da presença de tais entidades, guardiãs da natureza. Nos parágrafos abaixo, apresentamos de modo resumido, algumas características dos elementais que se relacionam com os trabalhos da Umbanda.

Os elementais que habitam o ar são os silfos e sílfides. Relacionados a Oxalá, auxiliam na manutenção de formas-pensamento, como também estimulam a inspiração e a criatividade. São os consagrados mestres que podem ensinar a telepatia e na figura das fadas do ar encantam o imaginário infantil.

Seres emocionais que embelezam a vida terrena, os elementais da água purificam nossas vibrações, mas quando descontrolados, podem causar catástrofes como furacões e tempestades. As ondinas, elementais das águas doces, estão sob a regência de Oxum, trabalhando no desenvolvimento do sentimento do amor. As sereias, em consonância com as forças de Iemanjá, auxiliam na limpeza tanto de ambientes quanto da aura das pessoas.

As salamandras são os elementais do fogo, capazes de bloquear emoções negativas e as transformar. Com elas podemos aprender segredos da alquimia, principalmente no que tange às nossas transformações internas.

É importante lembrar que a cada vez que acendemos uma vela estamos invocando sua força, podendo abrir portais para outras dimensões. Estes espíritos podem ser sentidos em alterações psíquicas, tais como o enrubescimento, e seu caráter sagrado permite suportar todo o uso abusivo do fogo realizado pelos humanos em sua jornada terrena. Os elementais relacionados à terra são os duendes, gnomos ou fadas, protetores das forças telúricas e estão presentes nas matas e florestas. São alegres e brincalhões, podendo mudar de aparência a seu bel prazer. Trazem elementos curativos extraídos das plantas e auxiliam na fluidificação das águas.



3. GUIAS ESPIRITUAIS:

tripé da Umbanda e Linhas Neutras

[...] Quem é seu filho de fé
Balanceia mas não cai [...].

As entidades com as quais trabalhamos no Terreiro são os nossos guias espirituais. Suas mensagens podem ser veiculadas através da comunicação via incorporação, a mais difundida nos trabalhos de Umbanda, mas também pode acontecer através da clarividência, da clariaudiência e de inúmeras outras formas de percepção. É importante termos consciência de que estes espíritos de luz, que nos protegem e guiam nas várias encarnações, estão próximos de nós durante nossa vida cotidiana, nos inspirando e procurando fazer com que trilhemos caminhos que frutifiquem na evolução, não apenas dos indivíduos, mas de toda a coletividade.

Encarnados e desencarnados compartilhamos, portanto, planos de existência que podem se interconectar constantemente, causando tanto boas sensações quanto impressões de medo ou pânico, de acordo com as faixas vibratórias com as quais nos conectamos. Assim como na vida material na qual estamos inseridos, com pessoas mais ou menos conscientes das responsabilidades humanas, as diversas camadas dos planos espirituais são habitadas pelos mais diversos padrões de emanação vibratória. Fundamenta-se aí a necessidade de procurarmos manter bons pensamentos e termos atitudes positivas. O esforço para concentrarmos nossas energias no contato com entidades superiores, de certa forma, inibe a atuação de forças inferiores, permitindo que a atuação positiva seja predominante, trazendo equilíbrio para o enfrentamento das vicissitudes do dia a dia.

Espíritos que já passaram por várias encarnações, as entidades da Umbanda são movidas pelo ideal de ajudar os irmãos encarnados e se manifestam em diversas linhas de trabalho.

Seus corpos espirituais assumem a aparência necessária para transmitir força, humildade ou pureza, adotam modos específicos de falar, assumem gestos característicos e utilizam determinados elementos, numa espécie de reafirmação da presença de arquétipos em constante revitalização.

Não importa como os espíritos se apresentem, seja como Pretos Velhos ou como Caboclos ou como Exus, por trás desses arquétipos vamos encontrar entidades de variados graus de conhecimento e de evolução, que continuam estudando, trabalhando e se aprimorando, já que prosseguem nos seus respectivos processos de evolução. Essa roupagem fluídica é simbólica e fundamental. Para se manifestar como entidade de Umbanda, portanto, o espírito abre mão de individualidades pregressas, deixando de utilizar nomes através dos quais fora conhecido para ser falangeiro das linhas da Umbanda, em consonância com a emanação de determinado Orixá e de acordo com a Lei de Umbanda.

TRIPÉ DE FUNDAMENTAÇÃO DA UMBANDA

A doutrina tradicionalista postula que o tripé representativo da Umbanda seria baseado nas fases da vida: a infância, a vida adulta e a velhice. Por força de tal concepção, as entidades que comporiam a Corrente Astral da Umbanda se apresentariam em três formas arquetípicas básicas: criança, caboclo e Preto Velho. Cada uma delas seria representativa das características que deveriam ser preservadas nos três estágios da vida, a fim de caminhar para o aprimoramento espiritual.

Essa seria a essência da Umbanda: crianças ou Erês representando a inocência, a pureza e as descobertas próprias dos primeiros anos de vida e da juventude; Caboclos representando a força da vida adulta, a simplicidade, o amadurecimento, a virilidade, o destemor e a vontade; e os Pretos Velhos representando a humildade daqueles que viveram muito e a sabedoria de quem conhece todas as fases da vida.

Na prática das giras, contudo, constata-se que na linha dos Caboclos trabalham os Curumins, índios de tenra idade; na linha de Pretos Velhos incorporam espíritos de crianças, os consagrados Erês; e na linha de Esquerda, a Quimbanda, existe a presença de crianças, os Exus-Mirins.

Nota-se também que outras falanges de trabalhadores astrais passam a atuar nos trabalhos de Umbanda, apresentando-se com roupagens específicas, na condição de falanges auxiliares ou linhas neutras, evidenciando a constante predisposição da Umbanda em acolher espíritos elevados, sem exclusões ou diferenciações entre raças ou culturas vividas nos ciclos encarnatórios.

Pai Fernando enfatizou que cada terreiro tem sua forma de trabalhar e que a religião deve se adequar ao momento e orientações de seus dirigentes (GUIMARÃES, 2007, s/p). A partir das observações da presença de crianças nas diversas linhas de trabalho e diante da prévia autorização para adequar a religião às novas demandas percebidas, Mãe Lucilia adota um novo modelo de tripé para a Umbanda: Caboclos, Pretos Velhos e Exus, sendo que as crianças fazem parte de cada uma destas linhas.

A fundamentação conceitual de tal mudança reside no fato de que com o passar do tempo e a prática das giras, concluímos que o tripé da Umbanda está ancorado nos povos ancestrais que habitavam o Brasil e seus descendentes, nos povos escravizados trazidos para trabalhar no Brasil e seus descendentes e no povo colonizador do Brasil e seus descendentes.

À Corrente Astral, composta por Caboclos, Pretos Velhos e Exus, somam-se as Linhas Neutras auxiliares, integradas aos trabalhos com o transcorrer do tempo. A Linha das Crianças, portanto, passa a ser vista como uma espécie de linha auxiliar, que pode ser chamada de acordo com a necessidade dos trabalhos. Quanto aos Exus, embora passem a ser componentes da tríade da Umbanda, continuam fazendo parte da Linha de Esquerda, portanto da Quimbanda.

CABOCLO

Como é bonito o pisar dos Caboclos
Que pisam na areia no rastro uns dos outros.

Na percepção umbandista, o termo Caboclo pode se referir tanto aos indígenas que habitavam o continente sul-americano na era pré-cabralina quanto identificar os frutos da miscigenação racial entre índios, negros e brancos que aconteceu no território que hoje conhecemos por Brasil. Esta delimitação pode se estender, ainda, para diversas civilizações ancestrais americanas, como os maias, os incas, os astecas e demais tribos indígenas centro e norte-americanas. No verbete "caboclo" do dicionário Michaelis (2019, s/p) consta: "1. Indígena brasileiro, considerado selvagem, que mantinha contato com os colonizadores. 2. Indivíduo mestiço, filho de branco com indígena; cariboca, curiboca. 3. Pessoa da zona rural com pouca instrução e modos rústicos; caipira, matuto. 7. Denominação genérica dos espíritos de ancestrais indígenas nos cultos afro-brasileiros".

Por ser uma religião originária do Brasil, é importante pontuar que as delimitações geográficas que hoje conhecemos são fruto de grandes batalhas travadas à custa do sangue nativo e que a prática da Umbanda hoje transcende os limites americanos. Espíritos que em suas encarnações tenham vivido em diversos lugares, identificam-se espiritualmente na vibração dos Caboclos, assumindo tal forma plasmada em homenagem aos povos nativos do Brasil, que nutriam uma forte relação de amor e de respeito à natureza, contribuindo com seus conhecimentos para a transformação de valores morais e culturais da civilização contemporânea.

Os Caboclos têm origens diversas e não tiveram todas as suas encarnações como indígenas ou miscigenados no Brasil. Trabalham na Umbanda devido ao alto grau de evolução espiritual e se apresentam através do arquétipo do homem nativo, que viveu em harmonia com o cosmos, respeitando e amando a natureza. Livres de preconceitos e artifícios, de arrogância e vaidade, sua atuação junto à humanidade é libertadora, uma característica dos seres evoluídos que permanecem trabalhando no plano terreno. Manipulam ervas de todos

os Orixás porque têm essa autorização e conhecimento, são grandes conhecedores da magia e costumam, nos trabalhos realizados, utilizar pembas, velas, essências, flores, plantas, pedras, frutas, vinho, sumo de ervas, raízes, cipós e sementes. Usam charutos e fumos à base de ervas para defumar o ambiente e as pessoas, recolhendo e neutralizando as cargas densas que os envolvem. A forte carga magnética dos Caboclos nos impulsiona a ir em frente e enfrentar os obstáculos com coragem e determinação.

Muitas vezes emitem brados e assobios no momento da incorporação, da desincorporação ou até mesmo durante os trabalhos no meio. De modo semelhante às propriedades dos mantras budistas, tais sons facilitam a incorporação e liberam bloqueios energéticos de médiuns e consulentes. Traduzem sons básicos da natureza, impulsionam o campo magnético do médium ou do consulente, liberando-o de cargas negativas. Quando estalam os dedos, batem no peito ou estendem os braços na direção do Congá, executam movimentos mágicos e reequilibram a rotação e a frequência dos chacras, os quais podem voltar a funcionar plenamente. O mesmo ocorre quando o Caboclo bate no peito, pois ele ativa o chacra cardíaco do médium e equilibra suas emoções, possibilitando uma sintonia mais apurada e a efetivação de um bom trabalho espiritual.

Alguns Caboclos costumam usar penachos e fumar charutos, falam de maneira rústica, lembrando formas primitivas de viver que evidenciam traços de suas vidas passadas. Através de cânticos e danças, realizam pajelanças cujo teor mágico não nos é dado compreender na íntegra. Gostam de contar histórias sobre as encarnações indígenas, criando belas metáforas para os problemas atuais. As diferentes características dos Caboclos são explicitadas por Pai Fernando, a partir da observação e prática exercidas em cerca de meio século de trabalho mediúnico, quando ensinava seus filhos a prestar atenção nos sinais dos espíritos. Nas respectivas energias de Ogum, Oxóssi e Xangô, compilamos os esclarecimentos que ele nos deixou, acerca dos Caboclos com os quais trabalhava.

Caboclo Akuan:

[...] é a entidade da linha de Ogum que é o meu pai de cabeça. Os Oguns não gostam de dar consultas, mas por ele ser o chefe espiritual do terreiro ele se obriga a atender as pessoas e dar ordens. Ele fala muito bem, mas nem sempre fala igual. Como pode ditar uma mensagem com um português bem refinado, logo em seguida fala atrapalhado e arranhado. Costuma demonstrar alterações sentimentais. Como todo Ogum passa de fase tranquila para a irritação. É franco e direto. Não admite a fraqueza, talvez por ser o chefe que combate às demandas (GUIMARÃES, 2010, s/p).

Caboclo Junco Verde:

[...] corpo enorme, cabelo curto, apresenta-se com idade madura e desajeitado, mas de um humor contagiante. Quando desce no Terreiro a vibração fica intensa. Dentro de um critério que lhe é peculiar faz a gira agitar-se de uma forma impressionante. Sabe como poucos fazer consulentes elevarem suas vibrações positivas. Por várias mensagens deixa claro ter vivido antes da invasão no Brasil, pois desconhecia o espelho. [...] Não deixa a gira esfriar e exige o máximo dos ogans de atabaque, tanto que seu ponto de chamada não for cantado com força e ritmo, não incorpora. Foi chefe e se apresenta com um cocar longo e saiote com a dominância da cor verde (GUIMARÃES, 2010, s/p).

Caboclo da Cachoeira:

[...] legítimo representante da linha de Xangô, é sisudo, rosto vincado e corpo esguio. Fala pouco, mas seu senso de Justiça é dominante. Cumpre rigorosamente todo o ritual da Umbanda e é capaz de abandonar o Terreiro se alguém lhe faltar com o respeito. É intransigente. Embora aparente mau humor, tem um coração imenso e é capaz de emocionar-se diante da tristeza dos seus filhos (GUIMARÃES, 2010, s/p).

Quando falamos nas particularidades de um Caboclo estamos nos referindo, portanto, à sua forma de atuação, aquilo que o distingue, seja de acordo com sua origem, trabalho que realiza ou força da natureza que o rege. Costumam ser divididos em curandeiros, rezadeiros, guerreiros e cultivadores, entre outros. Para o umbandista, é importante reconhecer as características de um Caboclo não só para poder acompanhar os trabalhos que acontecem nas giras, mas também para sentir, dentro de si, os diferentes tipos de energia que emanam dos Orixás. A maneira com que os médiuns incorporam Caboclos é uma preciosa fonte para observarmos afinidades e distinções.

Como Oxalá não é Orixá de incorporação, trabalhamos, portanto, apenas com incorporações de Caboclos de Ogum, de Oxóssi e de Xangô. A linha de Oxóssi apresenta a peculiaridade de contar com incorporações de Caboclas, grandes curadoras e sábias conselheiras, conhecedoras das forças da natureza. Nas linhas de Iemanjá, Oxum e Iansã apenas há a exteriorização da vibração pelos elementais, conforme anteriormente citado.

Em seguida compilamos algumas colocações de Pai Fernando sobre as singularidades das incorporações de Caboclos, de acordo com cada Orixá. Desde que foram publicadas, são fartamente midiatizadas em sites e blogs, numa evidência da qualidade mediúnica do fundador do Terreiro do Pai Maneco:

ORIXÁ	CARACTERÍSTICAS DE INCORPORAÇÃO
Ogum	Porte ereto, incorporação rápida e compactada ao chão, exceto em Ogum de Ronda. As consultas costumam ser diretas, gostam de trabalhar para questões profissionais. Os passes são para doar força física e ânimo, desbravar e abrir caminhos. Representam a força.
Oxóssi	Locomovem-se bastante, são rápidos e dançam muito. Trabalham com banhos e defumadores, podendo atuar em diversas finalidades. Representam a força natural da cura e da alegria.
Xangô	Incorporações rápidas e contidas, geralmente arriando o médium no chão. Consultas visam emprego, causas na justiça, imóveis e realização profissional. Dão passes de dispersão e são diretos ao falar. Representam a cultura.
Iemanjá	Vibrações suaves e rápidas. Desmancham trabalhos, fazem limpeza espiritual, propiciam harmonia entre as famílias, conduzindo essa energia para o mar.
Oxum	Costumam rodar em vibrações suaves. Auxiliam em doenças psíquicas, na maternidade e na organização familiar.Dão alívio emocional.
Iansã	Vibrações rápidas com grande movimento do médium. Trabalham para a prosperidade e sua maior função é o descarrego e encaminhamento das almas. Trabalham para várias finalidades.

Definidas as características das entidades que trabalham na linha de Caboclos e sua atuação na Umbanda, no próximo tópico procuraremos identificar as particularidades dos Pretos Velhos e Pretas Velhas, de modo a fundamentar os princípios da Umbanda praticada no Terreiro do Pai Maneco.

PRETO VELHO

Preto Velho senta no toco e faz o sinal da cruz
Pede proteção a Zambi para os filhos de Jesus [...].

O segundo elemento do tripé da Umbanda é o Preto Velho, a linha das entidades que nos ensinam que a humildade é fruto da sabedoria. Para incorporar na Umbanda, tiveram uma encarnação em terras brasileiras durante os trezentos anos do regime escravocrata. Negros e negras provindas de diversas regiões da África apresentavam diferenças físicas, psíquicas e culturais, as quais permanecem nas incorporações. Os Pretos Velhos e as Pretas Velhas podem incorporar curvados ou altivos, serem austeros ou alegres; parecem ter uma bondade infinita e falam de um sofrimento redentor. Conhecem Santos e Orixás e, de acordo com a história da colonização, são os responsáveis pela criação do sincretismo com a Igreja católica, estratégia desenvolvida para manter os respectivos cultos de origem.

Na tradição popular, talvez seja a imagem do Preto Velho que melhor identifique os cultos de origem africana: reproduções de pinturas populares mostram um senhor negro, cabelos brancos e olhar sereno, geralmente com um cachimbo na mão.

Em um recente trabalho de desenvolvimento, Pai João de Angola colocou em pauta quais seriam as diferenças entre o Preto Velho e a Preta Velha, explicando que, no papel de pai, tio ou avô, as entidades masculinas tendem a ser mais sérias e exigentes, enquanto as entidades femininas parecem ser mais alegres e protetoras.

As Pretas Velhas são compreensivas e amorosas, demonstram infinita paciência e parecem ter todo o tempo do mundo para cuidar de seus filhos. Emocionam-se com facilidade, adoram crianças, costumam benzer e rezar. Os Pretos Velhos têm menos paciência com crianças e costumam ser mais rígidos nos conselhos e orientações. São homenageados no dia 13 de maio, data da abolição da escravatura no Brasil.

Pai Fernando descrevia o Pai Maneco da seguinte forma:

> *O Pai Maneco é alto, forte, cabelos brancos e rosto vincado pelas rugas [...] É o meu grande amigo, conselheiro e protetor. Intransigente não deixa nada escapar sem uma advertência, por menor que seja o erro. Apesar de bondoso e compreensivo, é de uma exigência extrema. Jamais vi qualquer alteração no seu emocional. Quer obediência dos médiuns para o ritual da Umbanda e para tudo que diz respeito à moral e à ética. Diz que o homem deve ter conscientização de tudo, inclusive para os fenômenos espirituais e da mediunidade (GUIMARÃES, 2010, s/p).*

Ao ter por princípio básico a humildade e a conscientização, uma das particularidades desta linha é ser contrária à vaidade. Por terem origens diversas, se apresentam com nomes que remetem a localidades africanas como Angola, Congo ou Guiné e por realizarem tipos distintos de trabalhos são conhecidos por pai, mãe, tio, tia, avô ou avó. Regidos pelos Orixás anteriormente explicitados, seus trabalhos podem remeter a diferentes aspectos da natureza terrena, buscando energia em praias, campinas ou matas. Manipulam ervas que conheceram no Brasil, como também dominam o conhecimento sobre plantas e alimentos trazidos do continente africano.

EXU

[...] Na casa em que o galo canta
Seu Exu é morador.

O terceiro elemento do tripé da Umbanda é formado pelas entidades da Quimbanda, a linha da esquerda. São os Exus e as Pombagiras, os quais serão tratados em detalhe no próximo capítulo. Consideramos importante pontuar, contudo, que esta é a linha formada por europeus que, a partir do ano de 1500 e no afã de conquistar as novas terras, foram responsáveis por inúmeros atos de atrocidade. Hoje, trabalham sobre o comando dos Pretos Velhos e dos Caboclos, em processos que buscam o reequilíbrio astral.

Longe de serem as entidades maléficas tão fartamente propagadas, são espíritos de grande luz, que inicialmente se confundiam com a figura do diabo para impingir medo nos algozes dos escravos. São os que vibram em faixas mais próximas às da humanidade, podendo estabelecer contato com os humanos de forma eficaz. Entre outras, esta capacidade de comunicação é uma das razões pelas quais se afirma que tudo começa com a invocação de Exu, e que sem ele, não se faz nada.

Nos próximos tópicos abordaremos as linhas neutras e cada uma das suas singularidades, para, no próximo capítulo, definirmos os parâmetros da Quimbanda praticada no Terreiro do Pai Maneco.

LINHAS NEUTRAS

Ó Deus salve essa casa santa
Onde Deus fez a sua morada [...].

As linhas neutras são linhas intermediárias que podem atuar na Umbanda e na Quimbanda. Não fazem parte do tripé da religião, mas são relevantes para os trabalhos mediúnicos por apresentarem particularidades, tanto na capacidade de ensinamento, quanto no auxílio espiritual e material. Formadas por grupos de espíritos que ao longo do tempo se aproximaram da Umbanda, são invocadas por proporcionarem o equilíbrio necessário na jornada terrena, já que suas encarnações pregressas lhes proporcionaram o conhecimento e a sabedoria necessária para nossa evolução espiritual. Realizam trabalhos específicos, que, de acordo com as respectivas habilidades, trazem para o ambiente da gira, campos vibracionais importantes.

BAIANO

Bahia, ó África, vem cá, vem nos ajudar
Força baiana, força africana, força divina vêm nos ajudar [...].

A linha de Baianos tem como característica uma incorporação alegre e cheia de vida. Costumam ser bastante falantes, procurando ajudar na resolução de problemas das mais diversas ordens, sejam afetivos, profissionais ou vinculados à fé. A energia contagiante que envolve a linha é ampliada com a dança das Baianas, as quais costumam rodar para descarregar qualquer energia negativa. Mais próximos do nosso tempo, quando comparados às Pretas e aos Pretos Velhos, sabem tratar das mazelas cotidianas como ninguém mais, ensinando a tolerância e o jogo de cintura necessários para o bom convívio na Terra.

Seu Zé Pelintra, certamente o mais famoso espírito que incorpora na linha de Baianos, é um grande mestre mandingueiro, famoso por ajudar a pagar dívidas e proteger as mulheres contra a violência. Com seu terno branco e cravo na lapela, contribui para o imaginário coletivo como uma figura alegre que nos livra de problemas.

BOIADEIRO

Água da chuva
Sereno da madrugada
O dia já vem raiando
Boiadeiro vai para a estrada.

Os Boiadeiros ou Caboclos Boiadeiros, quando encarnados, lidavam com o gado em fazendas ou comitivas. Foram vaqueiros, laçadores, domadores, peões e tocadores de viola, exercendo diversos afazeres relacionados ao gado e ao seu transporte. As Boiadeiras, embora se apresentem em menor número que os Boiadeiros, foram mulheres que tocavam a boiada como fonte de recurso.

Por passarem grande parte de suas vidas junto à natureza e se relacionando estreitamente com os animais, cultuam o vento, a terra, as matas, a lua, o sol e as estrelas. Fortes e destemidos, prezam pela liberdade e alegria. São peritos em assuntos de família, pois quando encarnados tinham que ficar longe de casa por longos períodos, o que os fez compreender o valor do convívio e do respeito familiar. Muitos dos pontos cantados nas giras de Boiadeiros, além de enaltecer a natureza, tratam do amor e da saudade. Muitos gostam de fazer trovas, rimando pequenas histórias cujo teor costuma se adequar às necessidades das giras.

Embora tenha um arquétipo por vezes rústico e sofrido, é uma linha de espíritos que possui grande conhecimento humanista, demonstrado com seriedade e elevação espiritual. A conversa com uma entidade desta linha é direta e objetiva, pois Boiadeiro e Boiadeira não aceitam conversa banal, nem adentram assuntos nos quais não podem interferir. Têm profundo conhecimento de ervas e plantas medicinais. Trabalham para diversos fins, utilizando o laço e o chicote como armas espirituais contra a investida de vibrações negativas. Conduzem os espíritos para seu destino e resgatam aqueles que se encontram sem orientação.

CIGANO

Pelos caminhos ele irradia
Toda a magia do seu cristal
Galopando na linha do vento
Cigano Voisler, chefe de aldeia
Os corações ele incendeia [...]

Os Ciganos e as Ciganas são entidades muito procuradas para resolver questões de amor, muito embora este não seja seu único atributo, pois trabalham também com a cura física e espiritual. Sabem ler cartas e podem praticar a quiromancia. Por terem vivido em grupos familiares, valorizam questões de parentesco e trabalham para a harmonia dos mais diversos grupos. Gostam da beleza e podem assumir um caráter melancólico quando relembram vidas passadas.

Conhecidos por “filhos do vento”, termo que remete às grandes jornadas percorridas pelas tribos, valorizam a liberdade e são capazes de se adaptar às mais diversas situações. Privilegiam a fidelidade e são exímios magistas, cujos trabalhos coadunam simplicidade e mistério. Conhecem as forças da natureza e dela extraem seus conhecimentos. Não toleram o desrespeito e a traição, muito embora sua sabedoria tenha um alcance enorme no que concerne à compreensão dos limites dos encarnados.

Relacionam-se estreitamente com questões de tratam da vidência, podendo trabalhar com espelhos e bolas de cristal. Gostam de cantos, danças e roupas coloridas, pois são capazes de manipular as mais diversas vibrações cromáticas. Muito embora atuem de forma eficaz em assuntos que necessitam a prática do desapego, gostam de ouro e de adornos, tais como anéis, pulseiras e correntes.

ERÊ

Lá no céu tem três estrelas
Todas as três em carreirinha
Duas são Cosme e Damião
A outra é Mariazinha.

Os Erês são entidades que se apresentam como crianças, representando a inocência e a pureza. Trabalham com as entidades responsáveis pelo tripé de fundamentação da Umbanda, em giras de Pretos Velhos, Caboclos e Exus. Gostam de subverter a ordem hierárquica das giras, o que requer atenção dos dirigentes. Isso acontece de maneira similar em nossas vidas cotidianas, quando temos dificuldades para lidar com a energia infantil e temos que impor limites às crianças. Por outro lado, também como acontece em nossos lares, os Erês são fonte de importante aprendizado.

Costumam se movimentar rastejando, mas alguns deles pedem para andar, no que podem ou não ser atendidos. Sincretizados com os santos Cosme e Damião, nas giras de Pretos Velhos pedem balas e doces, apresentando uma inocência desconcertante. Carinhosamente chamados de “Cosminhos”, gostam de brincar enquanto trabalham, agindo de forma aparentemente descontraída e despreocupada, o que faz com que o teor de sua atuação possa, muitas vezes, não ser compreendido. Desmancham trabalhos de magia negativa com uma eficácia que não é superada por nenhuma outra linha e adoram presentes como bonecas, carrinhos, bonés ou chupetas, elementos utilizados para a formação de campos energéticos mágicos. Algumas entidades são autorizadas a dar consulta nas giras de Pretos Velhos, muito embora, na maior parte das vezes, sejam chamados apenas para trabalhos específicos ou para limpar o Terreiro de qualquer mazela energética.

Os Curumins, entidades que trabalham junto com os Caboclos, assumem a vestimenta espiritual de uma criança e gostam de correr em círculos no meio do Terreiro, assoprando apitos ou emitindo assobios que imitam pássaros silvestres. Trabalham na limpeza espiritual de médiuns e consulentes, trazendo alegria e disposição imediatas. Pequenos índios que

conhecem os perigos dos caminhos auxiliam pessoas a evitar percalços cotidianos e promovem a aproximação de energias curativas da natureza.

Os Exus Mirins trabalham em giras de Quimbanda, exercendo o mesmo tipo de atividade que Cosminhos e Curumins. Limpam a gira, descarregam os médiuns e o Terreiro, podendo também realizar trabalhos que auxiliam na cura, e no afastamento de espíritos nocivos.

Bagunceiros, podem pedir elementos de trabalho, como bebidas ou cigarros, no que devem ser supervisionados, não para controle das entidades, mas para que possamos aprender mais sobre suas formas de trabalho. Como as demais crianças, gostam de esconder e encontrar pequenos objetos.

MARINHEIRO

Quem me ensinou a nadar
Foi os peixinhos do mar.

A linha dos Marinheiros é composta por espíritos que tiveram uma encarnação na qual trabalhavam em barcos, navios e outros tipos de embarcações. Descarregam as energias negativas através de brincadeiras e outras estratégias de descontração. Muito embora não sejam muito falantes, quando consultados, dão conselhos que podem se relacionar ao aprendizado de quem se acostumou a viver sobre as águas, longe da terra firme, lembram-nos da transitoriedade das coisas, em metáforas construídas sobre correntezas e marés.

Para descarregar os médiuns e o Terreiro, podem se apresentar como se estivessem mareados, numa espécie de tontura que não deve ser confundida com embriaguez.

Exímios no exercício da amizade e da solidariedade, os marinheiros promovem a harmonia em questões de coletividade e de amor. Suas histórias levam em conta a presença das adversidades, para as quais procuram preparar os filhos. O conhecimento das forças da natureza, principalmente a das águas, faz com que esta linha atue em trabalhos nos quais é necessária a fluidez e a circulação.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

MENDIGO

Uma das linhas mais recentes a atuar no Terreiro do Pai Maneco, os mendigos representam a humildade e a abnegação. Calmas e carinhosas, as entidades que incorporam costumam vir abaixadas, podendo pedir vela ou água. Auxiliam no descarrego do ambiente, trazendo uma complexa conscientização das características e funções da vida na Terra.

Numa abordagem que evidencie o sincretismo com a igreja católica, pode-se afirmar que as incorporações emanam o mesmo tipo de energia que permeou a existência de São Francisco de Assis, o qual abdicou de suas riquezas pregando o amor à natureza e aos animais. Se buscarmos referências na Grécia Antiga, encontraremos em Diógenes de Sinope outro exemplo deste tipo de vibração: por discordar da civilização grega, há cerca de quatro séculos antes de Cristo, o filósofo optou por viver em um barril, rodeado por cães; carregava uma lamparina nas mãos em busca de um ateniense honesto.

Simples e calmos, são invocados com pontos dedicados a Oxalá, mais uma indicação de suas emanações energéticas.

ORIENTE

[...] Lá no Oriente uma luz brilhou
E nesse Terreiro tudo iluminou.

A linha do Oriente costuma ser também chamada de linha de cura, e, mesmo que as demais linhas de trabalho também o sejam, talvez porque esta seja a especificidade da atuação dos espíritos que nela incorporam. Não são conselheiros nem dão consultas, salvo quando têm algo muito específico para tratar, como pedir elementos para algum trabalho em curso. Não são conselheiros nem conversam com médiuns ou consulentes, atuando de forma imediata junto ao perispírito daquele que necessita de ajuda.

Podem ter tido encarnações como monges tibetanos, médicos chineses, gurus indianos ou outros tipos de curadores, os quais são incluídos hoje, naquilo que denominamos, muito genericamente, de povos orientais. Faz-se necessário pontuar que tal alcunha é excessivamente abrangente, incluindo vários povos e etnias, compreendendo ainda, períodos temporais os mais diversos.

O que devemos ter em mente é a imagem de espíritos que, chegando à Umbanda a partir do leste, lugar do sol nascente, trazem consigo a luz de um novo dia, onde a cura para males físicos, psíquicos e espirituais pode ser realizada.

Evidenciadas as peculiaridades do Tripé da Umbanda, Caboclo, Preto Velho e Exu, e das linhas neutras, Baiano, Boiadeiro, Cigano, Erê, Marinheiro, Mendigo e Oriente, trataremos, no próximo capítulo, das características da Quimbanda, forma de equilíbrio entre as linhas da direita e da esquerda, fonte de preconceitos e mal-entendidos que tentaremos dirimir apontando seu valor para o desenvolvimento espiritual.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

4. QUIMBANDA:

desmistificando a ideia do mal

Abre a porta da Gira
Deixa a Gira girar
São os filhos da Quimbanda
Que aqui vem para trabalhar.

Termo advindo do conjunto de línguas bantas, Quimbanda identifica um tipo de curador ou xamã; refere-se, ainda, à capacidade de comunicação com o além. A Quimbanda faz parte da Umbanda e é identificada com o lado esquerdo, o qual, numa alusão ao funcionamento cerebral, seria responsável por nosso lado artístico e criativo. O grupo de espíritos que atua na vibração equivalente ao lado esquerdo é estreitamente sensível aos planos espirituais e tem autorização e supervisão da direita, ou seja, da Umbanda, para a prática da cura física, psíquica e espiritual.

Dentro do princípio da lei do equilíbrio, manifestações nos planos físicos e astrais tendem a uma dualidade autorreguladora, que se distingue em diferentes tipos de polaridades: masculino e feminino, ação e reação, positivo e negativo, ativo e passivo, e outros tantos pares em movimentos de aproximação e afastamento. As cores adotadas na Quimbanda são o preto e o vermelho, podendo ainda ser utilizada a cor branca. As entidades habitam locais da natureza como matas, mares e rios, vibrando também em cemitérios, e encruzilhadas.

Colocar a vida em movimento é uma das qualidades dos espíritos que incorporam na Quimbanda; seu dinamismo, portanto, é exercido no sentido contrário à estagnação, atuando, sobretudo na facilitação da comunicação com os Orixás.

Muito se fala sobre a relação estabelecida entre a Quimbanda e a figura do diabo, fato devidamente explicitado por questões sincréticas, quando africanos escravizados precisavam amedrontar algozes como forma de proteção. Na história social do Brasil, Exu assume a persona do diabo para impingir temor ao homem branco, na tentativa de coibir atos de crueldade e violência. Sobre tais processos sincréticos, as palavras de Reginaldo Prandi são esclarecedoras:

Quando a religião dos orixás veio a ser praticada no Brasil do século XIX por negros que eram também católicos, todo o sistema cristão de pensar o mundo em termos do bem e do mal deu um novo formato à religião africana, no qual Exu veio a desempenhar outro papel.[...] Para completar o panteão afro-católico, sobrou para Exu ser confundido com o Diabo. Foi, portanto, o sincretismo católico que deu a Exu a identidade de um demônio. Mas essa identidade destorcida [que é um erro na obra original citada] sempre foi católica, cristã, sincrética. Não tem nada de africana. (PRANDI, 2005, s/p).

Embora o sincretismo com a imagem do diabo tenha diminuído significativamente nas últimas décadas, muito do preconceito dirigido à Umbanda e a outras religiões que agregam raízes africanas se ancora na existência da Quimbanda. Ainda é necessário um grande esforço para tornar compreensível o alto grau de intelectualidade dos espíritos, os quais, com sua capacidade de discernimento, são excelentes conselheiros para assuntos materiais e podem nos ajudar a resolver dificuldades cotidianas.

A título de maior esclarecimento, lembramos ainda que muitas entidades da esquerda trabalham também na linha kardecista, pois são espíritos cultos e ilustrados, cujo trânsito na espiritualidade lhes é familiar. Pai Fernando ilustra tal fato, recorrendo a uma conversa com o Exu João Caveira:

> *Lembrei-me do Sêo João, na linha kardecista. Às vezes dizia ser Caveira. Era o espírito que resolvia nossos problemas. Lembrei-me de um trabalho maravilhoso, feito por ele. Uma médium, companheira nossa, estava em grande dificuldade e como não queria mais frequentar os trabalhos, ficamos preocupados. Pedimos socorro ao Sêo João. Ele, incorporado, disse-nos já voltar, pois ia resolver o problema. Subiu. Uns dez minutos depois, incorporou novamente, dando-nos a notícia de estar o caso resolvido (GUIMARÃES, 2004, p. 44).*

A capacidade de resolver problemas com rapidez, advinda do conhecimento dos mecanismos de funcionamento da civilização ocidental, é uma das qualidades mais admiradas nos trabalhadores da esquerda. Conforme elucidado em capítulos anteriores, é na Quimbanda que os espíritos dos europeus, terceira parte do tripé da Umbanda, cumprem seu papel no resgate cármico e auxiliam na evolução espiritual dos seres humanos.

Na prática das giras, destaca-se a capacidade de desmanchar trabalhos de magia negra e afastar espíritos que possam prejudicar as pessoas. Ajudam nos descarregos, retirando obsessores espirituais e encaminhando os trevosos para a luz. Gostam de bebidas voláteis e a aguardente, também chamada “marafo”, é uma das mais utilizadas; tomam, ainda, conhaque, uísque ou outras bebidas solicitadas pela entidade. É importante lembrar, contudo, que álcool e fumo, como cigarros, charutos ou cigarrilhas, estão sendo abandonados, pois os malefícios de tais elementos, outrora despercebidos, hoje são combatidos em várias instâncias sociais, o que não seria diferente nos trabalhos de Umbanda.

EXU

Seu Tranca Ruas tranca a porta da tristeza
Traz sua nobreza, sua capa de poder
Trancando o mal e toda consequência
Toma providência para a gira proteger.

Exu é um termo originário do iorubá, refere-se a uma divindade que representa vigor e cuja energia é simbolizada na forma da espiral em constante movimento. Membro da Tríade da Umbanda, Exu é o guardião dos caminhos, soldado do Preto Velho e do Caboclo, emissário entre homens e Orixás; atua em planos astrais mais densos e pesados, lugares onde outras entidades, de maior elevação, não costumam adentrar.

É comum ouvirmos a afirmação de que “sem Exu não se faz nada”, numa evidência à capacidade de acionar as forças cósmicas, elemento que caracteriza a esquerda. Para explicitar com maior clareza o papel do Exu, Zélio de Moraes compartilha o ensinamento obtido com o Caboclo das Sete Encruzilhadas: “Como na polícia tem soldado, o chefe de polícia não prende, o delegado não prende, quem prende são os soldados que cumprem ordens dos maiorais, então o Exu é um espírito que se encosta à falange, que aproveita para fazer o bem” (MORAES, 1970). A analogia com o modelo de trabalho policial, hierarquicamente estruturado, reflete o papel do Exu e da Quimbanda na organização espiritual da Umbanda. Ao afirmar que o trabalho espiritual contribui para a evolução do Exu, o fundador da Umbanda explica a necessidade de tal entidade, veículo de comunicação entre pessoas e Orixás.

De acordo com os fundamentos da Umbanda, portanto, Exu trabalha na Quimbanda para dar continuidade à própria evolução. Por ser o mensageiro dos Orixás, sabe ouvir segredos e transmitir recados, consegue compreender as dificuldades dos encarnados e conhece limites. Seu caráter transformador, contudo, pode assustar quem gosta de estabilidade e sossego. O movimento em espiral que caracteriza a essência vibratória do Exu remete à noção de tempo, complexificando ainda mais as delimitações de suas atribuições.

Porta-voz dos deuses, nada se faz sem o Exu. Talvez seja este poder incomensurável que tenha atraído a atenção de Sigmund Freud para o Exu. Colecionador de esculturas africanas, o pai da psicanálise se interessava pelas formas de representação do Orixá que impulsiona o movimento da vida, desencadeia a transmutação de energias e desperta a vontade de viver.

Em nossas giras não são feitos trabalhos de ordem negativa, não prejudicamos pessoas, nem amarramos paixões. Atentos à lei do retorno, que devolve o pedido para quem o desejou, estabelecemos critérios éticos diante dos quais é mantida a lei da casa. Pedidos aparentemente fúteis e frívolos podem trazer pessoas para o Terreiro cujas necessidades espirituais ainda lhes são desconhecidas. O Exu é a entidade que faz a transmutação entre desejo e merecimento, em processos de conscientização de sentidos que conduzem ao caminho do equilíbrio entre matéria e espírito.

Entidade fascinante, ao trabalhar com o Exu o médium deve ser cuidadoso, especialmente no que concerne à vaidade, pois a percepção adquirida na incorporação de tal linha é de muita força e poder. Pai Fernando narra dificuldades em servir de aparelho para o Exu Tranca Ruas das Almas:

> *Realmente é uma entidade maravilhosa, segura, firme, austera, dominadora e não precisa falar para mandar. Seus olhos mudam de cor, às vezes cinza claro em outras azuis, e por isso é capaz de comandar uma gira só com o olhar. Diz que no seu degrau ninguém pisa. Tem patrão e comandados e não existe outra forma de participar da Quimbanda. Sua casa é a Cruz das Almas. No nosso Terreiro ele é o chefe da Linha da Esquerda. O Exu Tranca Ruas das Almas representa o equilíbrio (GUIMARÃES, 2010, s/p).*

Além da Cruz das Almas, o Exu habita outras partes da calunga, ou cemitério, podendo também ser o chefe das encruzilhadas. A linha se divide, portanto entre Exus que trabalham nos cemitérios e Exus que trabalham nas encruzilhadas. Pelo fato de terem a energia espiritual muito parecida com a dos humanos, circulam entre nós com maior facilidade.

POMBA GIRA

Arreda homem que aí vem mulher
Ela é a Pombagira, a mulher de muita fé.

O termo Pombagira resulta de uma corruptela do termo Bombogira que em nagô significa Exu. Na Umbanda, a Pombagira representa a Exu Mulher, essência feminina, cuja incorporação evidencia sabedoria e conhecimento superior. Equivalente feminino da energia do Exu, quase tudo que informamos sobre ele, pode ser transposto para ela, com algumas singularidades que procuraremos explicar. Dentre as semelhanças, destacamos a capacidade de comunicação entre encarnados e desencarnados; no que tange às diferenças, pode-se pensar na distinção entre virilidade e sensualidade, desde que se leve em conta não apenas o sentido carnal dos termos, mas também suas respectivas acepções conceituais.

Assim como acontece com Exu, a imagem da Pombagira sofre equivocadas interpretações; no senso comum seria uma espécie de femme fatale, mulher independente e ousada, antiga bruxa ou maga ancestral. Tal associação não corresponde, na íntegra, às atribuições da entidade. Da mesma forma que o Exu, a Pombagira trabalha na ativação da energia vital, na identificação daquilo que é bom para nós e no afastamento de situações que possam nos prejudicar. A sensualidade, que muitas vezes percebemos no contato com a entidade, provém da capacidade de trabalhar a energia vital em sua fonte, a libido humana, de onde provém a energia primordial.

Da mesma maneira que o Exu, a Pombagira pode vestir a imagem astral correspondente a diversas faixas etárias. Deve ter tido pelo menos uma encarnação como europeia vinda para o Brasil, ou ser descendente de família de europeus. Velhas ou moças, a intensa gama de nomes atribuídos a espíritos que trabalham nessa linha costuma remeter à encruzilhada ou ao cemitério (e suas denominações correlatas).

Adora quando lhe dão pulseiras, anéis e outros ornamentos, material de trabalho que costuma doar logo depois de tê-los ganhado. Talvez o elemento que reflita com maior intensidade a energia da Pombagira seja a rosa vermelha, flor cuja amplitude simbólica parece exprimir, com suficiente clareza, o campo de atuação deste tipo de entidade. Assim como a flor, a Pombagira pode ter espinhos para se defender quando desafiada; não tem pudor em repreender quem não lhe dedica o devido respeito e não atende pedidos que possam aumentar seu carma. Não gosta da falta de fé e sabe como nenhuma outra linha, trabalhar a autoestima. Ao final de uma consulta com Pombagira, as ideias parecem mais claras, as lutas menos difíceis e as batalhas perdidas menos dolorosas. O conforto para a vida material, em equilíbrio com o trabalho espiritual, é uma das responsabilidades da Exu Mulher.

OMULU

[...] Meu Pai Oxalá é o Rei, venha me valer
E o velho é Omulu, Atotô Obaluaiê [...].

Os trabalhos da Quimbanda costumam iniciar com a invocação de Seu Omulu, que desce no Terreiro acompanhado por suas Pombagiras. Correspondente especular de Oxalá, no sincretismo com a Igreja Católica pode ser São Lázaro ou São Roque, de acordo com a região brasileira. Em muitos ritos afro-brasileiros, Omulu é cultuado como Orixá; no Terreiro do Pai Maneco, é a entidade que dá início aos trabalhos da esquerda.

Senhor da Terra e da saúde, é conhecido também por Obaluaê, Xapanã, Sapatá, dentre outras denominações. Não deixa de ser uma espécie de líder da Quimbanda, o qual, antes de iniciar os trabalhos, delimita o campo de atuação das entidades e prepara o Terreiro para o atendimento ao público. Sua principal característica é a capacidade de realizar curas físicas. Sua atuação no mundo espiritual, dentre outras responsabilidades, está em encaminhar e guiar os espíritos que desencarnaram recentemente para os seus respectivos lugares, de acordo com o merecimento e a possibilidade de evolução espiritual. Propulsor de transformações físicas, psíquicas e espirituais, não conversa e não se manifesta por qualquer outra forma. Incorpora, faz sua saudação na casa dos Exus e vai embora. Sua passagem pelo Terreiro, contudo, é garantia de segurança e proteção para os trabalhos.

NANÃ-BORUQUÊ

São flores, Nanã, são flores
São flores, Nanã Buruquê
São flores, Nanã, são flores
De seu filho Obaluaê
Nas horas de agonia é ele que vem nos valer
É seu filho Nanã, é meu Pai, ele é Obaluaê.

Senhora das águas paradas, dos pântanos e das profundezas, a energia que permeia esta linha costuma ser sincretizada com a imagem de Sant'Ana, avó de Jesus e mãe de Maria, em uma evidente alusão à Nossa Senhora ou Iemanjá. Capaz de decantar matérias impuras, Nanã-Boruquê é a responsável pela vida surgida no planeta a partir de águas lodosas.

É importante, no que concerne a esta linha, lembrar que, de acordo com Charles Darwin, a vida em solo terreno teria surgido a partir de mutações perpetradas em águas ancestrais.

Invocada em ocasiões especiais das giras de Quimbanda, atua nas profundezas da consciência, em lugares psíquicos e espirituais de difícil acesso. Assim como em Iemanjá, Oxum ou Iansã, na linha de Nanã-Boruquê, trabalham espíritos elementais, que, por não terem tido encarnação humana, se manifestam apenas através da vibração e não são entidades que dão consulta. Despertam objetivos esquecidos e são capazes de remover os empecilhos que atrapalham o aprimoramento espiritual dos filhos.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

QUIUMBA E TREVOSO

Quiumba é um espírito obsessor que atrapalha a vida dos seres humanos, podendo criar mal entendidos e confusões, ou ainda, gerando doenças. Pode ser apenas um espírito que vaga na escuridão e encontra, nas pessoas, um refúgio para suas dores que podem ser aplacadas com a energia do encarnado. Muitas vezes ele perturba os humanos de modo inconsciente e quando incorpora no Terreiro, encontra a oportunidade para elevar sua condição espiritual, se encaminhando para o lado do bem e podendo, até mesmo, auxiliar nos trabalhos mediúnicos.

Por vezes considerado um espírito sofredor, o Quiumba desconhece as leis que regem a evolução espiritual. É popularmente chamado de “encosto”, por se conectar ao encarnado de forma insistente e induzindo ao vício e aos maus pensamentos. Quando reunidos em grande quantidade, formam uma egrégora que se alimenta de maus pensamentos e atitudes dos encarnados, podendo formar campos energéticos de grande magnitude, fomentando o caos e a desordem social.

É importante frisar que a incorporação de um Quiumba, longe de significar que o médium está com problemas, representa a possibilidade de uma grande limpeza astral, pois quando o espírito desincorpora, leva as cargas negativas que, inevitavelmente, todos nós carregamos em diferentes medidas. O Trevoso, diferentemente do Quiumba, é o espírito que se compraz em fazer o mal, perturba e atrapalha deliberadamente a vida dos humanos, procurando disseminar a discórdia e confundindo pensamentos, fato que muitas vezes resulta na destruição de famílias e amizades. Doenças graves, cujo diagnóstico é difícil de ser obtido, podem ser resultado da atuação de espíritos trevosos. Os trabalhos de magia negra, que tantas vezes são desmanchados no Terreiro, costumam ser vinculados a tais espíritos, que se acoplam aos perispírito das pessoas, causando os mais diversos malefícios.

Quiumbas e Trevosos não podem ser confundidos com Exu ou Pombagira, que são espíritos de luz que trabalham para o bem. A confusão sobre os termos decorre do fato que, em algumas situações, tais espíritos de pouca evolução, se fazem passar por outro tipo de entidade, na tentativa de enganar as pessoas.

Quando o espírito apresenta um baixo grau de maldade ou é realmente um espírito confuso, a tentativa de engodo é facilmente trabalhada e o espírito é facilmente encaminhado para lugares de aprendizado. Quando o espírito é efetivamente ligado aos trabalhos que visam a prática da maldade, seu reconhecimento é mais difícil e normalmente só é percebido pelas entidades responsáveis pelo trabalho. Frequentemente se nega a ir para o lado do bem, retornando para os lugares sombrios que habita, pois mesmo em tais condições, tem direito ao uso do livre-arbítrio.

Esta é uma das razões pelas quais se proíbe a participação e realização de trabalhos mediúnicos fora das giras. Os espíritos com os quais lidamos no Terreiro do Pai Maneco têm autorização para incorporar, pois passaram através dos diversos elementos que garantem a segurança dos trabalhos. Em ambientes sem o devido preparo espiritual, é muito fácil sermos enganados por obsessores, os quais podem tentar se passar por espíritos de luz.

5. TERREIRO:

firmeza e proteção

[...] Nessa casa de guerreiro
Vim de longe pra rezar
Rogo a Deus pelos doentes
Na fé de Obatalá [...].

O Terreiro de Umbanda é o templo ou o local sagrado onde ocorrem as sessões religiosas.

O termo provém dos rituais realizados ao ar livre que, em comunhão com as forças da natureza, cultuavam os Orixás de origem africana. Estruturados em lugares de transição entre a natureza e o edifício de moradia, além do chão de terra batida, costumavam contar com árvores ou pedras, onde eram imantadas forças energéticas específicas. Numa alusão aos locais onde se realizam os trabalhos kardecistas, o Terreiro, hoje, também pode ser chamado de Centro de Umbanda.

Com a maior estruturação das diversas religiões, os espaços de culto se modificaram e os Terreiros de Umbanda passaram a ser construídos em variados tipos de complexos arquitetônicos, cada qual com características próprias, de acordo com designações espirituais ou diante das possibilidades encontradas.

O Terreiro do Pai Maneco, além de dois salões para a prática das giras, dispõe de locais destinados para entregas aos Orixás, encontros culturais e escola, além do herbário e do estacionamento interno. A variedade de espaços é fruto de um longo trabalho e conta como um quesito a mais nas instalações.

Para além das possíveis diferenças entre os mais diversos Terreiros, todos contam com pontos vibracionais, ou seja, locais ou elementos de força que os caracterizam e os fundamentam, garantindo a segurança, a eficácia e a proteção dos trabalhos. Nos tópicos abaixo, após a distinção entre Assentamento e Firmeza, elencamos os pontos vibracionais explicitando suas características.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

ASSENTAMENTO E FIRMEZA: ALGUMAS DISTINÇÕES

Firma o ponto minha gente
Preto Velho vai chegar
Ele vem de Aruanda
Ele vem para trabalhar.

Para compreendermos o que é um Assentamento e o que é uma Firmeza precisamos compreender algumas noções básicas de poder e de força na Umbanda. O poder é algo superior que provém do Criador, enquanto que a força é algo delegado. Poderíamos concluir, portanto, que o poder é eterno enquanto a força é passageira.

Esta diferenciação fica mais clara ao compararmos, hipoteticamente, um Orixá a um Caboclo: o Orixá é o poder, enquanto o Caboclo é a força. Fazemos esta analogia para demonstrar que o Orixá, como vibração cósmica, é essência inalterável, enquanto o Caboclo, espírito que passou por encarnações terrenas, está em constante evolução sob a orientação do Orixá que lhe abre as portas do conhecimento e do campo de atuação.

O Orixá atua, nas pessoas, de dentro para fora e o Caboclo atua de fora para dentro. O poder se realiza por si só, enquanto que a força necessita ser impulsionada. O poder regula a natureza, gerando estabilidade e equilíbrio. A força pode alterar a natureza, reequilibrando-a ou adaptando-a, mas apenas por determinação do poder.

Dentro deste conceito, o Assentamento é o poder e a Firmeza é a força. O Assentamento tem poderes de realização global de todos os guias chefes e protetores, enquanto a Firmeza destina-se a facilitar a atuação de determinado trabalho ou entidade. O Assentamento é um campo eletromagnético que interage com outras dimensões de forma permanente e que está localizado nas dependências do Terreiro, já uma Firmeza é um ponto de sustentação para as ações direcionadas por uma ou mais entidades com um fim específico e pode ser temporário.

O Assentamento, que representa a segurança do Terreiro, é formado por um conjunto de objetos com força mística, que enterrados no chão protegem e constituem sua base espiritual. Os diferentes tipos de Firmeza são formados a partir de elementos unidos com propósito determinado para cumprir um fim específico e podem ser de proteção, de cura, de saúde, de descarrego, entre outros.

ASSENTAMENTO

O Assentamento do Terreiro é a base fixa para que os trabalhos mediúnicos possam acontecer. Pode-se considerar que um Terreiro, efetivamente, passa a existir quando tem seu Assentamento realizado. É um local onde são colocados elementos com poderes magísticos, os quais têm a finalidade de criar um ponto de proteção, defesa, descarga e irradiação.

No centro do salão principal do Terreiro do Pai Maneco, junto ao piso de parquet, existe uma superfície de mármore, na qual está gravada uma estrela de sete pontas e o ponto do Caboclo Akuan. Sob o mármore, estão as armas de Ogum, colocadas por Pai Fernando para a inauguração da sede, em 1999. Neste portal que liga o Terreiro a outras dimensões, podem ser colocados pedras, punhais, pontos riscados, pembas e outros elementos que forem considerados pertinentes. É importante pontuar que não é colocado nenhuma espécie de elemento animal, de acordo com as regras do Terreiro.

O Assentamento demarca a linha de trabalho do chefe da casa, de acordo com o Orixá regente. O Terreiro do Pai Maneco, uma casa de Ogum, tem em seu assentamento os elementos deste Orixá, que é o responsável pela proteção dos dirigentes, dos filhos da corrente, das pessoas que frequentam a casa e dos trabalhos realizados.

Além do Assentamento, podem ser criadas Firmezas para os Orixás ou para linhas de trabalho, de acordo com a necessidade. Tais imantações suplementares atuam em energias específicas, ampliando a gama de atuação da força espiritual de cura e de proteção.

FIRMEZA

Ao tratarmos da estrutura do Terreiro, lembramos que existem diversos tipos de Firmezas, materiais e imateriais, as quais são feitas ou indicadas por uma entidade ou dirigente.

Costumam ser simples e objetivas e têm por objetivo organizar os trabalhos da casa. As diferentes Firmezas de um Terreiro de Umbanda podem incluir desde o ponto riscado ou cantado, até a postura de cada indivíduo durante a Gira.

É fundamental pontuar que a grande Firmeza dos trabalhos de um Terreiro reside no conjunto de médiuns, os quais, com atenção e comprometimento, contribuem com sua energia para o sucesso dos trabalhos. Essa Firmeza é composta pela contribuição individual de cada filho, que tem por meta o autoaprimoramento espiritual. Um médium firme é aquele que consegue organizar suas energias para o constante desenvolvimento da mediunidade.

Este tipo de Firmeza é subjetivo, difícil de ser qualificado e sua discussão poderia desviar-nos excessivamente do tópico ora abordado. Basta ter em mente que, além da concentração e preparo individual para as giras, é a força da corrente, da energia criada pelo conjunto dos médiuns que dá a Firmeza para a sustentação da prática mediúnica com suas curas físicas, mentais e espirituais.

PONTO RISCADO

Seu Meia Noite vai firmar seu ponto
Aqui neste Terreiro
Deu meia noite na lua
Deu meio dia no sol.

O ponto riscado ou o desenho magista feito com pemba sobre uma tábua por entidades dirigentes é firmado com vela e ponteiro, dando início a cada sessão. Este ponto fixa a força do trabalho, preparando o campo para que as demais entidades também risquem seus pontos, fortalecendo a potência da Gira. O ponto riscado da entidade dirigente permanece na frente do Congá durante os trabalhos, enquanto os pontos riscados das demais entidades que estão trabalhando, permanecem no toco, ou seja, próximo ao lugar em que a entidade e o cambone se organizam para atender os consulentes. Lembramos ainda que, desde que a entidade incorporada no dirigente tenha riscado seu ponto, a segurança daquele trabalho está garantida; os pontos riscados pelas demais entidades servem para identificar o espírito e imantar o campo energético.

Ao canalizar e/ou expandir força, o ponto riscado estabelece uma sinergia entre a entidade Chefe do Terreiro, o trabalho dos outros Guias, os demais espíritos que estão na casa, os médiuns e a assistência. Por criar um campo energético de força e proteção, conecta os planos material e astral. Depende da intenção da entidade, do objetivo do trabalho e da necessidade do atendimento.

É de identificação, quando o espírito demonstra quem é e onde atua; de trabalho, quando informa o que está fazendo, e de firmeza, quando riscado pelo guia chefe para a proteção geral da Gira.

É importante lembrar que o ponto riscado pode ser alterado ou até mesmo redefinido com o passar do tempo, pois transformações decorrem tanto do amadurecimento espiritual do médium (com sua entrega, confiança e sintonia) quanto com as alterações do próprio trabalho. Uma vez definida a identidade do Espírito através do ponto riscado, ele tem autonomia para riscar pontos diferentes, com o intuito de se adequar ao contexto de cada trabalho. Pode também, sempre riscar o mesmo ponto.

TRONQUEIRA

Exu, Exu Tranca Ruas
Me abre o terreiro
E me fecha a rua.

Construída à esquerda do Terreiro, antes da entrada do salão principal, a Tronqueira é o correspondente inverso do Assentamento, responsável pelo equilíbrio da energia dos trabalhos. As atribuições do Assentamento e da Tronqueira podem ser associadas à dualidade, anteriormente explicitada, entre direita e esquerda, ou Umbanda e Quimbanda. Se o Assentamento tem a força do Orixá, a Tronqueira tem a energia do Exu: amplia a energia da Quimbanda, na manutenção de um campo energético saudável.

Todas as entradas e/ou saídas de qualquer Terreiro estão sob a proteção do Sr. Exu Tranca-Ruas da Porteira, entidade que realiza uma espécie de triagem das energias trabalhadas. É o polo negativo que absorve as energias densas, evitando problemas e preparando o ambiente para a gira. É o polo negativo, que atuará para absorver as energias densas, criando um campo de proteção em torno do Terreiro.

A Tronqueira do Terreiro do Pai Maneco é uma pequena casa, com porta e telhado. Dentro dela, além das armas do Exu, estão as imagens do Exu Sr. Tranca Ruas das Almas e da Pomba-gira Maria Padilha. Velas são acesas na Tronqueira antes do início dos trabalhos.

Quando as giras são realizadas em espaços nos quais acontecem outros tipos de trabalho, ou quando o imóvel é alugado, às vezes não é adequado construir uma Tronqueira fixa. O dirigente, então, risca e firma um ponto de Exu antes do trabalho, colocando-o à esquerda de quem olha o Congá, dentro ou fora da edificação, conforme disponibilidade local.

Sempre que entramos ou saímos do Terreiro, devemos cumprimentar a Tronqueira, na demonstração de que temos a consciência de estar transpondo um campo energético regido por espíritos que nos protegem.

CONGÁ

Estrela clareia a Terra
Estrela clareia o mar
Clareia o Congá de Akuan
Clareia para todo o mal levar.

A palavra Congá tem origem no idioma africano banto, cujo significado é “altar sagrado”. Em alguns Terreiros, o altar pode ser denominado, também, por Gongá ou Jacutá. Os altares têm origens remotas e fazem parte de cultos ancestrais que aconteciam em torno do planeta, desde o alvorecer da humanidade; eram a razão de ser dos encontros onde se ofereciam sacrifícios aos Deuses em troca de benefícios terrenos.

O caráter sacrificial do altar foi transformado por Jesus Cristo que, ao consagrar o pão e o vinho no lugar do seu corpo e do seu sangue, redefiniu o diálogo com o sagrado. A pedra ou a mesa onde eram realizados os sacrifícios pagãos transforma-se no altar cristão. Sob a égide de Oxalá, os Congás da Umbanda, na maior parte das casas, são formados por imagens e elementos dispostos em prateleiras nas paredes. O altar do umbandista é uma espécie de endereço, um link, que conecta os filhos aos guias superiores e aos irmãos de fé. A vibração que emana do Congá é um ponto de irmandade, de recíproca identificação, no que se refere ao local de celebração da existência das divindades. Ele é um delimitador de um campo energético, uma espécie de portal para esferas espirituais superiores e dimensões paralelas, irradiador de energias positivas.

Por contarmos com dois salões para trabalhos mediúnicos, temos também dois Congás; em ambos, imagens dos Santos Católicos sincretizados com os sete Orixás estão colocadas sobre pequenas prateleiras nas paredes; diante das imagens, velas de sete dias, na cor de cada Orixá. Em degraus próximos ao chão, estão esculturas de Caboclos, Pretos Velhos e entidades das Linhas Neutras; tacapes, flechas e outros elementos magísticos também podem ficar no Congá.

Se as imagens ajudam a elevar as vibrações mentais, aumentando nossa conexão com o que representam, as velas vibram na captação e irradiação energética e os objetos, por sua vez, são purificados para a potencialização de emanações fluídicas utilizadas nos trabalhos.

Na frente do Congá, duas espadas de Ogum são colocadas sobre uma toalha branca com bordas vermelhas; ao lado delas, permanece uma tábua com a firmeza do Pai Maneco, na qual se acende uma vela branca e preta durante os trabalhos.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

RONCÓ

No Terreiro do Pai Maneco existem dois Roncós, um para os médiuns em geral e outro para os dirigentes. O primeiro está ao lado direito do Congá e o segundo, no edifício em anexo. Ambos são espaços nos quais é imantado o campo de força usado pelos Guias para cuidar dos médiuns; só se entra no Roncó mediante prévia autorização.

Na sala atrás da porta de vidro, os alguidares recebidos no Amaci são mantidos em prateleiras de madeira, em laboriosa organização. As vasilhas de argila guardam ervas que são trocadas de dois em dois meses, num ritual recentemente adotado, que é a Maçarocada.

Amaci e Maçarocada serão tratados no próximo capítulo. Retornemos, portanto, ao centro desta sala onde, sobre uma pequena mesa ilustrada com esmerado mosaico, estão as bebidas e as velas de sete dias, as quais permanecem constantemente acesas, ou seja, alimentam a luz que provém da emanação de cada Orixá. Trabalhos realizados pelas entidades, que necessitam ficar vibrando durante um determinado tempo, são colocados neste Roncó e levantados, ou seja, desimantados e descarregados, de acordo com as orientações do espírito que o realizou.

O complexo do Terreiro conta, ainda, com outro Roncó, específico para os Pais e Mães de Santo, onde são guardados os alguidares, quartilhões e os demais elementos de seus respectivos Guias e Mentores. É uma sala especial em que os Pais e Mães de Santo alimentam a comunicação com seus Pais de Cabeça e com as entidades com quem trabalham. Dentro deste Roncó, cujo acesso é restrito aos dirigentes, além dos materiais consagrados de cada um deles, podem permanecer apenas trabalhos de cura por eles realizados.

CASA DOS EXUS

Quando o galo canta
As almas se levantam
E o mar recua
É quando os anjos do céu dizem amém
E o pobre do lavrador diz aleluia.

Atrás do Congá, do lado direito de quem o olha, fica a Casa dos Exus. A porta de treliça permite enxergar, no tremular das velas, imagens de Exus e Pombas Giras, entidades que se destacam na hierarquia espiritual da casa. As pequenas imagens de gesso consagradas pela devoção popular, os pontos riscados e os demais elementos dos trabalhos, representam a garantia de segurança. Nenhum trabalho espiritual é iniciado sem que se acendam as devidas velas na Casa dos Exus, velas que devem ser mantidas acesas até o encerramento da gira. A entrada na Casa dos Exus é restrita à hierarquia, mas quando passamos por ela, devemos saudá-la, cruzando as mãos, batendo os pulsos e pronunciando "Laroiê Exu, Exu é Mo Jubá."

JARDIM DOS ORIXÁS

Se a rosa é do jardim
Pai Fernando é do Terreiro.

Com o intuito de podermos realizar entregas para os Orixás sem comprometimentos ambientais e com tranquilidade, foi criado o Jardim dos Orixás. No alto da colina que demarca os limites do Terreiro com a Estrada da Uva, está a imagem de Oxalá, ao seu lado esquerdo e direito, em direção ao pátio do estacionamento, estão as imagens de Ogum, Iemanjá, Oxóssi, Oxum, Xangõ e Iansã. Também existem locais específicos para entrega de Amalás para Preto Velho, Baiano, Seu Zé Pelintra, Boiadeiro, Cigano, Erê, Marinheiro, Mendigo e Linha do Oriente.

Cada local é devidamente indicado por placas em mosaico e dispõe de imagens de entidades ou dos santos católicos com o qual o Orixá é sincretizado. Na frente das imagens, um espaço com areia é destinado especificamente para as entregas, as quais, de acordo com as normas da casa, devem ser feitas com elementos biodegradáveis. Além de evitar a poluição do ambiente, a presença de elementos recicláveis facilita a limpeza das entregas, tarefa realizada diariamente. Depois de imantado o campo vibracional através do Amalá, é necessário que o espaço esteja novamente limpo para o recebimento de novas entregas.

CANTEIRO DOS EXUS

[...] Vou chamar todos os Exus
Para todo o mal levar.

Para fazermos entregas para os espíritos que trabalham na Quimbanda, contamos com o Canteiro dos Exus, o qual é separado do Jardim dos Orixás, por uma parte do estacionamento. Um espesso bambuzal faz a divisa com a cerca do Cemitério Municipal de Santa Cândida. Na frente dos bambus, a Cruz das Almas maior é de responsabilidade do Exu Tranca Ruas das Almas, entidade que incorporava em Pai Fernando; a menor, do Exu Caverinha, entidade que incorpora em Mãe Lucilia.

À direita das cruzes, uma casa com imagens de Exus. A trilha de pedras que indica o caminho forma encruzilhadas que, se divididas em quatro, são locais de entrega para Exus, em três, para Pombagira. Contamos ainda com uma lixeira, para entregas para D. Maria Mulambo. Todos os lugares acima descritos, contam com um espaço na frente, para colocação dos Amalás.

O Canteiro dos Exus, assim como o Jardim dos Orixás, é um espaço arborizado, no qual a sensação de tranquilidade é contagiante. As rosas e romãs que florescem em determinadas estações, reiteram, na linguagem da natureza, os atributos da Pombagira, a Exu mulher. Delimitado por cercas, é um espaço de comunhão e oração.

ENGOMA

Nossa Engoma é a alma musical
Seu Ogan Kaian é seu chefe principal [...].

O canto e o toque dos atabaques são elementos sagrados na Umbanda, pois são os responsáveis pela condução do ritual, de acordo com as designações do dirigente. Contribuem para a movimentação das energias espirituais, criando o campo adequado para a chegada dos espíritos, a realização do trabalho e a sua finalização.

Situado ao lado direito do Congá, o espaço destinado aos atabaques, rum, rumpi e lé (na ordem do maior para o menor) tem, à sua frente, uma tábua com ponto riscado fixado em mosaico vermelho e branco, sobre a qual acendemos uma vela para Seu Ogan Kaian, entidade responsável pela Engoma do Terreiro do Pai Maneco.

Os Ogans são os responsáveis pelos instrumentos musicais e os Sambas pelos pontos cantados. Além dos atabaques, contamos com outros instrumentos de percussão, os quais contribuem na criação da harmonia melódica. Além de auxiliar nas incorporações e, de certa forma, dar o tom do trabalho realizado, a Engoma, que também pode ser chamada Curimba, costuma encantar a todos pela alegria contagiante e força espiritual.

Os pontos cantados são as canções entoadas nas giras de Umbanda. Podem ser de louvação, quando homenageiam determinado Orixá sem invocá-lo; de linha, quando invocam vários espíritos que trabalham na mesma faixa vibratória ou individual, quando apenas o espírito designado na letra do ponto é chamado para o trabalho. Parte significativa das letras e melodias é oriunda da tradição popular e religiosa, mas a composição musical pode também ser transmitida por entidades, realizada por médiuns e demais adeptos.

A partir do momento que o médium tem consciência da importância do mantra dos atabaques e demais instrumentos, o respeito por eles aumenta. A repetição dos pontos cantados e das linhas melódicas propicia uma atmosfera adequada para a incorporação, meditação

e outros estados alterados de consciência. É necessário, portanto, prepararmos as nossas mentes para que possamos perceber e compreender o valor da música no Terreiro.

O valor da sonoridade pode ser percebido também quando, em trabalhos de cura, o dirigente solicita que se entoe o mantra aum. Pai Fernando esclarece que o Caboclo Akuan quando invoca o mantra, conclama entidades provenientes dos mais diversos lugares que se dirigem para o Terreiro atendendo ao chamado do Caboclo.

QUARTILHÃO

O quartilhão é uma espécie de vaso de cerâmica com duas alças, e que contém ervas, e é utilizado como um elemento de proteção e firmeza dos dirigentes. O Terreiro do Pai Maneco disponibiliza quartilhões para imantar nomes de pessoas trabalhadas nas consultas, nos quais as pessoas também podem depositar pedidos de ajuda específicos.

Na entrada do Terreiro, existem dois quartilhões. Um deles tem fitas vermelhas e pretas e está sob os cuidados do Exu Tranca Ruas das Almas. Nele são depositados os nomes de pessoas trabalhadas nas giras de Quimbanda e que precisam de uma continuidade no tratamento espiritual; na sua frente, fica acesa uma vela vermelha e preta de sete dias. O outro, amarrado com fitas vermelhas e brancas, é de responsabilidade do Caboclo Akuan e nele são colocados os nomes de pessoas trabalhadas nas giras de Caboclo, Preto Velho e Linhas Neutras; na sua frente, permanece acesa uma vela de sete dias branca e vermelha.

Contamos ainda com um quartilhão destinado para a colocação de nomes de pessoas com problemas de dependência química e depressão. Ele está situado no lado oposto do Congá, fica sob os cuidados do Caboclo Akuan, com fitas e vela vermelha e branca.

Periodicamente, os quartilhões são descarregados pela entidade dirigente, pois a movimentação das energias é uma necessidade dos trabalhos espirituais, já que a vida está sempre em movimento.

GUIA

[...] Sua guia conta força e magia
Firmada com a cor do Orixá.

Colar utilizado para proteção, a guia[2], é um meio de identificação e uma forma de ligação entre médium, Orixá e entidade. É confeccionada pela hierarquia ou por quem tenha as mãos cruzadas, ou seja, por pessoas autorizadas por um dirigente. O número sete é o padrão de divisão dos elementos e pode ser de diversos tipos, de acordo com sua função.

Apesar de sua maleabilidade, forma uma espécie de círculo mágico, campo vibracional que atua diretamente no corpo físico.

De acordo com o Caboclo Akuan, "Entre o espírito e o homem, alojado no perispírito, estão as guias. Elas são sagradas. Ninguém deve deixar outros tocarem suas guias. Elas devem ser cultuadas e guardadas como um tesouro. Recomendo que guardem suas guias em sacos apropriados na cor do Orixá[3]". Para o Caboclo, a guia, pessoal e intransferível, deve ser sempre respeitada, independentemente de sua função. De acordo com a orientação de Mãe Lucilia em recente trabalho, as guias devem permanecer no pescoço do médium e nunca ser usadas como elementos para passes ou benzimentos. Por representarem a segurança do médium, a função das mesmas é de segurança e de proteção. Se usadas como elementos para trabalhar em consulentes, podem pegar carga negativa, comprometendo sua função original.

A guia de proteção pode ser usada dentro e fora da Gira por qualquer frequentador da casa. No Terreiro do Pai Maneco são confeccionadas guias do Orixá de cabeça, das Sete Linhas, do Caboclo Sete Ponteiras do Mar e do Exu Tranca Ruas das Almas. São curtas e feitas com miçangas pequenas. A fim de manter a unidade de linguagem nos trabalhos mediúnicos, fez-se necessário delimitar o número de modelos de guias criados na casa.

[2] Importante distinguir o uso do termo guia, para Entidades que incorporam e para os colares sagrados usados para proteção dos médiuns.
[3] Depoimento dado para Sandra Zawatsky em 19 de outubro de 1998.

A guia do Orixá, também chamada guia do Pai de Cabeça, é confeccionada com contas de cristal nas cores do Orixá[4] e contas transparentes, alusivas ao Anjo da Guarda. Os grupos alternados de sete contas são separados por miçangas e contêm, uma medalha ou elemento do Orixá na parte de baixo. A guia é fechada com uma firma, em porcelana de forma cilíndrica, também na cor do Orixá. A guia de Oxalá é feita somente com contas de porcelana branca, intercaladas por miçangas.

Confeccionada com capiá (Coix lacryma-jobi), a guia de Preto Velho tem uma cruz de madeira embaixo e é fechada por um elemento maior, como uma semente ou um pedaço de madeira. A diferença de tonalidade e tamanho do capiá pode ser utilizada para manter o padrão de divisão de sete em sete contas.

A guia de Linhas Neutras é composta por contas variadas: Iemanjá é representada por quatorze contas em azul claro; em seguida, são colocadas sete contas na cor atribuída ao Orixá do dirigente do médium; o Oriente é simbolizado por quatro contas rosa e três amarelas, alternadas; os Baianos estão representados por quatro contas pretas intercaladas por três brancas; os Ciganos, pela sequência de vermelha, amarela, laranja, branca, verde, roxa e azul; os Boiadeiros estão presentes nas quatro contas marrons intercaladas por três amarelas e os Marinheiros são representados por quatro contas azuis e três brancas, também alternadas. As séries de contas vermelhas, brancas e pretas, que indicam Omulu, podem variar de sete a nove, de acordo com a altura do médium. A guia é fechada com uma firma em azul claro, cor atribuída ao Pai Maneco.

A guia de Exu e de Pombagira é feita com contas de cristal em vermelho e preto, intercaladas por miçangas nas mesmas cores. Embaixo é colocado um tridente e a firma é vermelha, por determinação do Exu Caveirinha. Alguns médiuns mais antigos da casa têm guias com a firma preta, pois foram confeccionadas antes da ordem do atual Exu dirigente do Terreiro.

[4] Relembrando as cores que correspondem a cada Orixá: Oxalá: branco, Ogum: vermelho; Iemanjá: azul, Oxóssi: verde, Oxum: amarelo, Xangô: marrom e Iansã: alaranjado.

A Guia de Entidade, tanto para Caboclo quanto para Preto Velho, é confeccionada a partir da solicitação do Espírito e de acordo com as instruções transmitidas para algum membro da hierarquia. Os elementos escolhidos identificam o campo energético e trazem maior adequação para o trabalho, pois, ao lançarem mão de fragmentos da natureza, passam a atuar mais ativamente no território dos elementais. Sementes, ossos, pedras, conchas ou penas contam a história da Entidade e potencializam a conexão entre espírito e médium.

Se a guia do Orixá identifica a linha vibratória à qual o médium pertence, a guia da Entidade esclarece, dentro da linha do Orixá, qual o nome do Espírito que incorpora no filho de corrente.

As guias de Casamento são guias de Anjo da Guarda, as quais os noivos trocam durante a cerimônia, numa simbólica afirmação do cuidado que terão um com o outro.

Além destas guias, confeccionadas com um fio, a hierarquia, corpo de médiuns que tem mais responsabilidades na casa, recebe guias diferenciadas: a guia de sete fios trançados indica que quem a veste é Pai ou Mãe de Santo, a de cinco fios é usada por Pai Pequeno e Mãe Pequena e a de três fios designa um Capitão, Ogan e Samba. Feita de miçangas, é destacada a cor que simboliza o Pai de Cabeça, sendo que, em duas partes laterais e equivalentes, estão colocadas miçangas cujas cores representam os demais Orixás. Os membros da hierarquia têm duas guias trançadas, uma para trabalho de Caboclo, Preto-Velho e Linhas Neutras, outra para trabalhos de Quimbanda; esta é trançada apenas com contas vermelhas e pretas. As Sambas, que conduzem o canto, têm ainda mais uma guia trançada, a qual, além contemplar os sete Orixás, contém elementos das Linhas Neutras.

A guia, elemento de firmeza e proteção, pode arrebentar devido à carga energética negativa, a qual, com seu estouro, protege o médium. Bichos nas sementes, engates ou o desgaste do fio, contudo, são os maiores responsáveis pelo rompimento das guias. Quando isso acontece, recolhemos as contas e demais elementos, que após serem descarregados com água e sal grosso, podem novamente ser utilizados na montagem da nova guia.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

6. MÉDIUM:

função e organização hierárquica

[...]Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há [...].

O bom funcionamento de um Terreiro de Umbanda, além da força espiritual, depende de uma organização material que possibilite a integração entre energias materiais e espirituais. Pelo fato de que o Terreiro do Pai Maneco conta com a participação de mais de mil de duzentos médiuns em mais de nove trabalhos distintos, esta organização é realizada através de uma divisão hierárquica, a qual define as atribuições de cada um.

Tal divisão não visa estabelecer critérios de valor, como melhor ou pior, apenas busca tornar explícitas as responsabilidades de cada Filho de Santo dentro da Gira. O ritual de consagração das responsabilidades hierárquicas é denominado Cruzamento e é realizado pela dirigente geral, ou pelo Pai e Mãe de Santo de cada gira.

É importante pontuar que o verdadeiro comando de um Terreiro é de ordem espiritual, de responsabilidade do Guia chefe da casa, entidade recebida pelo dirigente geral, em consonância com as demais Entidades. Neste momento, contudo, elucidamos questões acerca do que é ser médium e das características dos graus hierárquicos, no que concerne à organização material das giras e do Terreiro, enfatizando que o auxílio aos irmãos de corrente é um compromisso de todos nós.

Médium é aquele que serve de elo entre o mundo espiritual (plano espiritual, quarta dimensão ou mundo astral) e o mundo terreno. Em termos gerais, toda pessoa tem mediunidade, sendo que ela pode ser mais ou menos latente. Cada filho do Pai Maneco é, portanto, um médium, já que se disponibiliza a mediar a comunicação entre encarnados e desencarnados. A mediunidade pode permanecer adormecida até que a energia espiritual, somada à vontade e dedicação, despertem essa sensibilidade.

Suscetível aos mais diversos tipos de manifestação da espiritualidade, o médium deve manter, no cumprimento de sua missão, uma postura isenta de vaidades ou de quaisquer outros sentimentos não condizentes com o serviço da caridade e da doação.

Ponto chave do ritual de Umbanda no plano material, o médium realiza trocas informacionais com a Entidade, nas quais um fornece sua experiência de vida terrena, intelectual e comportamental, enquanto o outro dispõe de substancial bagagem evolutiva regida pelo conhecimento e amparo do plano Espiritual. Ambos, médium e espírito, se beneficiam neste intercâmbio do aprendizado e do conhecimento gerados nesta espécie de simbiose energética.

A Mediunidade é composta por processos de comunicação entre pessoas vivas, ou encarnadas, e pessoas mortas, ou desencarnadas. Evidenciada em inúmeras narrativas nas mais diversas culturas ao longo da história humana, começou a ser mais estudada a partir do Século XIX, com Allan Kardec (1804-1869), em cujos livros encontramos importante referencial acerca dos diversos tipos de mediunidade e de inter-relações entre mundo material e espiritual. Suor nas mãos, arrepios, palpites e adivinhações são características de mediunidade: medo de espíritos e de fantasmas indica também a presença mediúnica, pois apenas pode sentir medo quem acredita na existência de tais coisas. O próprio desejo de conhecer mais acerca de fenômenos sobrenaturais é um indício de presença mediúnica.

De acordo com Pai Fernando:

> *Tem pessoas que por comodismo dizem que acreditam em Deus e isso lhes basta. No fundo são médiuns, pessoas medrosas, não por cultura religiosa, mas por inequívoca demonstração de recusarem um vínculo com as obrigações de um compromisso religioso. Os que mais sentem a manifestação dos espíritos junto de si, são os que, mais uma vez pelo medo, correm em busca das religiões para negarem a incômoda presença de um espírito junto de si. Existem manifestações dos espíritos em médiuns latentes tão impressionantes que se a família tiver preconceito com o espiritismo, acaba levando-os aos médicos e até a internação em hospitais psiquiátricos (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

A relação entre médium e espírito, necessita, portanto, de uma boa condução e de um desenvolvimento seguro para não confundir as faculdades mentais, já que este é um campo pouco explorado cientificamente e sujeito aos mais diversos tipos de equívocos e preconceitos. Sobre o processo de desenvolvimento mediúnico, Pai Fernando, que durante muitos anos foi proprietário de um haras e que nutria sincera afeição por animais, lança mão de uma metáfora esclarecedora.

> *Chama-se o médium de Umbanda de "cavalo", acho que para podermos explicar bem como as coisas acontecem, vamos explorar essa comparação. Um cavalo ainda não domado é separado para a doma. O domador, antes de montá-lo, com bastante paciência, ensina-o a usar o cabresto, o freio e com muita cautela põe sobre seu lombo a sela, para que ele sinta um leve peso, já o acostumando para finalmente ser montado. É o que acontece com o médium que incorpora na vibração. Vale dizer que o treinamento do cavalo é longo, levando, às vezes, meses para que o domador possa montá-lo. Com os médiuns é a mesma coisa: demora, por isso tenham paciência, mas de repente, em qualquer momento, o espírito incorpora em sua totalidade, e da mesma forma que o cavalo vai sentir um peso mais forte, o médium vai sentir a presença do seu Orixá, e faz com que o médium passe a outra fase de seu desenvolvimento (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

O desenvolvimento mediúnico é um processo que não se encerra, pois sempre temos mais a aprender; suas distintas fases são aproveitadas das mais diversas maneiras no transcorrer das giras, compondo a integração e a unidade espirituais. Destacamos que cada médium contribui com sua parcela de energia, o que implica a necessidade de distinção de algumas atribuições mediúnicas.

O médium de atendimento pode dar passes e atuar em trabalhos realizados por outras entidades no meio do Terreiro É também aquele que incorpora, senta no toco e risca ponto para atender os consulentes. Serve de elo entre o mundo espiritual e terreno, trazendo informações específicas, de acordo com os questionamentos levantados. Ao fazer a ligação entre o mundo físico e espiritual, pode indicar tratamento para médiuns e consulentes, solicitando, por vezes, autorização da hierarquia.

O médium de sustentação, embora não incorpore, faz a sustentação energética do trabalho, mantendo o padrão vibratório por meio de pensamentos e sentimentos elevados. Ajuda a garantir a segurança, a firmeza e a proteção da Gira, enquanto o médium de atendimento desenvolve o trabalho assistencial. Essas posições podem ser invertidas, pois, se muitos médiuns forem de incorporação ou atendimento, é possível que o dirigente solicite um revezamento, para que todos os filhos tenham a oportunidade de estreitar laços com os guias espirituais.

Os médiuns que trabalham na corrente do Terreiro do Pai Maneco devem se preparar adequadamente para os rituais. É recomendado que 24 horas antes do início da sua gira o médium evite a ingestão de álcool e comidas pesadas tais como carne vermelha, que mantenha abstenção de relações sexuais e que tome um banho de ervas. No caso do álcool o objetivo é manter a consciência desperta e não permitir brechas para espíritos e energias com vibrações deletérias. Quanto à abstenção sexual não tem nada a ver com a ideia de pecado: apenas procuramos evitar trocas energéticas antes das giras.

Além destes requisitos, é solicitado que o médium tente permanecer com pensamentos positivos, com calma interior, que não se zangue, não se estresse, mantendo a paz e tentando estar concentrado, pois a raiva ou a tristeza podem ser um atrativo para espíritos de energia mais densa. Quando se chega ao terreiro, o médium deve permanecer concentrado até o início da sessão.

DIRIGENTE GERAL

Babalaô que teu sono seja calmo
Babalaô que teus sonhos sejam lindos.

O dirigente de um Terreiro de Umbanda é também chamado de Pai de Santo ou Mãe de Santo: é o chefe do Terreiro, aquele que zela pela energia espiritual dos filhos, no afã de que possam ter uma vida equilibrada. Outras designações podem ser utilizadas, tais como Babalorixá ou Babalaô. Os dois nomes provêm do iorubá, idioma no qual a palavra Babá significa pai; o primeiro termo é formado pela junção de Bàbá+lo+Òrisà e o segundo pela união de Bàbá+láwo, a tradução do segundo é "pai tem segredos". Yiá, também do iorubá, significa mãe, portanto, quando a dirigente é uma mulher, podemos usar a palavra Ialorixá. No Terreiro do Pai Maneco é mais usado o termo Pai ou Mãe de Santo.

Existe uma polêmica quanto à utilização da palavra Babalaô, porque seria exclusiva para os sacerdotes iorubás pertencentes aos cultos africanos do Ifá. Sua função, nas culturas jeje e nagô, é a iniciação de outros Babalaôs, a preservação do segredo e a transmissão do conhecimento para os iniciados. Por ser uma religião com pouco mais de cem anos, a Umbanda está em constante desenvolvimento, assimilando, por analogia, vocábulos e ensinamentos diversos.

Lucilia Guimarães é a responsável geral do Terreiro do Pai Maneco, função determinada, em vida, por Pai Fernando. Dirigente da Gira de segunda-feira, sob sua orientação trabalham os demais Pais e Mães de Santo, os quais, nos outros dias da semana, mantêm a unidade do trabalho, tanto material quanto espiritualmente. A dirigente geral deve ser informada acerca de questões relevantes para o bom andamento da casa e quaisquer alterações nos trabalhos devem ser previamente autorizadas por ela. Conta com a ajuda dos médiuns para a realização dos trabalhos, delegando funções, de acordo com as necessidades surgidas ou com os objetivos almejados.

PAI E MÃE DE SANTO

Vou pedir ao criador
Que derrame o seu amor
Aos nossos guias e ao nosso Babalaô.

Um Terreiro não pode existir sem o comando de um Pai ou de uma Mãe de Santo, o dirigente da Gira. A palavra do Pai ou da Mãe de Santo é soberana, sendo que ele ou ela coordena o trabalho espiritual escolhendo seus auxiliares, que são médiuns autorizados a substituí-lo em eventuais ausências ou impedimentos no cumprimento da função.

A tarefa do Pai e da Mãe de Santo é conduzir as sessões espirituais de sua corrente, sendo os responsáveis por abrir e fechar os trabalhos, ensinar e orientar aos filhos acerca dos conhecimentos religiosos. Auxiliam no desenvolvimento da mediunidade, provendo orientações coletivas e individuais. Não podem, contudo, interferir no livre-arbítrio dos médiuns, em respeito à jornada evolutiva de cada um.

Através do jogo do Obi, revela o Orixá de cada filho e é o principal conselheiro em momentos de dificuldades. Além das giras, lidera os rituais do Amaci, batismo, casamento, etc.

Cabe principalmente a ele ou ela alimentar os alguidares do Roncó e as firmezas do Terreiro.

Dentre as prerrogativas para ser consagrado Pai ou Mãe de Santo no Terreiro do Pai Maneco, o médium se compromete a nunca cobrar por seu trabalho mediúnico, não usar sangue de espécie alguma e não falar de morte ou traição.

PAI PEQUENO E MÃE PEQUENA

Umbanda tem fundamento
Tem mironga e hierarquia
Pai Pequeno firma pemba
Babalaô firma guia.

O Pai Pequeno e a Mãe Pequena, auxiliares diretos do dirigente, são a segunda voz dentro do Terreiro. Médium escolhido pelo Pai ou Mãe de Santo, tem autorização para substituir e dar continuidade ao trabalho, em qualquer momento e dentro dos preceitos praticados por seu dirigente. Os ensinamentos e as preparações para o desempenho de tal função são passados ao Pai e à Mãe Pequenos pelo Chefe do Terreiro.

Auxilia no desenvolvimento mediúnico, no atendimento aos consulentes e deve estar sempre atento às deliberações do espírito que comanda a Gira, pois, quando o Pai ou a Mãe de Santo estão incorporados, é sua a responsabilidade pelo desenrolar dos trabalhos. Médiuns de confiança dos dirigentes, com eles compartilham o cuidado dos filhos.

CAPITÃO E CAPITÃ

Capitão de Umbanda ele é
Um soldado dos Orixás.

Médiuns escolhidos pelo dirigente, Capitães e Capitãs são pessoas que auxiliam na preparação e desenvolvimento da gira, no cuidado com a corrente e com a assistência. Podem ter funções específicas por determinação do dirigente, ajudando nos trabalhos de meio e dando suporte aos médiuns. Atentos às alterações na gira, de acordo com Pai Fernando são uma espécie de “auxiliar técnico” dos dirigentes.

Deve deter conhecimento da doutrina umbandista, pois é ele ou ela quem coloca ordem no trabalho e o conduz a um bom fim, sempre em consonância com o Pai ou Mãe de Santo.

Leva dúvidas e outras questões da gira para o dirigente, ou para o espírito com o qual esteja incorporado, no afã de obter esclarecimentos que são repassados para a corrente.

OGAN

Ogan toca para Ogum.

A palavra Ogã vem do iorubá e significa pessoa superior ou chefe. É um termo adotado como nome genérico para diversas funções masculinas dentro dos Terreiros. No Terreiro do Pai Maneco, Ogan é o médium, homem ou mulher, responsável pelo toque dos atabaques e demais instrumentos de percussão, os quais produzem mantras fundamentais para o sucesso dos trabalhos. De acordo com o comando do dirigente, potencializam a força espiritual através da cadência melódica e da vibração sonora. São também responsáveis pela manutenção dos instrumentos musicais, tratando-os com o devido respeito e carinho.

Por ser uma atribuição que requer conhecimentos musicais, o Ogan deve ser capaz de executar os diferentes toques relativos a cada Orixá, conhecer os pontos da gira e ensinar novos médiuns interessados nas questões musicais.

O Ogan não desenvolve a mediunidade de incorporação, pois seu compromisso com a Engoma exige outro tipo de dedicação. Outras faculdades mediúnicas como a visão e audição espirituais, podem ser despertadas, pois os integrantes da Engoma costumam apresentar um tipo distinto de sintonia espiritual, em função da importância exercida pela sonoridade nos trabalhos umbandistas. Espécie de ímã a aglutinar forças durante as giras, o Ogan deve estar atento ao dirigente e demais membros da hierarquia, para que a sintonia entre a música e o trabalho espiritual seja realizada da melhor forma possível.

SAMBA

[...] Vibra o Samba
Vibra a Umbanda
Na palma da minha mão.

Samba é um gênero musical que, oriundo do Rio de Janeiro, se transformou em uma das principais manifestações culturais populares brasileiras, e deriva do samba de roda, dança de raízes africanas originadas na Bahia. Para a Umbanda, a palavra Samba designa o puxador dos pontos cantados, médium responsável pela harmonia e adequação do canto nas giras.

Assim como o Ogan, é responsável por entoar os Pontos Cantados, mantras poderosos nos trabalhos[5]. De acordo com o dirigente, organiza a gira da abertura ao encerramento.

Costuma receber pontos de médiuns e de espíritos, os quais devem ser repassados aos dirigentes para autorização de sua inclusão na Gira. Grupos de Sambas e Ogans do Terreiro do Pai Maneco realizam apresentações musicais em eventos culturais, educativos e de caridade.

Durante a gira, a energia da vibração musical que parte da Engoma deve ser compartilhada por toda a corrente, pois o ideal é que todos os médiuns que não estejam incorporados ou camboneando estejam cantando. Ao verificar o interesse pelo canto, é a Samba ou o Samba a pessoa responsável por acolher novos médiuns na Engoma.

[5] Aprofundamos as explicações sobre Pontos Cantados no capítulo 8.

CAMBONE

Cambone segura a Gira
Pai de Santo segura o Congá.

Os Cambones são médiuns de sustentação, que mesmo sem incorporar, auxiliam diretamente as entidades que dão consultas. O ato de cambonear é uma excepcional oportunidade de conhecer e entender a Umbanda, uma vez que auxiliando a entidade podemos estar em contato direto com a sabedoria dos espíritos. Além de ser auxiliado em seus problemas pessoais, o Cambone tem a chance de fazer perguntas e aumentar seu conhecimento sobre a realidade dos Espíritos.

Dentre as informações deixadas por Pai Fernando acerca dos Cambones, destacamos a seguinte observação:

> *Como auxiliar das entidades, cabe ao cambone ser o intérprete da mensagem entre a entidade e o consulente, além de um defensor da entidade e da integridade física do médium. Cabe a ele cuidar do material da entidade, orientar o que acontece em sua volta e também ajudar o entendimento do consulente, pois a linguagem do espírito nem sempre é entendida, mas ao cambone fica claro pela sua intimidade com o comportamento do espírito que ele serve (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

Tarefa nem sempre fácil, cabe ao Cambone prestar atenção no comportamento do médium e da Entidade, tendo o dever de se reportar à hierarquia em casos de dúvidas sobre o teor da comunicação durante a consulta.

Hoje, no Terreiro do Pai Maneco, solicitamos aos Cambones que preencham um caderno com informações sobre as consultas, com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas e evitar

mal-entendidos. O acesso ao conteúdo dos cadernos é limitado a pessoas indicadas pelos dirigentes.

O Cambone auxilia médium e Entidade mantendo sigilo sobre o teor das consultas, organizando e cuidando do material utilizado, prestando atenção na consulta e dando explicações sobre banhos, entregas, etc. Não deve incorporar quando está atendendo a uma Entidade, exceto quando por ela for autorizado.

ASSISTÊNCIA

Distribuída ao longo do salão circular e podendo visualizar o Congá, a assistência é parte fundamental do trabalho de Umbanda, razão de ser de uma Gira, pois a prática da caridade é o objetivo da religião. Entre o Congá e a assistência, fica o corpo mediúnico que realiza os trabalhos.

É composta por pessoas que, regular ou esporadicamente, frequentam as giras, seja para tomar passes, fazer tratamento espiritual ou simplesmente por estar em um lugar agradável. Quem faz tratamento numa casa de Umbanda não precisa necessariamente tornar-se umbandista: as portas estão abertas a todos que desejem frequentar o Terreiro pelas mais diversas razões.

Por vezes, a assistência, assim como os médiuns, traz consigo espíritos que necessitam de encaminhamento, os quais são atendidos e tratados no transcorrer da gira. Os espíritos que desejam perturbar são barrados na Tronqueira e, conforme o caso, encaminhados para tratamento. É importante lembrar que, para o bom andamento dos trabalhos, é condição que todos mantenham silêncio e padrão de pensamento elevado, participando das preces e dos pontos cantados.

7. TRABALHO:

giras e rituais

Estou ao seu lado
Recebendo axé
Nesse Terreiro sagrado.

Conforme se vê no decorrer deste trabalho, um Terreiro de Umbanda é composto de elementos físicos ou arquitetônicos, que abrigam os elementos humanos, que são as pessoas participantes do rito.

O rito é um protocolo de procedimentos que, orientado pelos espíritos, materializa a Umbanda enquanto religião. O termo advém do latim ritus, e é o “conjunto de regras e cerimônias que se devem observar na prática de uma religião” (CUNHA, 2010, p. 566).

Dentre os ritos de Umbanda, ou rituais como vulgarmente são conhecidos, tem-se vários destes procedimentos: as giras semanais, as giras para fins específicos ou festivos, os ritos compreendidos dentro de uma gira - como o jogo de obi e o amaci -, os ritos complementares aos trabalhos de Umbanda - como as obrigações e os Amalás-, e ainda os ritos concernentes a momentos da vida dos indivíduos da corrente - como o batismo, o casamento, o velório e o ritual de desenergização. A respeito destes ritos passa-se a tratar detalhadamente a seguir.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

GIRA

Eu vou abrir a nossa gira com fé
Eu vou luzir a gira com dedicação
Pedindo a Deus e a todo santo
A luz do manto da proteção.

A Gira é o principal rito da Umbanda. É a sessão, ou o momento de culto geral, realizada no ambiente físico principal do Terreiro. Congrega as pessoas que compõem a corrente e a assistência, conforme detalhado nos capítulos precedentes.

Durante a Gira de Umbanda manifestam-se os espíritos através da incorporação. A despeito da seriedade que este fato encerra, as giras são pautadas pela alegria e pela conjunção entre informalidade e respeito. Esta peculiar união resulta em momentos de felicidade para médiuns e assistência, acompanhados pela música e pelo canto da Engoma. As Giras podem ser de trabalho, de desenvolvimento ou treinamento e festivas ou especiais.

Cada médium da casa participa de uma gira semanal, pois no Terreiro do Pai Maneco há Giras de trabalho de segunda-feira a sábado, das 20 às 24 horas. Também existe uma Gira na sexta-feira, das 14 às 18 horas. Existem ainda Giras para o atendimento de animais e outras destinadas aos trabalhos de saúde.

No Terreiro do Pai Maneco, antes dos trabalhos, firmamos Congá, Roncó, Casa dos Exus, Engoma, Tronqueira e Ponto do Pai Maneco com o acendimento das velas apropriadas.

Verificamos ainda se os atabaques e demais instrumentos da Engoma estão revestidos com seus mantos, se as ervas utilizadas pelo dirigente estão preparadas, se os materiais de trabalho estão reunidos e se o Terreiro está organizado.

Feitas as verificações, os médiuns permanecem concentrados na antessala do salão principal, aguardando o chamado de entrada.

A Gira começa com Mães e Pais de Santo, Mães e Pais Pequenos, Capitãs e Capitães, Ogans e Sambas batendo a cabeça em frente ao Congá e fazendo os devidos cumprimentos.

Bater a cabeça no chão é uma reverência bastante comum a várias religiões, e demonstra o respeito profundo ao divino. Na Umbanda, reverencia-se a religião, os Orixás, as Entidades da Casa e os Guias de cada pessoa individualmente. É demonstração de confiança, respeito e concordância com a casa e com sua direção espiritual e material, bem como com as Leis aplicadas na casa de Umbanda.

Depois que a hierarquia bate a cabeça, a Engoma canta o Hino de Umbanda, e os médiuns são convidados a entrar na Gira. É importante que todos cantem o Hino de Umbanda com entusiasmo para criar uma corrente mediúnica forte.

Distintamente de outros Terreiros onde homens e mulheres ocupam lados separados na corrente mediúnica, no Terreiro do Pai Maneco, os médiuns distribuem-se à vontade ao longo da corrente por acreditarmos que a troca energética funciona melhor sem tal separação.

Com a formação da corrente, a Mãe ou Pai de Santo dá sequência à sessão, fazendo uma oração em frente ao Congá. Pede aos Orixás e às Entidades da Casa um bom desenvolvimento dos trabalhos, harmonia, firmeza e segurança para médiuns e assistência.

O médium encarregado inicia a defumação, prática comum a várias religiões, que acontece com a queima de ervas no interior de um turíbulo, ou incensário. A fumaça espalhada pelo Terreiro tem como objetivo limpar e equilibrar, médiuns e ambiente, para o início dos trabalhos.

Após a defumação, acontece o ritual de bater a cabeça para os médiuns da corrente, que reprisa o já executado pela hierarquia: ao encostar sua cabeça no chão, o médium reverencia a casa, suas leis, direção espiritual e material, expressando confiança, obediência e respeito.

Enquanto a corrente está agachada com a cabeça no chão, um membro da hierarquia passa por todos soando o adejá[6], em saudação ao Orixá de cada um.

Em seguida o dirigente faz a saudação ao Anjo da Guarda e a prece de abertura, quando, em nome de Oxalá e de Omulu, o trabalho é iniciado. O Pai ou Mãe de Santo invoca a proteção dos Orixás e das entidades da casa; cantamos o ponto de abertura, o de saudação da Engoma e, em algumas giras, saúda-se também a Pemba e a Toalha[7], elementos sagrados da Umbanda. Cantamos pontos em homenagem aos Sete Orixás, Caboclos, Pretos Velhos, Linha Neutra e Crianças. Continuamos com a saudação das Entidades que trabalhavam com o Pai Fernando e das Entidades que trabalham com a Mãe Lucilia, as Entidades dos demais dirigentes são saudadas, cada qual no dia de seu trabalho.

Abaixados em sinal de respeito, cantamos para Pai Fernando e para o Pai Maneco. Voltados em direção à Tronqueira fazemos a saudação ao Exu Tranca Ruas da Porteira e, novamente de frente para o Congá, cantamos um ponto para o Pai de Cabeça e para o Caboclo Akuan, entidade recebida por Pai Fernando, que é hoje o zelador espiritual do Terreiro.

O ponto do Caboclo Sete Ponteiras do Mar é cantado em todas as giras de Ogum, sendo que na segunda-feira, dia sob a responsabilidade da Mãe Lucilia, ele marca o início das incorporações. Depois do Dirigente, incorporam Mães e Pais Pequenos, Capitães e a corrente. Sempre ao som dos pontos cantados, individuais e/ou de linha.

As entidades que trabalham na linha de Ogum firmam os trabalhos, realizam atendimento e fazem também trabalhos no meio. É durante a gira de Ogum que é feito o descarrego das Sete Linhas, quando a assistência, colocada no meio do Terreiro, recebe o passe mediúnico. A vibração de Ogum de Ronda costuma encerrar a gira.

Habitualmente acontece um breve intervalo, quando os médiuns preparam seu material para a segunda etapa da Gira, quando são concedidas numerosas consultas à assistência, segundo a linha a ser trabalhada: Preto Velho, Exu, Caboclo ou Linha Neutra.

[6] O adejá é um sino metálico de uso característico na Umbanda.
[7] Pano branco com detalhes na cor do Orixá do dirigente, que permanece, durante a gira, na frente do Congá. Sobre ele ficam as espadas de Ogum, Orixá responsável pelo Terreiro do Pai Maneco.

Saudamos a entidade que Pai Fernando recebia naquela linha em particular, a entidade que trabalha com a Mãe Lucilia de Iemanjá, seguindo a mesma ordem de incorporação realizada na linha de Ogum. Nesta parte do trabalho muitas entidades dão consulta, de forma autorizada e orientada tanto pelo Dirigente Espiritual quanto pelo Dirigente material da casa.

Após o atendimento da assistência e a realização dos trabalhos necessários, as entidades desincorporam e o dirigente encerra a gira. Os membros da hierarquia batem a cabeça, saudamos o Exu Tranca Ruas da Porteira, voltando-nos, mais uma vez, para a Tronqueira. Pedimos que seja fechado o Terreiro e aberta a rua, para que todos sigam em paz e energizados.

GIRAS DE DESENVOLVIMENTO, DE ANIMAIS E FESTIVAS

Hoje tem alegria
Na gira de Umbanda
Hoje tem alegria.

As Giras de desenvolvimento ou Treinamento são restrita aos médiuns, têm caráter de aprendizagem e acontecem habitualmente uma vez por mês. Nestas ocasiões são solucionadas dúvidas dos médiuns, aprimoradas as incorporações, consultadas as Entidades sobre suas necessidades, bem como são tratados assuntos que o Dirigente entenda pertinentes.

A Gira dos Animais, por sua vez, acontece também uma vez por mês, mas é aberta à assistência, que tem já por hábito trazer animais para vibrações de saúde e equilíbrio. Pai Fernando sempre falou com muito carinho dos animais e em seus espíritos após seu desencarne:

> *Os gatos, os cães e os cavalos são reconhecidamente videntes, enxergando os espíritos, o que demonstra possuírem a terceira visão, a qual no homem está alojada no chacra espiritual. Se existe nos animais o terceiro olho, ele tem que estar também dentro do espírito, igual ao homem, o que reforça a tese que eles têm alma e podem sobreviver à morte (GUIMARÃES, 2004, p. 126).*

Diante desta reflexão, a Gira dos Animais foi fundada pelo próprio Pai Fernando e conta com especial carinho por parte de todos os integrantes do Terreiro do Pai Maneco. Finalmente, ainda realizamos Giras Festivas ou Especiais, que são organizadas em homenagem a determinado Orixá ou Linha, em festas em locais na natureza ou dentro do Terreiro.

Anualmente organizamos uma Gira na Praia e uma na Mata, homenageando Iemanjá e Caboclos. Fizemos também trabalhos em homenagem aos Pretos Velhos, na Pedreira Paulo Leminski e aos Exus e Pombas Giras, nas dependências do Terreiro. Foram ainda realizadas Giras de celebração para Boiadeiros, Ciganos e Crianças.

Quando do encerramento das atividades anuais do Terreiro, em meados do mês de dezembro, é sempre realizada uma festa cultural denominada “Não bata a cabeça à toa”, que é seguida de uma grande Gira de Encerramento congregando todos os integrantes da Casa.

RITOS ESPECÍFICOS

Dentro ou fora das Giras de Umbanda, é dado ao médium participar de alguns ritos, com propósitos especiais. Desde a identificação do Orixá até o cruzamento de Mãe ou Pai de Santo, as cerimônias organizadas promovem o estreitamento da comunicação entre médium e espírito, cujo objetivo é fazer a caridade e promover o bem da coletividade de forma cada vez mais eficaz. Nos próximos tópicos explicamos o que são estes ritos específicos, pois alguns deles podem ser realizados apenas por médiuns do Terreiro do Pai Maneco e outros são abertos à comunidade.

JOGO DE OBI

De quem sou eu meu pai
De quem sou eu meu pai
Me diga lá, me diga lá, Obatalá.
Ruy Maurity

O Jogo de Obi revela o Orixá de Cabeça de cada pessoa e é jogado pelo Pai ou Mãe de Santo, que define qual dos sete Orixás rege a vida do filho.

O Obi é uma semente ovalada oriunda de uma palmeira africana trazida para o Brasil no período da escravidão, atualmente cultivada na Bahia. De acordo com uma lenda, Obi era uma das comidas dos Orixás, de onde provém sua capacidade de desvendar o Orixá das pessoas.

A semente do Obi é uma dicotiledônea, ou seja, possui duas partes que podem ser separadas. Quando se joga o Obi, o Dirigente separa a semente e faz novo corte, obtendo quatro partes no sentido do comprimento. Intuído a respeito de qual Orixá rege o indivíduo que se coloca na sua frente com as mãos espalmadas para cima, o Dirigente solicita que a Engoma execute pontos cantados, e lança delicadamente a semente sobre uma toalha branca.

As quatro partes da semente podem cair com a aresta interna voltada para cima ou para baixo, e a combinação de partes abertas (para cima) ou fechadas (para baixo) indica se a intuição do Dirigente estava certa ou não. Caso seja negativa a consulta, passa-se a outro Orixá, com ponto cantado específico, até que se obtenha a combinação das partes do Obi necessárias para a confirmação.

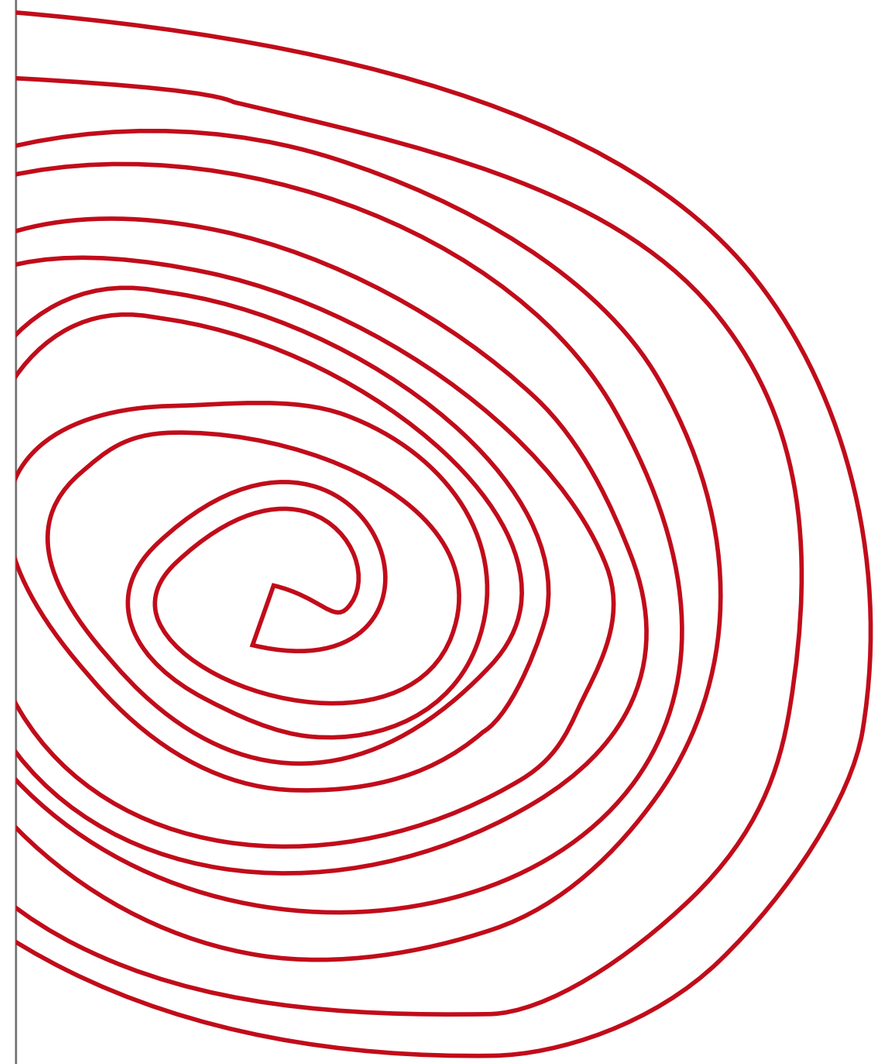
A confirmação consiste em uma queda das quatro partes do Obi com as arestas internas e com as cunhas viradas para cima. Uma queda com as quatro partes do Obi viradas para baixo nega a consulta.

Com a queda de duas partes da semente com as cunhas viradas para cima e duas para baixo, o Dirigente repetirá a operação e ocorrendo o mesmo por três vezes, o Orixá estará confirmado. Com a queda de três partes do Obi com as cunhas viradas para cima e uma para baixo, o Dirigente repetirá a operação, mas mudará o Orixá invocado.

Como o Pai de Cabeça é um Caboclo que trabalha na linha de Oxóssi, Ogum ou Xangô, caso o Orixá do indivíduo seja Oxalá, Iemanjá, Oxum ou Iansã, poderá ser jogado novamente o Obi para revelar qual o segundo Orixá, em cuja linha se manifestará o Pai de Cabeça.

Em algumas ocasiões, de acordo com os ensinamentos de Pai Fernando, é possível utilizar outros elementos para confirmar o Orixá do indivíduo, tais como cebola branca, ou cebola do mar, a semente de abacate ou até mesmo uma maçã. Em Grifos do Passado, explica que o ritual pode ser substituído pelo uso de velas acesas para todos os Orixás em um quarto fechado e sem vento, em volta do consulente. A vela que mais rápido queimar por completo indicará o Orixá Regente.

Cada Dirigente do Terreiro do Pai Maneco adota um procedimento de inscrição e atendimento dos interessados em saber seu Orixá Regente, devendo ser consultada a hierarquia de cada Gira para que se seja atendido nesta solicitação.



TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

CRUZAMENTO

Cruza, cruza, vamos cruzar
Esse filho nesse Congá.

Denomina-se cruzamento aos ritos que consagram os médiuns a determinados graus hierárquicos, como por exemplo: cruzamento de Capitão, de Ogan, de Mãe de Santo e assim por diante. No entanto, existe uma especificidade do cruzamento que merece esclarecimentos: no dia do Amaci, após a entrada dos médiuns no salão, a entidade incorporada no dirigente ou em alguém por ele designado, apanha uma pemba branca e nos pés, mãos, peito, testa e nuca do novo adepto, desenha um sinal mágico em forma de cruz que simboliza a conexão do médium com o mundo espiritual.

Os sinais determinam que o filho deverá trilhar bons caminhos (sinal nos pés), realizar boas ações (sinal nas mãos), ter bons sentimentos (sinal no peito), ter bons pensamentos (sinal na testa), estar resguardado, amparado e protegido (sinal na nuca).

AMACI

[...] Muita atenção, hoje é noite de Amaci
Filhos de fé respeitem o pano branco
Babalaô preparou seu banho santo [...]

O Amaci é ritual de admissão do médium na Gira, quando o dirigente lava a coroa, ou chacra coronário do filho, possibilitando-lhe uma conexão espiritual mais estreita. É quando o médium formaliza o compromisso com a religião, dispondo-se a trabalhar nas manifestações dos espíritos e na força do Terreiro. Confirma a fé do indivíduo adulto de forma consentida e livre e por este motivo recomendamos que aconteça somente após os quinze anos de idade, quando a pessoa possui razoável maturidade para a escolha de uma religião.

Para a realização do Amaci, o médium precisa saber qual seu Orixá de Cabeça, ter assinado uma lista de presença em sete Giras do mesmo dia da semana e realizado o curso introdutório ao Terreiro do Pai Maneco. Tais procedimentos visam reiterar a familiaridade do novo médium e sua determinação para entrar na Gira.

Para a realização do Amaci, o médium precisa saber qual seu Orixá de Cabeça, ter assinado uma lista de presença em sete Giras do mesmo dia da semana e realizado o curso introdutório ao Terreiro do Pai Maneco. Tais procedimentos visam reiterar a familiaridade do novo médium e sua determinação para entrar na Gira.

Recolhidos em concentração e preceito[8], após o início da gira, os médiuns são chamados a entrar no salão, posicionados de frente ao Congá e agrupados segundo seus Orixás Regentes. Trazem um alguidar[9], uma vela na cor do Orixá, as guias[10] que serão cruzadas e, eventualmente, um padrinho escolhido entre os irmãos de corrente. O Dirigente pode orientar aos filhos ingressantes que tenham um Pano de Cabeça[11], item facultativo no Terreiro do Pai Maneco. A entidade dirigente, com pontos cantados do Orixá, lava o topo da cabeça do médium (chacra coronário) com ervas maceradas[12]. Ocasionalmente o Dirigente pode lavar a cabeça do novo filho com as bebidas do Orixá. As guias do médium, que se encontram dentro do alguidar e estão então molhadas, são devidamente energizadas e oferecidas ao filho, que deve mostrar sua reverência e aceitar que sejam colocadas ao redor de seu pescoço.

Concluída a lavagem da cabeça e das guias, o médium é conduzido ao Roncó, levando o alguidar e a vela acesa sobre a cabeça. O alguidar é colocado no Roncó onde ficará por todo tempo de permanência do médium na Casa, sendo zelado por sua Mãe ou por seu Pai de Santo.

Ao final da cerimônia a entidade dirigente recebe os novos filhos no centro do Terreiro, que são saudados pelos demais membros da corrente. Ao som da Engoma, com pontos de seu Orixá, lhe é oportunizado dar passagem aos seus guias para incorporação, encerrando-se a cerimônia.

Caso algum dia o médium se desvincule do Terreiro por qualquer motivo, o alguidar será retirado do Roncó, podendo ser devolvido ao médium ou descarregado.

[8] O preceito para o Amaci é de três dias, durante os quais o médium evitará comer carne de qualquer origem, ingerir álcool, manter contatos físicos íntimos e procurará ter bons pensamentos. Os motivos não são outros senão o da manutenção da energia do indivíduo.
[9] Pote de barro de boca larga usado para o depósito de ervas.
[10] Para o Amaci são solicitadas a guia do Orixá, a guia de Oxalá e a guia de Pretos Velhos. Devem ser montadas por integrantes da Hierarquia da Gira, previamente solicitados.
[11] Pano usado pelo médium para proteger a cabeça quando a encosta no chão.
[12] No capítulo 8 está uma tabela com as ervas de cada Orixá.

MAÇAROCADA

Jurema na floresta tem
Ervas sagradas para me curar
Da raiz quero a firmeza
Do caule o crescimento
Da folha eu peço a cura
Da flor eu quero amor.

O dirigente de cada trabalho periodicamente alimenta com ervas os alguidares guardados no Roncó, a este ritual dá-se o nome de Maçarocada das ervas. Conduzido por Pais e Mães de Santo, utilizam-se ervas trazidas pelos filhos de corrente, devidamente maceradas, picadas, amassadas, rasgadas e misturadas por todos os presentes. Nesta cerimônia, que pode acontecer em dia de Gira ou em momento apartado, os alguidares são retirados individualmente do Roncó, limpos e realimentados.

A alegria e o espírito de confraternização que regem a Maçarocada são um marco para as relações interpessoais e espirituais da casa, pois este é um momento em que, por não estarem incorporados, os membros da corrente do Caboclo Akuan, passam a se conhecer mais e melhor.

OBRIGAÇÃO

Dentre os ritos de um Terreiro de Umbanda, e notadamente dentro do Terreiro do Pai Maneco, encontra-se ainda a Obrigação. Como bem informa o termo, trata-se da formalização ritualística de um acordo entre médium e Entidade, espírito que habitualmente incorpora em determinado médium no mesmo Terreiro.

Na cerimônia, conduzida pelo Dirigente, acontece a confirmação da identidade do espírito, que ao chamado de seu ponto cantado ou de um ponto de sua linha, incorpora no médium.

Tendo firmado a incorporação, a Entidade consome os elementos do Amalá: bebida, comida, fumo e outros itens. Em seguida, risca o ponto, que é devidamente conferido pelo Dirigente, e eventualmente informa sobre outros elementos de trabalho, tais como guia e ponto cantado.

Conferidas as manifestações ocorridas na incorporação, como atendimento ao ponto cantado, identidade do ponto riscado, confirmação da oferenda e dos elementos, fica formalizada a ligação do médium com a Entidade, que é um comprometimento de ambos perante aquele Terreiro e perante o Astral.

Um exemplo da incorporação para formalização da Obrigação é dada no relato do Pai Gustavo Guimarães, ao fazer sua obrigação com Exu:

Um acontecimento marcante para mim na religião foi o rito de obrigação que tive oportunidade de empreender com o Pai Fernando de Ogum. Já trabalhando com o Exu Arranca Toco há tempos, ele pediu ao seu Tranca Ruas que lhe fosse permitido usar capa, no que foi de pronto atendido. Ocorre que o próprio Exu Arranca Toco impôs a condição de ter obrigação feita para que pudesse receber a capa e posteriormente sua guia. Então fomos a Morretes. Eu, Pai Fernando e Pai Beco, fazer a obrigação com o Exu Arranca Toco, meu mestre que eu tanto admiro. Ele arriou, numa vibração incomum e correu pelo mato, cavalo descalço, depois riscou seu ponto, abriu um mamão e colocou dentro dele uma corrente fechada por cadeado. Pediu ao Pai Fernando que lavasse os pés do cavalo com a sua bebida e que regasse também às costas. Depois disso jogou a chave no mato. Então disse ao Pai Fernando, com o humor que lhe é característico, que para desfazer esta obrigação bastaria pegar a chave e abrir o cadeado. Salve Exu. Salve a boca do mato. Salvo o rito de obrigação (GUIMARÃES, 2017, s/p).

Os médiuns são convidados para fazer obrigação com Pretas Velhas, Pretos Velhos, Caboclos, Exus e Pombas Giras, segundo critérios exclusivos do Dirigente e da Direção Material do Terreiro. Para tal comprometimento são considerados responsabilidade, maturidade mediúnica e tempo de toco, ou seja, de prática de consultas à assistência.

Não é incomum que no momento da Obrigação se manifeste Entidade diversa da que habitualmente o médium já trabalha nas Giras do Terreiro, revelando assim que a Entidade anterior era o desenvolvedor do médium, que o preparou para o trabalho com o atual e manifesto Espírito, com o qual terá grande ligação enquanto perdurar a Obrigação.

Da mesma forma que o médium poderá, segundo seu livre-arbítrio, aceitar ou não participar da Obrigação, esta poderá ser posteriormente desfeita. O compromisso poderá ser rescindido quando o médium deixar o Terreiro, ou mesmo a Umbanda, sempre de acordo com as formalidades indicadas pelo Dirigente.

BATISMO

Água pra benzer, benzer e bem dizer
Sal, sabor da vida, vida, viva com amor
Óleo para unção, união com o fogo do saber.

Alguns ritos na Umbanda guardam maior similaridade com ritos encontrados em outras religiões, por celebrarem passagens específicas da vida das pessoas encarnadas. Um exemplo é o Batismo, que simboliza a apresentação do recém-nascido ou de uma pequena criança à comunidade, bem como sua aceitação no círculo umbandista. Todavia, a permanência daquele indivíduo na religião dependerá de seu livre arbítrio e da sua confirmação no Amaci, do qual já se tratou anteriormente.

Diferentemente do ritual católico, que retira da criança o pecado original, o Batismo na Umbanda não contempla qualquer forma de limpeza, visto que não há a figura do pecado em nossa religião. Sua natureza é de consagração da criança, de convocação de padrinhos materiais e espirituais e de celebração de uma vida abençoada que se deseja ao pequeno.

A cerimônia é realizada pela Mãe ou Pai de Santo, incorporados ou não, na presença de padrinhos espirituais, ou espíritos, e padrinhos materiais, ou encarnados, todos escolhidos pelos pais, que tem como função proteger ou orientar a criança em sua caminhada pela vida.

No rito, que poderá acontecer durante uma Gira ou em momento apartado, são utilizados elementos ritualísticos como a água, a pemba branca, o sal, a vela e o óleo. Cada elemento tem uma função ou um simbolismo, relacionados respectivamente à capacidade de energização e renascimento (água), ao sopro divino de vida (pemba branca), à fartura de alimentos e à prosperidade (sal), à proteção e iluminação (vela) e à consagração da criança aos Orixás (o óleo da unção).

A criança, pais e padrinhos materiais são conduzidos até a frente do Congá, iniciando o ritual. A criança estará no colo de sua mãe e os padrinhos materiais segurarão duas velas cruzadas atrás da criança.

Várias pessoas sem conhecimento sobre a Umbanda costumam presenciar Batismos; parentes e amigos da família podem ser convidados a participar do ritual para compreender a simbologia que explicita o sagrado. O dirigente, de costas para o Congá, recebe o grupo em uma mesa coberta com toalha branca, ornada com flores brancas e com os elementos rituais dispostos. São chamados os padrinhos espirituais, que vem ao som de seus pontos riscados e chegam para passar boas energias para a criança.

Dando sequência à cerimônia, o Dirigente tomará o óleo e traçará com ele o símbolo da Umbanda, a estrela de seis pontas, na fronte da criança, consagrando-a segundo a lei da Umbanda a “Oxalá e a todos os Orixás”. Em seguida a madrinha material virá até a criança, descobrindo sua nuca e pescoço, onde ela também será ungida, finalmente, no peito. Não se unge as mãos da criança, vez que ela mesma, mais velha, deverá optar por seguir ou não no caminho da Umbanda. Conforme se pode ver, o respeito ritualístico ao livre arbítrio da criança é uma tônica da celebração.

Então o Dirigente utiliza a pemba em pó, preparada especialmente para este fim, e tomando nas mãos o recipiente onde está contida, passa o conteúdo nos mesmos pontos que foram ungidos ou mesmo sopra delicadamente o pó sobre a criança. Passa-se então ao sal, que também é disposto nos mesmos pontos ou depositado em pequena quantidade na boca da criança. Finalmente a criança, no colo da mãe, é inclinada para que uma pequena porção d’água seja derramada sobre sua cabeça. Levantada por um membro da hierarquia na frente do Congá, é apresentada para a comunidade. Este é um momento de extrema alegria, ao qual acompanham pontos cantados condizentes.

O ritual é então encerrado, quando a vela é entregue aos padrinhos para que dela façam uso em oração toda vez que a criança precisar, sempre zelando pelo novo afilhado.

CASAMENTO

21 velas para iluminar
O amor imenso que vai se casar
21 velas para conduzir
Flores e incenso para o caminho abrir.

O Casamento é mais um ritual similar ao realizado em outras religiões, adquirindo também a correspondência civil. Na união de duas pessoas que se amam e que querem compartilhar seus caminhos, a Umbanda tem um rito de bênçãos sob a proteção dos Orixás.

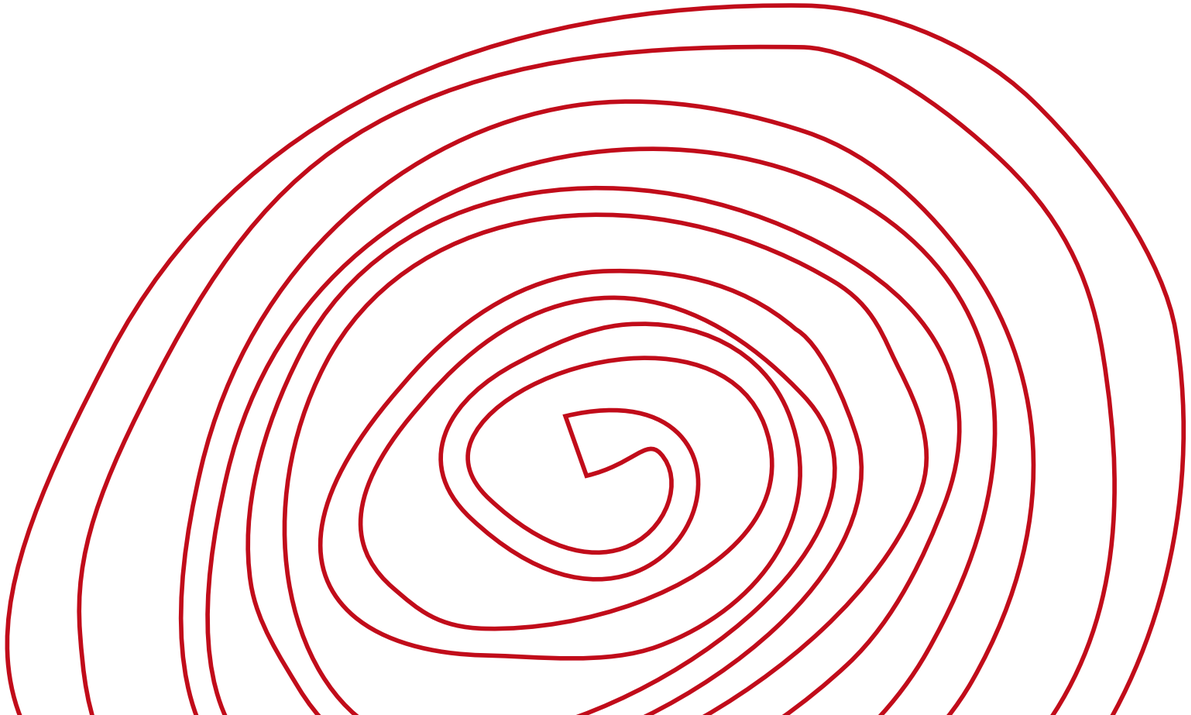
A cerimônia é realizada pela Mãe ou pelo Pai de Santo, incorporados com seus guias espirituais ou não, também na presença de padrinhos materiais e padrinhos espirituais, que têm como função proteger e orientar o casal.

Elementos ritualísticos também são utilizados: a flor e a água que abençoam o casal e os purificam, a pemba para transmitir-lhes a vida em casal no cruzamento das guias e/ou alianças, o pão e o vinho simbolizando a vida compartilhada, o óleo como força de unção e consagração, o sal como alimento para a casa dos noivos e as velas iluminando-lhes o caminho.

Cada noivo, conforme citado em capítulo anterior, recebe uma guia de Anjo da Guarda, com contas translúcidas de cristal, que é trocada com o outro nubente e representa o compromisso de cuidado e zelo de um pelo outro.

Tal qual o casamento civil, na Umbanda também é verificado com os noivos se é de sua vontade celebrar a união. Novamente é respeitado o livre arbítrio. São realizadas bênçãos com os elementos ritualísticos, unção com o óleo e o sal, benção com as flores e a água, soprada a vida e a luz sobre o casal com a pemba em pó, e formalizada religiosamente a união.

O Caboclo Akuan costumava falar, em tal ritual, que ele mesmo não casava ninguém, dizia que simplesmente confirmava na Terra uma união que já estava sacramentada por Deus e pelo Astral. A fala da entidade que incorporava em nosso saudoso dirigente traduz a beleza do casamento na Umbanda, que celebra na Terra uma vontade consagrada no plano espiritual.



VELÓRIO

[...] Filhos de pemba
A Umbanda chora é Seu Ogum
Que já vai embora.

A vida das pessoas encerra necessidades ritualísticas, sejam religiosas ou cíveis, e por vezes são alegres e em outras nem tanto. Dentre os rituais na Umbanda, encontra-se o Velório, que é o momento de despedida do corpo físico de um ente querido. A despeito da plena certeza de uma vida espiritual que extrapola a existência física, sabe-se que a morte implica em tristeza, inexoravelmente.

O encarne de uma pessoa é a oportunidade de aprendizado e cumprimento de missões, de vivências necessárias para a evolução do espírito. Como tal, compreende determinado tempo e finda com o desencarne, ou com a volta do espírito para o seu estado original e originário, de acordo com as experiências vividas e acumuladas pela pessoa.

Em outras palavras, a morte não representa um fim na Umbanda, mas uma passagem do espírito. Como tal, o rito que cabe neste momento é promovido para que os entes queridos do falecido compreendam o desligamento do espírito, para que peçam uma transição serena para o desencarnado e para as pessoas que permanecem e para que os guias do desencarnado lhe amparem na passagem.

Não há uma ritualística específica, mas sim a orientação de que se apresente o desencarnado, falando sobre a transição de seu espírito e pedindo aos Guias e Entidades que lhe amparem neste momento de mudança de plano. Podem ser cantados pontos, se possível com a presença da Engoma, em louvor a Oxalá e ao Orixá Regente do desencarnado, de modo a homenageá-lo e encerra-se a cerimônia.

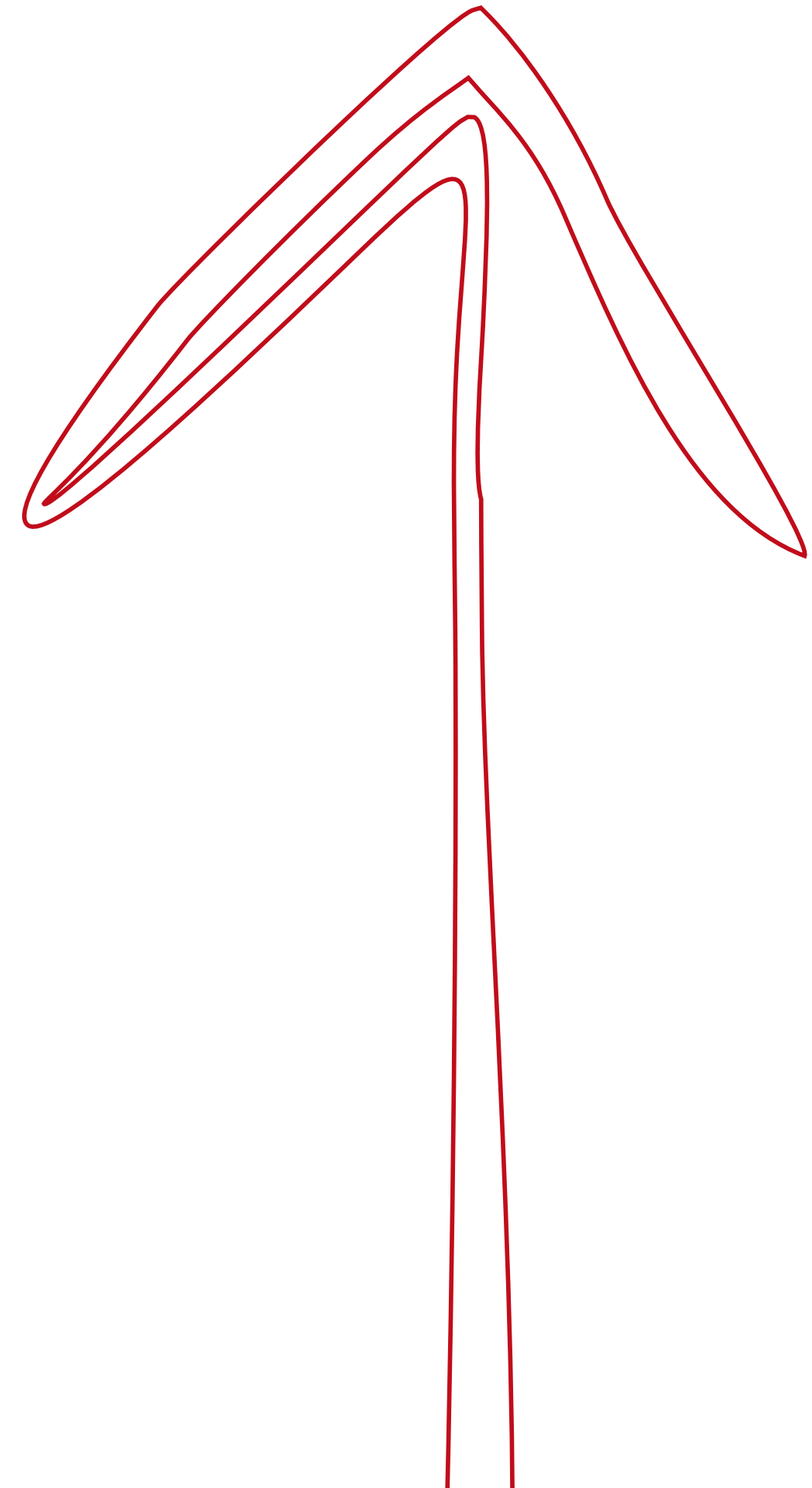
TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

DESENERGIZAÇÃO

Na Umbanda pode ser realizada outra cerimônia por ocasião do desencarne de um médium ativo no Terreiro, caso seja do interesse dos familiares, qual seja a desenergização de pertences utilizados em atividade na Casa.

Dentre tais pertences estão guias, roupas e utensílios empregados em seu dia a dia nas Giras. Os itens devem ser acondicionados em um alguidar e cobertos pelo pano de cabeça, quando este existir. Sobre uma tábua são ladeados por uma vela de sete dias.

O período de queima da vela é observado pelo dirigente do médium que faleceu e os elementos ficam guardados em conjunto no Roncó. Depois disso, coloca-se uma vela simples para cada um dos sete Orixás ao redor da tábua, canta-se um ponto para cada um deles e finalmente o Ponto de Cura do Caboclo Akuan, pedindo-se a cura do espírito do desencarnado e seu encaminhamento no Astral. Findo estes procedimentos é feita a queima dos pertences e quebrado o alguidar cujos resíduos são descartados.



TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

AMALÁ

Como é que pode meu irmão
Cinco pães e dois peixes alimentar a multidão

Dentro dos rituais da Umbanda, o Amalá, também chamado de “entrega” se destaca por propiciar um forte campo energético entre quem o realiza e o mundo espiritual. Consiste, basicamente, da oferenda de elementos físicos para determinado Orixá ou Entidade, sempre feito com um objetivo específico. Pai Fernando esclarece:

> *A comida que se oferece ao Orixá é o Amalá e é um grande campo de força. Muita gente pensa que a finalidade de um Amalá é dar de comer aos espíritos. Erro grosseiro porque o espírito de luz não tem nenhuma necessidade de comidas humanas, por não ter mais corpo físico (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

Ele acrescenta que o ritual é feito com elementos que vibram na sintonia dos espíritos, estreitando laços com elementos da natureza, reunindo as forças do médium e do Orixá. Lembra que em momentos difíceis, seja para cura, equilíbrio ou paz, o Amalá correto resolve o problema; nestes casos os elementos costumam ser indicados por entidades. Em outras situações, a necessidade de entrega de um Amalá e seus elementos, pode ser comunicada através da própria intuição mediúnica. O uso de elementos da natureza, segundo Pai Fernando, faz do umbandista um ecologista em potencial:

> *Qualquer material não biodegradável não deve ser deixado no local da entrega do Amalá, exceto as velas que se queimam e derretem. Se isso não foi possível a pessoa tem a obrigação de ir um ou dois dias após levantar toda a entrega feita. Os materiais usados nos Amalás são: velas, charutos, cigarros, fumo, caixa de fósforos entreaberta, frutas, comidas e bebidas. Todo esse material é biodegradável. O alguidar que é onde se deposita a comida, segundo algumas correntes, forma uma ligação do Amalá com o elemento terra por ser feito de barro. Mas se a entrega for feita no chão, o contato se dá da mesma forma, razão pela qual recomendo que ao invés de um alguidar, se faça um canto bonito com folhas naturais, com folha de bananeira e outras [...] Para a bebida deve ser usado um coité e o que sobrar na garrafa deve ser jogado em círculos em volta do trabalho (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

Conforme se vê, o poder de imantação de um Amalá, seus propósitos específicos e o respeito à natureza são pontos de grande importância. Para sua realização, devem estar presentes quatro elementos principais: a terra (na forma de flores, frutas, alimentos), o ar (na forma do fumo), a água (na forma da bebida entregue) e o fogo (na forma da vela ofertada).

Algumas entregas não levam o fumo, ou seja, não tem charutos ou cigarros em sua composição. Além destes elementos, ainda figura um quinto elemento, etéreo, que é a vontade ou o objetivo da pessoa que faz a entrega.

O Amalá deve conter vela, pelo menos um tipo de alimento e de bebida. Cigarros e charutos podem ser entregues sem acender; ponteiros, pembas e pólvora são proibidos, assim como o uso de carne vermelha e de aves. Indicamos realizar a entrega no Jardim dos Orixás e Canteiro dos Exus.

Como forma de sugestão, descrevemos possíveis composições de Amalás, lembrando que o número de velas e de outros elementos é impar: uma, três, cinco, sete e assim por diante.

ORIXÁ	AMALÁ
Oxalá	vela e flor branca, água, canjica branca.
Ogum	vela branca e vermelha, cerveja branca, aguardente com mel, fruta (destaque para manga espada), amendoim vermelho, peixe de água doce com escama, camarão seco e charuto.
Iemanjá	vela branca e azul, champanhe, manjar branco, rosa branca ou outro tipo de flor branca.
Iansã	vela branca e amarela escura, água, acarajé, milho em espiga coberto com mel, canjica amarela.
Oxóssi	vela verde e branca, cerveja branca, charuto, fruta, peixe de água doce com escama, moganga assada com milho e mel.
Oxum	vela branca e amarela clara, flor amarela, água e canjica branca.
Xangô	vela marrom e branca, charuto, cerveja preta, camarão, quiabo.
Preto Velho	vela branca e preta, banana, tutu de feijão, feijão fradinho, cocada, rapadura, cerveja preta, marafo, flor branca, cachimbo, fumo e cigarro de palha.
Exu	vela vermelha e preta, farofa de milho com pimenta, alho e azeite de dendê, marafo ou bebida da Entidade, charuto e eventualmente flor vermelha. Pombagira: vela vermelha, farofa, vinho branco ou rosé, cigarro, rosas de diversas cores.
Erê	vela branca, rosa ou azul, bala, pirulito, suco ou refrigerante.
Boiadeiro	vela amarela. Comida dentro de uma gamela: arroz integral, virado de feijão preto, batata assada, rapadura, cocada, arroz mineiro, arroz tropeiro, podendo ser usada uma moganga, flores do campo, cigarros ou cigarrilhas, marafo ou batida de coco.
Baiano	vela branca ou amarela, cuscuz, batida de coco, cocada, rapadura, cigarro de palha.
Cigano	vela de cera ou amarela, frutas (como maçã, pêssego e uva), flores, arroz integral e batata assada pequena e descascada com canela e mel. Para o cigano vinho tinto, cigarrilha ou cigarro; para a cigana vinho branco e cigarro.
Marinheiro	vela azul, arroz branco, peixe de água salgada, batata com mel, coco, cigarro, marafo e flores como o cravo.
Mendigo	vela branca, pão, água, marafo ou café, cigarro, moeda.

O elemento fundamental para a realização de uma entrega, contudo, é o carinho e o amor de quem a faz. Desde a escolha das frutas ou da mistura da farofa, a pessoa deve procurar elevar seu espírito, atraindo energias positivas. Bons pensamentos e boas vibrações, somados à força do espírito aumentam a potência do Amalá.

O reconhecimento da manipulação energética que ocorre na realização do Amalá requer um alto desenvolvimento mediúnico e mostra que o médium que o domina é independente e autônomo. Além das entregas realizadas individualmente para as entidades com as quais trabalhamos, fazemos entregas coletivas para entidades e linhas, bem como recebemos orientação dos espíritos para fazermos determinados Amalás.

8. TRABALHO:

elementos e atitudes

Os elementos materiais da Umbanda são simples: as entidades pedem ervas para benzer, água para limpar ou cachaça para descarregar, de acordo com as necessidades do consulente. Evitamos exageros nos pedidos, lembrando que existe uma tradição no uso de elementos que merece ser investigada. O conhecimento de elementos que caracterizam as entidades, passados oralmente de geração em geração, sugerem que os pedidos devem ser analisados com cuidado. A linguagem metafórica que caracteriza os sinais do mundo espiritual costuma se ancorar na observação do uso que as entidades fazem de determinados elementos. Nos tópicos abaixo, explicamos o porquê de alguns procedimentos adotados nas giras, os quais costumam ser grande fonte de indagações.

TERREIRO DO PAI MANECO: UMBANDA PÉS NO CHÃO

ERVAS

Com as ervas sagradas de Oxóssi
O cacique toda a tribo curou.

O uso de ervas para as mais diversas curas é um procedimento comum a toda humanidade, desde as receitas dos chás de avós até o cultivo de plantas contra mau olhado ou olho gordo.

Tais tradições foram incorporadas nos mais diversos trabalhos de Umbanda, o que requer cuidadosa atenção no seu manuseio, pois muitas plantas perdem ou potencializam seus princípios ativos, de acordo com o modo de preparo. Se ministradas aleatoriamente, podem gerar alergias e irritações, inclusive gerando graves problemas de saúde.

No quadro abaixo apresentamos um resumo das principais ervas dedicadas a cada Orixá:

Oxalá	Ogum	Oxóssi	Xangô	Iemanjá	Oxum	Iansã
Boldo	Aroeira	Folha de Maracujá	Folha de Limoeiro	Capim Limão	Erva Cidreira	Folha de Limoeiro
Boldo do Chile	Espada de São Jorge	Folha de Laranjeira	Folha de Café	Chapéu de Couro	Camomila	Folha de Laranjeira
Camomila	Abre Caminho	Erva Cidreira	Erva Moura	Trevo	Arnica	Carqueja
Poejo	Pata de Vaca	Folha de Pitanga		Erva Quaresma	Calêndula	Bambu
Coentro	Losna	Folha de Samambaia		Pata de Vaca		Espada de Sta. Bárbara

Aconselha-se aos médiuns não prescrever o uso de plantas sem o devido conhecimento das propriedades de tal vegetal. Neste aspecto, o auxílio do Cambone é de grande valia, podendo contribuir para um melhor atendimento.

É fundamental lembrarmos que o médium é um eterno aprendiz e que não se pratica a caridade somente com os ensinamentos das entidades: é importante também ampliar os conhecimentos pessoais para, com isso, facilitar o trabalho dos espíritos, dar segurança aos trabalhos e, principalmente, praticar a Umbanda de forma correta e consciente.

As ervas e as plantas, além da defumação, podem ser utilizadas de várias maneiras, às quais procuramos explicitar muito resumidamente na página seguinte:

MODOS DE PREPARO DE ERVAS	
Banho	Infusão com 1, 3, 5 ou 7 ervas, deve ser jogada no topo da cabeça. De acordo com a mistura atrai ou repele energia.
Bate Folhas	Amarrado de ervas, devidamente benzido e cruzado, utilizado pelas entidades para a limpeza dos consulentes.
Emplastro, cataplasma ou unguento	Preparado de ervas e resinas que é colocado sobre o corpo do doente para promover uma cura mais rápida, técnica usualmente adotada para melhorar a cicatrização e o desaparecimento de hematomas.
Decocção	Usada no preparo de chás com raiz, casca ou semente. Quinze a trinta minutos em ebulição liberam os princípios ativos.
Garrafada	Mistura de várias ervas, um tradicional remédio caseiro para passar na pele.
Inalação	O vapor d'água com ervas atua no sistema respiratório, com resultado eficaz em problemas de garganta, gripe e resfriado.
Infusão	Verter água fervendo sobre a erva, tapar o recipiente e esperar esfriar, ideal para folhas e flores.
Maceração	Imersão de ervas em água fria durante dez a vinte e quatro horas, para que o líquido adquira as propriedades das plantas escolhidas.
Maçarocada	Mistura de ervas amassadas e picadas usadas para alimentar o alguidar.

BANHO DE ERVAS

O banho de ervas manipula energias, revitalizando ou descarregando o corpo astral e/ou campo energético. Pode ser usado para lavar locais específicos, mas sua função primeira e mais utilizada é a limpeza energética do corpo físico, seja ele humano ou de outro animal.

O banho utilizado no Amaci é o quinado, isto é, preparado com água fria, na qual ervas maceradas formam uma massa com sumo. Costuma ser despejada na cabeça do médium com pedaços de ervas.

Os demais banhos ritualísticos costumam ser realizados por meio de infusão, isto é, com o despejo de água quente sobre as ervas, mistura que, quando atinge uma temperatura amena, é derramada sobre a cabeça, de onde escorre pelo resto do corpo. Sempre que possível, devemos evitar a secagem com a toalha, para que o corpo tenha tempo para absorver os benefícios do banho.

DEFUMAÇÃO

Defuma Defumador
Essa casa de Nosso Senhor.

A defumação transforma a energia de ambientes e de pessoas, com o objetivo de propiciar um maior equilíbrio energético. Resinas e ervas específicas são queimadas em recipiente adequado (turíbulo), sendo que a fumaça é espalhada, manipulado por médiuns previamente escolhidos. As energias benéficas provenientes da defumação formam barreiras fluídicas que afastam emoções e sentimentos negativos, além de espíritos inferiores. Os efeitos da defumação são temporários, razão pela qual sua renovação deve ser periódica.

A defumação é realizada no começo dos trabalhos de Umbanda e inicia no Assentamento, passa pelos quatro cantos do Terreiro, no Congá e na firmeza da Engoma. Defumam-se então as pessoas, obedecendo a seguinte ordem: Dirigentes, Pais e Mães Pequenas, Capitães, Ogans e Sambas, em seguida defuma-se a corrente, finalizando com a defumação da assistência. As pessoas, para a defumação, devem manter o pensamento elevado, se posicionarem de frente para o turíbulo e girar 360° no sentido horário para que a fumaça envolva todas as partes do corpo.

Eventualmente podem ser solicitadas defumações em outros ambientes, tais como residências ou locais de trabalho pessoais. Este tipo de procedimento deve ser previamente autorizado pelo dirigente, o qual determina quais as ervas que devem ser usadas e quais as regras que a pessoa que fará a defumação deve seguir. Normalmente é solicitado o uso do branco e das guias e a entoação de pontos.

PONTO CANTADO

Sete vezes cantar
Sete beiras abrir
Sete Ponteiras do Mar.

Cada canção entoada durante a sessão mediúnica é chamada de ponto cantado; conduz o ritual, invoca a descida e a subida de entidades, potencializa os trabalhos de cura, promove a integração da corrente. É o mantra da Umbanda.

Mantém a unidade adequada a cada gira, pois ao ser cantado pela corrente, faz com que estejamos todos vibrando na mesma sintonia e aptos a realizar o trabalho de acordo com as demandas espirituais. No canto está a força da conexão com os espíritos.

Existem tipos distintos de ponto cantado: de louvação, de chamada, de subida, individual, de linha, de trabalho, de ocasiões especiais, de raiz, etc. Tais pontos são constantemente estudados no Terreiro do Pai Maneco, por grupos da Engoma que fazem gravações, se apresentam em eventos culturais e procedem à atualização do livro de pontos, recebendo novas composições e melodias, no constante movimento e transformação que caracterizam a espiritualidade.

Entidades da Umbanda que incorporam desde a criação da religião têm pontos conhecidos nacionalmente. Espíritos que assumiram seu compromisso com a Umbanda no Terreiro do Pai Maneco costumam informar seu ponto cantado através da comunicação mediúnica, seja por meio da fala enquanto incorporado ou através da intuição dirigida a um médium específico, já que determinadas pessoas possuem a característica de entrar mais facilmente na frequência musical.

O ponto de louvação é um ponto no qual não incorporamos, costuma ser chamado no início de cada linha, numa espécie de oração dos médiuns dirigida ao Orixá. É também o tipo de ponto utilizado no jogo do Obi.

O ponto de chamada e de subida, conforme o próprio nome esclarece, conclama as entidades para o trabalho e define a hora de irem embora; nenhum espírito deve chegar antes do ponto de chamada nem permanecer depois de cantado o ponto de subida.

O ponto individual chama uma entidade específica e sobre ele Pai Fernando afirma:

> *Em um ponto cantado de uma Entidade, dificilmente um obsessor e ou mistificador se faz passar por ele. Exemplificando, se vai chamar o Pai Joaquim de Angola no seu ponto certo, conhecido e tradicional naquela Casa, nenhuma Entidade mistificadora se fará passar por ele, por que a responsabilidade da eventual falsidade vai lhe acarretar a obrigação de responder pelo ato perante o próprio Pai Joaquim, o que nenhum obsessor com certeza quer (GUIMARÃES, 2017, s/p).*

Capaz de fortalecer o vínculo entre médium e espírito, o ponto individual identifica o nome do espírito dentro da falange e da linha na qual trabalha. O Caboclo Tucunauê, por exemplo, trabalha na falange dos Rompe Mato, que é da linha de Ogum.

O ponto de linha é um ponto geral, serve para chamar Caboclos de Ogum, Oxóssi, Iemanjá, Pretos Velhos, Baianos e assim por diante. É importante para o desenvolvimento da corrente, pois antes de sabermos o nome das entidades com as quais trabalhamos, incorporamos em pontos de linha, os quais se destinam a todos os espíritos que trabalham em determinada vibração. É fundamental para a sustentação da gira durante todo o trabalho.

O ponto de trabalho é entoado para realizar curas e fortalecimentos, desmanchar demandas negativas, equilibrar a relação com a matéria e muitas outras funções, de acordo com a necessidade da pessoa. Conclamam as forças da natureza, ou seja, do mar, do rio, da mata e da pedreira, as quais envolvem imaginários adequados aos processos mágicos, formando uma egrégora propícia para os rituais.

Os pontos de ocasiões especiais são destinados aos rituais anteriormente explicitados e incluem, ainda, aqueles para a visita de dirigentes de outras casas.

Os pontos de raiz foram criados na Tenda Nossa Senhora da Piedade e chegaram ao conhecimento dos frequentadores do Terreiro do Pai Maneco através da pesquisa de Mãe Lucilia e em palestras.

PEMBA

Segura o ponto meu pai
Que estou com a pemba na mão.

Na tradição religiosa africana, a pemba é feita com um pó branco extraído dos montes brancos de Kabanda e da água do Rio Divino U Sil; tais elementos, trabalhados com fogo e ar, formam uma espécie de giz poroso. Hoje em dia, são utilizadas pembas industrializadas e de várias cores, conforme o Orixá.

Catalisadora de energia, a pemba é considerada sagrada e tem um poder ritualístico fundamental na Umbanda por usar, na sua composição, os quatro elementos básicos da magia: água, fogo, terra e ar. Responde às determinações do manipulador, Guia espiritual que reúne seus conhecimentos aos do médium com o qual trabalha. Sua utilização deve ser feita com cautela, de acordo com a orientação Espiritual dos dirigentes.

Cada cor de pemba contém vibrações específicas: a branca é harmonizadora, podendo ser usada por qualquer entidade; as coloridas (vermelha, rosa, amarela, marrom, azul, preta ou verde), correspondem a outras ondas cromáticas, de acordo com a teoria das cores[13].

Seu uso é reservado para pontos riscados ou trabalhos específicos, em consonância com a cor atribuída à linha espiritual.

[13] As atribuições espirituais e psicológicas das cores, objeto de pesquisa da cromoterapia, vão além do recorte teórico do livro e podem ser encontradas em diversas publicações.

PONTEIRO

Salve o seu ponteiro de aço
Salve a sua tesoura
Que corta todo embaraço.

O ponteiro, de ferro ou de aço, é um instrumento de metal semelhante a uma faca, que por sua composição e formato é um excelente condutor de energia. Com ele as Entidades firmam o trabalho que estão executando, expandindo ou atraindo a energia para o espaço magnético do ponto riscado.

No Terreiro do Pai Maneco cada ponteiro possui o cabo na cor da linha que está sendo trabalhada e, por ser um objeto cortante, não deve ser utilizado fora do ponto riscado, salvo mediante prévia autorização da hierarquia.

VELA

A fé na Umbanda
Acende a vela que ilumina
Abre a janela, abre a cortina
Para luz entrar.

Feita de cera ou parafina, a vela é uma fonte de luz e de calor utilizada pelos humanos para os mais diversos fins. Cada Entidade acende vela no ponto riscado e na vela pode trabalhar para os consulentes. Em trabalhos que reúnem várias entidades no meio do Terreiro, a luz das velas pode ser utilizada no Assentamento.

Conforme elucidado nos capítulos anteriores, no início da gira, a hierarquia acende velas na Tronqueira, no Congá, na casa dos Exus, no Roncó e nos demais locais que se façam necessários, como os Quartilhões, destinados aos pedidos de ajuda.

Indicamos que cada pessoa se concentre ao acender uma vela, pois a energia do médium, somada à energia do fogo, vibrarão em uníssono no plano espiritual.

Ao acender velas para qualquer fim é importante saber que a vela absorve a energia mental de quem a acende e é essa energia que o plano espiritual trabalha. É importante lembrar que a vibração de nossos sentimentos é o primeiro elemento a ser captado pelos espíritos.

Desaconselhamos acender velas em casa, pois espíritos menos evoluídos podem ficar imantados com a energia da mesma, podendo inclusive atrair vibrações negativas ao ambiente.

FUMO

A fumaça do cachimbo da vovó
Sobe bem alto só não vê quem não quer
O cachimbo da vovó tem mironga
Na barra da saia, na sola do pé.

O fumo é comum em alguns cultos religiosos, e seu uso tem exceção registrada na lei antitabagismo, conforme legislação municipal n.º 13.254/2009, artigo 4º, inciso I. Questão controversa na Umbanda, tradicionalmente o fumo é utilizado para desmanchar energias negativas nas pessoas e nos ambientes. O tabaco é uma erva medicinal que promove curas quando devidamente usada e que foi historicamente vinculado à proteção contra maus espíritos.

Os Tupis-Guaranis consideravam o fumo um elemento sagrado, sendo que o sopro da fumaça traduzia o momento do transe do pajé. Cigarros, cigarrilhas, charutos e cachimbos das mais variadas formas passam, com o tempo, a compor os elementos utilizados na Umbanda. Os malefícios do fumo, contudo, passam a ser estudados mundialmente e aconselha-se que seu uso seja moderado ou evitado.

Para Camila Guimarães (2018, s/p): “As entidades podem se valer da limpeza utilizando outros elementos e compete a nós, médiuns, fazer uso dessa terceira energia, nos posicionando pelo bom senso, sem jogar fumaça na cara dos outros”. Ela relembra que, durante uma gira, o Caboclo Akuan chamou várias crianças para o meio do Terreiro e avisou a corrente que não seria mais permitido fumar no espaço destinado à vibração coletiva. O uso do fumo, desde então, é permitido apenas quando a entidade está no toco, atendendo os consulentes.

Lembramos, ainda, que a cinza do fumo pode ser utilizada para a limpeza astral das pessoas e que existem várias ervas, como sálvia, calêndula, hibisco e alfazema, as quais podem substituir o uso do tabaco.

ÁLCOOL

Flor de laranja vovó pegou
Trouxe pro terreiro cuscuz e marafo [...].

Elemento que pode ser usado com propósitos mágicos, o álcool tem grande capacidade de descarregar energias negativas, promovendo a limpeza das pessoas e dos ambientes.

Assim como acontece com o fumo, os malefícios provenientes do excesso de uso ou da dependência química e psicológica são amplamente conhecidos.

Por tal razão, cada vez mais percebemos a diminuição de ingestão alcoólica por parte dos médiuns, fato incentivado pelos dirigentes do Terreiro do Pai Maneco. Devemos levar em conta, ainda, que muitas pessoas vão ao Terreiro para procurar ajuda contra o alcoolismo, fato que reitera nossa preocupação com o uso de tal elemento.

Aconselha-se, no lugar da ingestão da bebida alcoólica, deixá-la em um recipiente sobre a tábua com o ponto riscado, para que a evaporação produza o necessário descarrego. A título de conclusão deste tópico, é importante pontuar que muitas pessoas, depois de realizado o trabalho mediúnico, voltam para casa dirigindo seus carros. Resíduos da ingestão alcoólica podem permanecer no corpo, o que acarreta séria infração nas leis de trânsito.

PÓLVORA

Só bota fogo quem sabe botar
O meu ponto é seguro não pode falhar.

A pólvora, também chamada de fundango, é usada em trabalhos de descarrego, para limpar miasmas e vibrações negativas muito intensas, cujas cargas maléficas estejam aderidas ao perispírito da pessoa. A queima e a explosão provocam o deslocamento do ar, cuja repercussão no plano Astral realiza a limpeza do perispírito.

Por ser um tipo de trabalho que lida com energias muito densas, o descarrego com pólvora só deve ser feito por Entidades e médiuns previamente autorizados. Acompanhado por ponto cantado específico, depois da explosão da pólvora, as pessoas devem passar a mão pelo corpo como se o estivessem limpando, a fim de descarregar a energia liberada no ambiente.

Pode ser usada na forma de um círculo, dentro do qual fica o médium que está sendo descarregado, em pontos riscados ou trabalhos de magia que utilizam a energia do Assentamento e do Congá.

CHACRAS

É no idioma sânscrito que encontramos, pela primeira vez, a definição do termo chacra, significando partes específicas do corpo sensível ou espiritual, o qual se estende para além do corpo físico. Provindo do hinduísmo, o conceito de chacra é estudado e adaptado por diversas terapias e religiões.

Espécie de roda de luz que perpassa o corpo físico em locais específicos, cada chacra se situa no corpo astral e é responsável pelo equilíbrio energético das pessoas. Muito embora seu estudo seja extenso, o que interessa aos umbandistas é a estreita correlação entre chacra e passe mediúnico.

No Terreiro do Pai Maneco, adotamos o número de sete chacras, correspondentes a determinadas partes do corpo físico, de acordo com o quadro a seguir:

CHACRA	LOCAL	COR	CARACTERÍSTICAS
Básico ou Sacro	Base da coluna	Vermelho	Ligação com a Terra
Esplênico	Baixo ventre	Laranja	Sentimentos
Gástrico ou Umbilical	Plexo solar	Amarelo	Autoexpressão
Cardíaco	Coração	Verde	Equilíbrio
Laríngeo	Garganta	Azul claro	Comunicação
Frontal	Testa	Azul índigo	Terceira visão, Intuição
Corolário	Topo da cabeça	Violeta ou Branco	Vento

Para se trabalhar nos chacras, mais uma vez enfatizamos, não é necessário tocar na pessoa, pois eles são campos de energia localizados no perispírito. É importante, contudo, que o médium que esteja dando a vibração, nome dado por umbandistas ao passe mediúnico, tenha consciência de que, de acordo com o local do corpo no qual realiza a imposição das mãos obterá determinado tipo de efeito. É importante prestar atenção, ainda, nos locais do corpo em que a entidade, incorporada, conduz as mãos do médium; tal observação permite a compreensão do tipo de situação com a qual estamos lidando.

Para concluir, lembramos que o chacra frontal, responsável pela terceira visão e o corolário, a coroa do médium, só podem ser trabalhados por Pais ou Mães de Santo ou membros da hierarquia.

VESTUÁRIO

Filho de Maria Conga
Só veste branco neste Congá.

A roupa branca é a vestimenta usada pelos médiuns do Terreiro do Pai Maneco. As mulheres usam saia com uma calça por baixo para poderem se movimentar com tranquilidade e os homens usam calças compridas, de preferência de um tecido resistente e confortável.

Camisas ou camisetas podem apresentar estampas discretas, desde que condizentes com o trabalho, ou seja, com a representação de Orixás ou outros elementos da Umbanda. Todos os médiuns usam, na cintura, uma faixa com a cor do seu Orixá de cabeça.

Nos pés usamos meias ou sapatilhas com material antiderrapante ou alpargatas, cuja sola é de corda. Pedimos para evitar solados de couro e borracha, os quais são isolantes e não permitem que a energia seja trabalhada de forma adequada.

Nas giras de Quimbanda pode-se usar o branco, dando preferência, contudo às roupas pretas e vermelhas. As faixas da cintura são vermelhas, ou vermelhas com uma pequena listra preta. Fica a critério dos dirigentes o uso de capas e de roupas específicas para determinadas entidades.

É proibido o uso de chapéu e capuz, sendo que eventuais dúvidas devem ser sanadas junto à hierarquia de cada Gira. Aconselha-se, contudo, que sejam evitados os trajes cujo uso possa causar desconforto para o médium, já que o trabalho de caridade prima por simplicidade e discrição.

Pedimos ainda que os médiuns evitem o uso exagerado de adereços, tais como brincos, anéis e pulseiras que possam atrapalhar tanto na hora dos cumprimentos como na vibração. Os adereços utilizados pelas entidades devem ser colocados no ponto e vestidos apenas após a incorporação.

CUMPRIMENTOS E POSTURAS

Bate a cabeça filhos de Umbanda
Bate a cabeça, filhos de fé.

Se observarmos os rituais de inúmeras religiões, encontraremos neles um sentido comum: o de invocar divindades e forças espirituais através de atos e práticas que predispõem à harmonização e o equilíbrio. Também na Umbanda, determinadas posturas e cumprimentos são realizados pelos médiuns, com o intuito de preparar o psiquismo e obter o equilíbrio astral e físico.

A corrente mediúnica ou vibratória é composta pela reunião dos médiuns em torno do Congá. Mediante solicitação da entidade dirigente, e dependendo do teor do trabalho, os médiuns podem ser convocados a dar as mãos uns aos outros: a mão direita fica com a palma para baixo e a esquerda para cima. Esta postura, de acordo com estudos realizados, permite que a mão direita receba e que a esquerda doe energia. Além de propiciar o equilíbrio mediúnico, dar as mãos indica que está sendo solicitada uma maior atenção da corrente.

Corpo estirado ou de joelhos toca-se o chão com a testa, numa postura conhecida por "bater a cabeça". A tradução para o Iorubá é dobalê e significa respeito. Batemos a cabeça em sinal de humildade, respeito e devoção ao Congá, aos Orixás e aos dirigentes. Também, é uma forma de absorção de energias benéficas e ou de descarga de energias, as quais entram em contato com a terra.

Assim como bater a cabeça, o ajoelhar-se denota respeito, obediência e humildade; seu sentido se torna óbvio a partir do sincretismo com o catolicismo.

Bater os dedos no chão (três vezes) e depois tocar a fronte, o lado direito da cabeça e a nuca têm como finalidade demonstrar humildade, respeito e devoção. Deve ser feito para saudar Orixás, Guias, Congá, Assentamento e a firmeza da Engoma. A mesma saudação é realizada na Casa dos Exus e, mediante prévia autorização, quando se entra em um dos Roncós.

Ao iniciarmos os trabalhos, pedimos Mucuiu para os dirigentes e demais membros da hierarquia, salvo quando, em função do elevado número de médiuns o dirigente dispense tal formalidade, abençoando a todos no início do trabalho. Tal cumprimento simboliza o respeito e a confiança do médium na parte material e espiritual dos trabalhos.

O cumprimento dos médiuns para a hierarquia é realizado da seguinte maneira: de mãos dadas, o médium beija a mão do membro da hierarquia e a coloca na testa, pedindo Mucuiu, que significa pedir a benção. A resposta é Mucuiu no Zambi, que traduzido para o português pode ser compreendido como "que os Orixás lhe abençoem".

Entre os membros da hierarquia, o cumprimento também é realizado de mãos dadas, sendo que as mãos são beijadas três vezes por cada um: primeiro a mão do colega, depois a sua própria mão e novamente a do colega.

O cumprimento de ombro a ombro, ou abraço de ombro a ombro, é realizado com o toque triplo e invertido por três vezes, representando a amizade, a fraternidade e a igualdade. Tal cumprimento é característico do Caboclo, mas acontece apenas em ocasiões quando a entidade evidencia os sentimentos acima mencionados.

Como cada Linha de Entidades têm seus cumprimentos característicos, assim como cada Casa tem o seu, passamos a informar os mais usuais no Terreiro do Pai Maneco, lembrando sempre que estão passíveis de variações.

CUMPRIMENTOS USUAIS DAS ENTIDADES	
Caboclo de Ogum	Mãos fechadas, uma sobre a outra, encosta na pessoa alternadamente por três vezes.
Caboclo de Oxóssi	Mãos fechadas ou com dois dedos esticados, uma sobre a outra.
Caboclo de Xangô	Mãos fechadas, uma sobre a outra, com rápidos contatos entre elas.
Pretos Velhos	Beijam as mãos reciprocamente, sendo que médium ou consulente devem levá-la à testa.
Erê	Beijo em uma das mãos e encosta na testa e ou com as mãos fechadas encostadas a Entidade as oferece que é retribuída apertando-a entre as suas.
Exu e Pombagira	Punhos cruzados, para cima ou para baixo, deve ser cumprimentado com os punhos também cruzados, de acordo com a posição adotada pela entidade.
Boiadeiro, Marinheiro e Baiano	Três apertos com a mão direita, alternando o movimento no sentido da palma da mão, do polegar e da palma da mão novamente.
Oriente	A entidade, com as mãos fechadas, oferece à outra que retribui apertando-as entre as suas.
Cigano	Com os dedos entrelaçados, encostam as palmas das mãos nas palmas do colega, depois as costas e novamente as palmas; podem também beijar ambas as mãos, uma de cada vez.

Expostas as principais posturas e as mais usuais formas de cumprimento, lembramos, para finalizar, que o melhor meio de aprendizagem é a prática umbandista realizada nas Giras.

Muito embora a teoria seja indispensável para a compreensão inicial do ritual, por auxiliar na compreensão do andamento do trabalho, é importante pontuar que muitas coisas que acontecem de forma distinta daquela aqui explanada não podem ser consideradas equivocadas. A dinâmica do trabalho faz com que novas posturas e cumprimentos possam ser adotados, ou ainda, mesmo que cumprimentada de forma equivocada, quando se trata de uma pessoa da assistência ou de um médium iniciante, as entidades costumam ser pacientes e compreensivas: o amor que colocamos em cada saudação é mais importante do que a forma com a qual o cumprimento é realizado.

ELEMENTOS PERMITIDOS E PROIBIDOS

Para concluir o capítulo, elencamos na página seguinte, alguns elementos específicos que podem ser usados nas giras e outros cujo uso não é permitido no Terreiro do Pai Maneco.

Muito embora alguns deles já tenham sido tratados em capítulos anteriores, a reunião dos mesmos neste tópico visa facilitar a compreensão dos médiuns diante do agrupamento de informações. Tanto a autorização quanto a proibição têm por objetivo padronizar o material utilizado, visando o bem estar de todos.

AUTORIZADO
Uso de flores e frutos para trabalhos
Uso de flores flor ou de lenço na cabeça
Baralho, leque e castanhola, lenço para apoio de material, corrente com medalhão, em giras de Cigano
Cigarro ou cigarrilha em giras de linhas Neutras
Bebidas alcoólicas, menos em giras de linhas Neutras
Velas de cera, branca, azul, rosa ou amarela (linhas Neutras)
Pemba vermelha para Ogum com autorização do dirigente
Adaga e faca sem fio com autorização do dirigente
Guias de proteção: Orixá, Terreiro do Pai Maneco (7 linhas), Caboclo 7 Ponteiras do Mar, Exu Tranca Ruas das Almas, Exu Tata Caveira e Seu Zé Pelintra

NÃO AUTORIZADO
Riscar ponto em giras de linhas Neutras
Chapéu e cartola, sob nenhuma hipótese
Óleo, incenso, perfume e almofada
Anéis, pulseiras e demais adereços pontiagudos ou em excesso
Adaga ou facas afiadas
Capas para Pombagiras (com exceção para as que já as usam)
Oferecer bebida alcoólica para consulentes, assistência ou corrente
Em hipótese alguma se pode tocar no consulente durante as vibrações
Beber ou fumar no meio do terreiro
Fazer previsões que interfiram no livre arbítrio das pessoas, como morte ou adultério
Trabalhos de amarrações de qualquer tipo
Camiseta regata e bermuda
Dar consultas e/ou conversar com a assistência durante a vibração
Usar guias ou roupas de trabalho para auxiliar na vibração de consulentes
Bebidas alcoólicas em linhas Neutras

Lembramos ainda que o uso de pólvora, os trabalhos de meio e o cruzamento de guias, patuás, imagens ou afins são prerrogativas dos Pais e Mães de Santo e dos Pais e Mães Pequenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das qualidades do livro que agora se encerra, é mostrar o quanto a pesquisa e a elaboração textual abrem caminho para a realização de muitos outros trabalhos investigativos. A riqueza de material que o Umbandista tem a seu dispor pode representar significativa diferença no que concerne à preservação da cultura brasileira, em suas miscigenações raciais, culturais e religiosas.

Ao tratarmos de religiosidade, procuramos nos conectar com o reino do sagrado e com a possibilidade de transcendência e, para nós, a convivência espiritual nas giras é um relevante manancial de informações a serem analisadas. A experiência mediúnica nos habilita a rever nossa própria história, a respeitar a ancestralidade e a ter fé no futuro, já que a imortalidade da alma é tão segura quanto sua constante transformação material.

Conhecer as normas da casa que frequentamos, é um modo de nos adaptarmos e conseguirmos ter um convívio agradável com os demais. Entender as características dos Orixás e dos espíritos é necessário para uma boa atuação como médium. Estudar a Umbanda é inevitável para quem deseja compreender melhor as manifestações espirituais.

Muito embora saibamos que o caráter racional do texto escrito jamais dará conta de uma comunicação espiritual, pensamos que a reflexão teórica possa ser a parte complementar da informação transmitida pelas entidades. Sabemos que muitos Guias que trabalham na Umbanda tiveram encarnações de elevada cultura e conhecimento intelectual, o que certamente os faz apreciar o empenho conjunto para esta publicação.

Esperamos, para concluir, que este livro represente o início de mais uma etapa dos estudos mediúnicos da casa e agradecemos a oportunidade de trazer para a linguagem escrita, parte daquilo que nos move: o amor pela espiritualidade e a certeza da continuidade da vida material em outros estágios evolutivos.

Tomamos a liberdade de encerrar o texto com a palavra adotada por Pai Fernando para desejar energias positivas para seus filhos:

Axé.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Hilton. Conversas com Pai Fernando de Ogum. Terreiro do Pai Maneco. Edição Lucilia Guimarães: Curitiba. 2015.

AZEVEDO, Jocelen Silva e AZEVEDO, Hilton. Curso de Iniciação à Umbanda - Terreiro do Pai Maneco. Edição do autor: Curitiba. 2016.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4.ed. rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CURITIBA.Lei 13.254 de 19 de ago. de 2009. Dispõe sobre as restrições ao uso de produtos fumígenos no município de Curitiba. Curitiba, PR, ago.2009.

GARCIA, Eder Longas e GUIMARÃES, Lucilia Mello. História da Umbanda. Disponível em:< https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/historia-da-umbanda-caboclo-das-sete-encruzilhadas/>. Acesso em: 14 nov.2017.

GUIMARÃES, Camila. O Fumo na Umbanda. 2018. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2018/07/14/o-fumo-na-umbanda/>. Acesso em: 26 dez. 2018.

GUIMARÃES, Fernando Macedo. As Entidades Dirigentes do TPM. 2010. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/entidades/entidades-dirigentes-do-tpm/ >. Acesso em: 7 jan 2019.

_____. Grifos do Passado. Terreiro do Pai Maneco: Curitiba, 2004.

_____. Primeiro Encontro do Terreiro do Pai Maneco. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T66OJTgy9V8>. Acesso em: 15 jul. 2018.

_____. Umbanda Pés no Chão - Terreiro Pai Maneco. 2017. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2017/07/27/umbanda-pes-no-chao/>.Acesso em: 23 mar 2018.

_____. Nossa Engoma é a alma musical. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/nossa-engoma-e-a-alma-musical/>. Acesso em: 26 dez. 2018.

GUIMARÃES, Gustavo Munhoz da Rocha. A Obrigação na Umbanda. 2017. Disponível em:< https://www.paimaneco.org.br/2017/06/26/a-obrigacao-na-umbanda/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

GUIMARÃES, Lucilia Mello. Terreiro do Pai Maneco completa 30 anos. 2017. Disponível em: < https://www.paimaneco.org.br/2017/02/02/terreiro-do-pai-maneco-completa-30-anos/> Acesso em: 2 set. 2018.

GRUPO DE ESTUDOS DO TERREIRO DO PAI MANECO. As Ervas e as Plantas no Terreiro do Pai Maneco. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/sitenovo/wp-content/uploads/2018/04/ERVAS-TERREIRO-PAI-MANECO.pdf>. Acesso em: 22 mai 2017.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Federação Espírita Brasileira: Brasília, 2015.

MENDES, Maria Cristina. O Canto e os Orixás. Terreiro do Pai Maneco: Curitiba. 2014.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues--brasileiro>. Acesso em: 10 mar. 2018

MORAES, Zélio Fernandino de. Áudio. 30:11min. 1970. Disponível em: < https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/historia-da-umbanda-caboclo-das-sete-encruzilhadas/ > Acesso em: 14 nov.2017.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____. Por que Exu é o primeiro? 2005. Disponível em: <http://web.fflch.usp.br/sociologia/prandi/exu2005.htm>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GRUPO DE ESTUDOS

Fabiano Florin Pereira
Fernanda Pawluzyk Rios
Iéri do Amaral Schroeder
Izabel Cristina dos Santos
Jarbas Zanetti Torres Pereira
Karla Carnasciali dos Santos
Marco Antônio Hilbert Pinheiro Guimarães
Mary Alice Meyer
Rita de Cássia Osório Rosa Granelli
Silvia Marilei Marques Tabaca
Thyago Luiz Barbeta de Paula
Walkiria Ferreira Gomes

EQUIPE EDITORIAL

Organização
Lucília Mello Guimarães

Autoria
Laércio Ricardo Mattana Carollo
Maria Cristina Mendes

Revisão de conteúdo
Carolina de Castro Wanderley
Fabiano Dalla Bona

Revisão de texto
Fabiano Dalla Bona
Graciette Lyane Andrade

Projeto gráfico e capa
Mauricio Arenhart

TERREIRO DO
PAI MANECO

Corrente do Caboclo Akuan

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-917702-1-2
9 788591 770212